

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGLIN)

LIZANDRA CAIRES DO PRADO

SINTAXE DOS DETERMINANTES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
EASPECTOS DE SUA AQUISIÇÃO

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

LIZANDRA CAIRES DO PRADO

**SINTAXE DOS DETERMINANTES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
E ASPECTOS DE SUA AQUISIÇÃO**

Texto de defesa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGLin, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Stella
Cardoso Lessa de Oliveira

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

Prado, Lizandra Caires do.

P917s Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição / Lizandra Caires do Prado, 2014.
162f.: il.; algumas color.

Orientador (a): Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2014.

Referências: f. 126-131.

1. Língua brasileira de sinais - Localizadores. 2. Libras - Sintaxe gerativa. 3. Determinantes - Geometria de traços. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 419

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Syntax of determinant category in the brazilian sign language and aspects of your acquisition

Palavras-chave em inglês: Brazilian Sign Language. Localizers. Generative Theory. Libras acquisition

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB); Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB); Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima Salles (UnB)

Data da defesa: 26 de fevereiro de 2014

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

LIZANDRA CAIRES DO PRADO

**SINTAXE DOS DETERMINANTES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
EASPECTOS DE SUA AQUISIÇÃO**

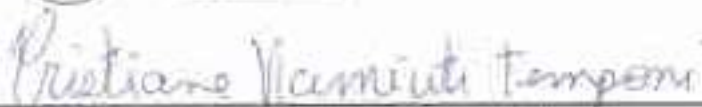
Texto de defesa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGLin, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 26 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB)
(Orientadora)



Prof.^a. Dr.^a. Cristiane Namiuti Temponi (UESB)



Prof.^a. Dr.^a. Heloisa Maria Moreira Lima Salles (UnB)

A Nailda, Giovanna, Helder e Adriana, pessoas especiais em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Após meses de muito trabalho, pesquisas, leituras, escritas e reescritas, chega um momento especial e não menos importante. É muito bom poder agradecer a todos os que contribuíram para a realização deste estudo.

Inicialmente, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGLin, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia–UESB e aos seus professores. Em especial, agradeço pelos momentos filosóficos com o professor Dr. Jorge Miranda, nos quais discutimos acerca da Filosofia da Linguagem, segundo as perspectivas de Heidegger, Cassirer, Descartes e Aristóteles etc. Destes momentos, fica o pensamento de que “somos através da linguagem”. Além da filosofia, tivemos momentos superinteressantes com o Prof. Dr. Jorge Viana, porque, através das suas aulas, fizemos uma linda viagem ao longo da história dos estudos da linguagem, desde a antiguidade aos dias atuais.

Agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa, bem como a UESB.

Agradeço a Pr^{fa}. Dr^a. Heloísa Maria Salles, pela gentileza em aceitar participar da minha banca de defesa, deslocando-se de tão longe.

Agradeço à Pr^{fa}. Dr^a. Vera Pacheco pela profícua participação na banca de qualificação, pela dedicação na leitura do trabalho e pelas sugestões.

Agradeço à Pr^{fa}. Dr^a. Cristiane Namiuti Temponi pelo constante interesse por este estudo, desde os estágios iniciais dos trabalhos nas apresentações de resultados parciais nos eventos, nas conversas sobre questões várias a respeito deste estudo durante as aulas da disciplina de Sintaxe do programa e, em especial, pela contribuição inestimável na qualificação e participação na defesa.

Com relação a minha orientadora, torna-se difícil expressar em palavras a gratidão, o respeito e a admiração que tenho, seja pela pessoa, seja pela profissional. A Pr^{fa}. Dr^a. Adriana, como o próprio nome diz, é mais que uma excelente professora, é uma estrela, “Stella”, que ilumina o caminho de todos os que se lhe compartilha a estrada da vida. Muito, muito obrigada a essa pessoa tão linda que eu tive a sorte de compartilhar uma etapa da vida. Não há como dizer o quanto aprendi, o quanto amadureci com as conversas, com as aulas, as orientações e, mais que isso, com as observações do seu caráter ilibado. Para mim, a professora Adriana será sempre uma pessoa muito querida, uma amiga e um modelo de profissional.

Agradeço também a minha querida amiga, Prof^a. M^a. Maria Antonieta Tigre Almeida, com quem aprendi a Língua Brasileira de Sinais. Pessoa mais que dedicada ao seu trabalho

com os surdos e com as necessidades dessa comunidade, ela é sempre admirada e respeitada por onde quer que passe, agregando amigos em prol de um bem comum.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e pela compreensão em relação aos momentos com os quais não pude compartilhar, devido ao tempo necessário de dedicação para a realização deste estudo.

Agradeço aos meus queridos amigos do Centro Espírita Pena Branca. A Cláudio e sua linda família, e todos os componentes que constituem este grupo de amigos tão queridos.

Agradeço a minha mãe, Nailda, ao meu pai, Vanderval, e à minha filha, Giovanna, pelo amor sempre incondicional. Mais que laços consanguíneos, temos a sorte de compartilhar laços de amor e isso é que configura a verdadeira família.

Por fim, tenho a imensa alegria de ter a oportunidade de agradecer a meu companheiro de romagem terrena, Helder Santos Rocha. Nos momentos mais difíceis é que percebemos o valor dos sentimentos das pessoas. Dividir uma vida, da forma mais completa possível com alguém, é algo muito raro de acontecer e eu tive essa sorte. Obrigada, meu querido, pelo apoio sempre constante em todas as horas.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a natureza categorial de certos elementos recorrentes na língua brasileira de sinais (libras), os quais tratamos como Localizadores (Loc ou Locs). Estes elementos, caracterizados como estruturas eminentemente dêiticas, são usados para a “apontação” de referentes no mundo físico. Ancorando nosso estudo nos postulados teóricos gerativistas, defendemos a hipótese de que estes elementos são núcleos determinantes (núcleos D), por terem a característica principal de marcação de referentes, subcategorizando, dessa forma, itens nominais (NPs) realizados, ou ocorrendo como proformas (com NPs vazios). A fim de delimitar as propriedades gramaticais desses elementos, realizamos uma ampla descrição dos Locs tanto no seu aspecto articulatório, quanto gramatical, observando dados compostos por narrativas em libras realizadas por pessoas surdas falantes dessa língua, bem como testes de aceitabilidade feitos com os mesmos informantes. O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de três diferentes perfis de aquisição da libras: a) sujeito-informante surdo de família ouvinte com aquisição da libras na infância, a partir dos 6 anos de idade (SI1); b) sujeito-informante surdo de família surda, com aquisição da libras na primeira infância, a partir do nascimento (SI2); e c) sujeito-informante surdo de família ouvinte, com aquisição da libras tardia, a partir do início da adolescência (SI3). Para a transcrição de dados utilizamos o sistema de escrita de libras SEL elaborado por Lessa-de-Oliveira (2012), e transcrição por glosas, além de interpretação das sentenças. Para a análise das propriedades gramaticais dos Locs adotamos a hipótese da unidade mínima de articulação dos sinais MLMov (*Mão – Locação – Movimento*), proposta por Lessa-de-Oliveira (2012). Essa unidade, juntamente com a transcrição em escrita SEL (sistema elaborado a partir da unidade MLMov) nos permitiu acesso à forma articulada dos sinais e da sentença em libras, e, conseqüentemente, às propriedades gramaticais relacionadas ao módulo articulatório da língua, ampliando a nossa condição de análise. Assim, com base nos estudos acerca da categoria dos determinantes realizados por Abney (1987) e Longobardi (1994), dentre outros autores, propomos que os Locs em libras são elementos pertencentes à categoria DP. E, com base nos estudos de Béjar (2003) e Carvalho (2008) acerca da geometria de traços que compõem os pronomes, em línguas orais, propomos que as diversas ordem entre Locs, nomes (N), possessivos (Pos) e quantificadores (Q), encontradas nos dados da libras estudados, são decorrentes da necessidade de checagem dos traços [D] e [ϕ], presentes na sonda, pelos alvos Loc, Pos, Q ou por N, os quais devem ter a condição de checar o traço de [Dêixis]. Ainda, com base nos estudos de Torrego (1988) a cerca da elipse nominal, legitimada por certos

traços, e de Lobeck (1995) que concebe a elipse nominal como um N vazio (*pro*), propomos que os Locs proformas (ou pronomes) em libras são resultado de Loc+elipse nominal. Essa análise nos leva a conclusão de que há em libras três tipos de Locs: tipo 1 – posposto ao nome, com baixa especificação; tipo 2 – anteposto ao nome, com especificação mediana; e tipo 3 – proformas, altamente especificado. Por fim, levando em consideração os estudos sobre aquisição pronominal, desenvolvidos por Lightfoot (1991) e Kato (2000), observamos que a aquisição de nomes e Locs (incluindo os Locs proformas) pela criança surda parece seguir o mesmo caminho seguido pela criança ouvinte adquirindo nomes e pronomes em línguas orais. Pelo que os dados indicam, a aquisição em libras parece começar por nomes nus (*bare nouns*) antes dos pronomes, e a alta especificação de traços dos Locproforma (tipo 3) seria o gatilho para aquisição desses antes da aquisição dos outros dois tipos de Locs (tipos 1 e 2). Ou seja, a aquisição de nomes e Locs, em libras, vai de estruturas pragmáticas (interpessoal) para estruturas gramaticalizadas mais abstratas.

PALAVRAS-CHAVE

Língua brasileira de sinais. Localizadores. Teoria gerativa. Aquisição de libras.

ABSTRACT

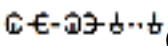
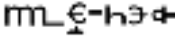
The present study aims to investigate the categorical nature of certain elements in the Brazilian Sign Language (Libras), which we treat as Localizers (Locs or Loc). These elements, characterized as predominantly deictic structures, are used for "point" referring to the physical world. Anchoring our study in Generative Theory, we defend the hypothesis that these elements are determinant heads (D category), because their main feature is to mark referents, i.e. they subcategorize nominal items performed (NPs) or they occur as pro-forms (with empty NPs). In order to define the grammatical properties of these elements, we conducted an extensive description of Locs both in their articulatory aspects as grammatical aspects, observing data extracted of narratives in Libras made by deaf speakers of that language, as well as data from acceptance tests with the same deaf subjects. The research corpus was constructed from three different profiles of Libras acquisition: a) deaf subjects of listener family, with acquisition of Libras in childhood, from 6 years old (SI1); b) deaf subjects of deaf family, with acquisition of Libras in early childhood, from birth (SI2); and c) deaf subjects of listener family, with late acquisition of Libras, from early adolescence (SI3). For the transcription of the data we used the writing system SEL, developed by Lessa-de-Oliveira (2012), transcription by glosses and interpretation of sentences. For the analysis of the grammatical properties of Locs, we adopt the MLMov hypothesis (MLMov: Hand - Location - Movement), that is the minimum unit of articulation of sign languages, proposed by Lessa-de-Oliveira (2012). This unit, along with the transcript by SEL system (system constructed from the MLMov unit) allowed us access to the articulated form of the signs and sentences in Libras and hence allowed us access also to the grammatical properties related to the articulatory module of this language, expanding our condition of analysis. Thus, based on studies on the category of determinants performed by Abney (1987) and Longobardi (1994), among other authors, we propose that in pounds Locs are elements belonging to category DP. Based on the studies of Béjar (2003) and Carvalho (2008) about the geometry of traces that make up the pronouns in oral languages, we suggest that the various order between Locs, names (N), possessives (Pos) and quantifiers (Q), found in our data of Libras, are due to the needs of the *goals* Loc, Pos, Q and N check the traces [D] and [ϕ] present in the *probe*. By our analysis, *goals* must have the condition to check the [Deixis] trace. Based on the study of Torrego (1988) about the nominal ellipse legitimized by certain traces and on the study of Lobeck (1995), that conceives the nominal ellipse as an empty N (pro), we propose that the Locs pro-forms (or pronouns), in Libras, results from Loc + nominal ellipse. This analysis

takes us to the conclusion that there are three types of Locs in Libras: type 1 - occurs after the name, with low specification; type 2 - occurs before the name, with a median specification; and type 3 - pro-forms, highly specified. Finally, taking into account the studies on acquisition of pronoun, developed by Lightfoot (1991) and Kato (2000), we observed that the acquisition of names and Locs (including pro-forms Locs) by deaf children seems to follow the same path followed by the listener children when they acquire names and pronouns in oral languages. According the data, the acquisition in Libras seems to start by bare nouns before pronouns, and high specification features of pro-forms Loc (type 3) would be the trigger for the acquisition of these before the acquisition of the other two types of locs (types 1 and 2). In other words, the acquisition of names and Locs, in Libras, goes from pragmatic structures (interpersonal) to grammaticalized structures more abstract.

KEYWORDS

Brazilian Sign Language. Localizers. Generative Theory. Libras acquisition

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sinal para CASA em libras.....	16
Figura 2: Sinal para BRINCAR em libras.....	16
Figura 3: Sinal para LARANJA.....	18
Figura 4: Sinal para BOLO.....	18
Figura 5: Sinal padrão de OVO em libras.....	20
Figura 6: Alteração ocasional do sinal OVO.....	20
Figura 7: Alteração ocasional de sentença.....	21
Figura 8: Segmentos da unidade MLMov.....	28
Figura 9: Loc articulado de 1ª pessoa - 	35
Figura 10: Loc articulado de 2ª pessoa -  ou 	37
Figura 11: Loc articulado de 3ª pessoa - 	38
Figura 12: Loc articulado  (realizado com as duas mãos) ou  (realizado com uma mão).....	39
Figura 13: Loc articulado com configuração <i>ele-espalmado</i> -  /  / 	40
Figura 14: Loc articulado com as duas mãos: 	42
Figura 15: Loc não-articulado – giro de corpo.....	43
Figura 16: Localizadores não-articulados configurados pela direção do olhar.....	44
Figura 17: Verbo direcional.....	45
Figura 18a: Verbo ‘Perguntar’.....	76
Figura 18b: Verbo ‘Perguntar-me’.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formas de 1ª pessoa da Língua de Sinais Brasileira.....	56
Quadro 2: Formas de não 1ª pessoa da Língua de Sinais Brasileira.....	57
Quadro 3: Sistema pronominal da libras.....	58
Quadro 4: Sistema de pronomes pessoais, locativos e demonstrativos da libras em escrita SEL.....	59
Quadro 5: Pronomes possessivos em libras.....	65
Quadro 6: Sistema de pronomes possessivos da libras em escrita SEL.....	65
Quadro 7: Traços formais dos pronomes pessoais em libras.....	94
Quadro 8: Traços formais dos demonstrativos em libras.....	96
Quadro 9: Traços formais dos Locativos em libras.....	96
Quadro 10: Traços formais dos determinantes em libras.....	97
Quadro 11: Traços formais dos possessivos em libras.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrência de Locs realizados.....	110
Gráfico 2: Locs divididos por propriedades de traços	111

SUMÁRIO

Capítulo 1: Apresentação do estudo e organização do texto	15
1.1 Natureza do sinal em línguas de sinais	15
1.2 Apresentação do objeto de estudo	23
1.3 Sujeitos-informantes, <i>corpus</i> e transcrição	24
1.4 Sistema de escrita em libras – SEL	27
1.5 Organização da dissertação	30
Capítulo 2: Caracterização dos Localizadores	32
2.1 Aspectos articulatórios e categorial dos Locs	32
2.1.1 Locs articulados	34
2.1.2 Locs não-articulados	43
2.2 Descrição de características gramaticais dos Locs	47
2.2.1 Locs acompanhando nomes	48
2.2.2 Locs como proformas	54
2.2.3 Locs em sentenças relativas	62
2.2.4 Locs coocorrendo com PosP e QP	63
2.2.5 O Loc como elemento anafórico	67
Capítulo 3: D-DP: a categoria dos elementos Localizadores	71
3.1 Natureza dêitica dos Localizadores	71
3.2 Locs numa abordagem pronominal	74
3.3 Categoria dos determinantes numa abordagem gerativista	76
3.3.1 Determinante como categoria funcional do nome	76
3.3.2 Mecanismo minimalista de concordância e a geometria de traços nos pronomes	81
3.3.3 Elipse nominal	86
3.4 Elementos localizadores como núcleo D	87
Capítulo 4: Aquisição de elementos localizadores por surdos	109
4.1 Aquisição de elementos Localizadores em dados de aquisição na infância e em dados de aquisição tardia	109
4.2 Aquisição da linguagem segundo a perspectiva gerativa	114
4.3 Aquisição dos Locs na libras L1, no quadro de aquisição de nomes e pronomes	118
Conclusão	123
Referências	127
Apêndice 1	133
Apêndice 2	142

Capítulo 1

Apresentação do estudo e organização do texto

1.1 Natureza do sinal em línguas de sinais

A língua brasileira de sinais (libras) e as línguas de sinais, em geral, ainda são pouco conhecidas, no que tange aos seus aspectos gramaticais. O primeiro pesquisador a lançar um olhar para as línguas de sinais como línguas naturais foi Stokoe (1960). A sua proposta versa acerca de uma fonologia básica das línguas de sinais, na qual se observa tanto as unidades mínimas de constituição dos sinais como a sua relação com o todo¹. Este pesquisador, procurando descrever a ASL (*American Sign Language*), propôs um esquema de análise linguística baseado em três elementos básicos, hoje denominados parâmetros², que isolados não significam nada, mas em conjunto com outros elementos formam o que é conhecido como “sinal”, elemento de base, que corresponde ao signo linguístico na comunicação em línguas de sinais.

Na descrição de Stokoe (1960) encontramos os parâmetros: *Tabula* (TAB), *Designator* (DEZ), e *Signation* (SIG),³ que ficaram conhecidos respectivamente como: *Localização – Configuração de mãos – Movimento*. Depois se juntaram a esses os elementos *direção*, *expressão facial* e *orientação de palma* (Ver Battison, 1974, 1978), tratados também como *marcações não manuais*.⁴

Os sinais, portanto, a partir dos estudos iniciados por Stokoe (1960, 1976), não são mais considerados como imagens ou mímicas puramente, mas, antes, são símbolos abstratos complexos, com uma estrutura interna complexa. Stokoe (et al., 1976) observou ainda que cada parâmetro possui um número limitado de combinações. Em *Sign Language Structure*

¹Inicialmente, Stokoe (1960) propôs os termos Quirema e Quirologia (de *Quiro*, mão em grego) para o estudo das línguas de sinais, tomando como base ASL (*American Sign Language*). Os Quiremas seriam as unidades mínimas na composição do sinal (Configuração de Mão, Locação e Movimento). Já o estudo do sistema composto por essas unidades recebeu o nome Quirologia, numa referência a conversa com as mãos. Entretanto, achou-se conveniente utilizar os mesmos termos empregados nos estudos de línguas orais, já que se tratava do mesmo módulo – fonema, fonologia. Além disso, o termo Quirologia já é empregado como estudo a respeito da interpretação das informações presentes nas linhas das mãos.

² O termo “parâmetro” neste caso nada tem a ver com o termo parâmetro empregado dentro dos estudos gerativistas.

³ Ver Stokoe (1960, p. 69-70).

⁴*Orientação de palma* é tratada por Barros (2007) como um morfema importante para a morfologia da libras. Não assumimos essa análise, pois não vemos evidência suficiente de que este parâmetro seja um morfema.

(STOKOE, 1960), o autor cataloga uma quantidade de dezenove configurações de mão diferentes, doze localizações distintas e quatro tipos de movimentos com os componentes básicos dos sinais. Além disso, em 1976, propõe um sistema de notação para tais elementos.

Os sinais como signos linguísticos são dotados do princípio de arbitrariedade, tal como proposto pelo mestre genebrino, Saussure, sendo, portanto, imotivados. Entretanto, o linguista relativiza a noção de *motivação* quando explica que:

o princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus do arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado*. (...) Não existe língua em que nada seja motivado; (...) as línguas em que a imotivação atinge o máximo são mais *lexicológicas*, e aquelas em que se reduz ao mínimo, mais *gramaticais*.

(SAUSSURE, [1916], 2006, p. 152-154)

Em libras é possível, por exemplo, se encontrar sinais que são relativamente motivados [figura 1], e sinais que são imotivados [figura 2].



Figura 1: Sinal para CASA em libras

Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p.371)



Figura 2: Sinal para BRINCAR em libras

Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p.318)

No sinal CASA identificamos, sem dificuldade, a imagem do telhado da casa; já no sinal BRINCAR não se percebe porque ele se compõe com essa configuração de mão e esse movimento. É importante lembrar que toda arbitrariedade é convencional, pois quando uma comunidade seleciona um traço como uma característica do sinal, outro grupo pode selecionar outro traço para identificá-lo.

Outro importante princípio constitutivo do signo linguístico posto por Saussure (1916) é o da linearidade. Segundo o autor, o signo desenvolve-se no tempo unicamente. Neste sentido, ele representa uma extensão realizada numa só dimensão: é, assim, uma linha. Saussure ([1916] 2006, p. 17-18) diz ainda que:

inicialmente, não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar. Os linguistas estão longe de concordar neste ponto. Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens também poderiam ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.

Assim, a modalidade de desempenho de uma determinada língua, seja por sons, seja por gestos, não é o fator que determina suas propriedades linguísticas, mas, antes, a estrutura interna dessa língua. Enquanto que nas línguas oroauditivas a linearidade dos signos faz com que os fonemas sejam realizados um após o outro na cadeia acústica, nas línguas de modalidade gestovisual os sons dão lugar aos parâmetros (*Mão – Locação – Movimento*) os quais são realizados simultaneamente no espaço físico, fato este que lhes confere um *status* tridimensional. Em libras, por exemplo, temos o sinal para BRINCAR [Figura 2], no qual as configurações de mão, orientações de palmas e movimento são realizados ao mesmo tempo; dessa forma, não há como saber o que vem primeiro, ou seja, um não desaparece dando lugar ao seguinte, como ocorre com os fonemas acústicos.

Os estudos acerca da natureza do sinal em línguas de sinais fazem uma equiparação dos parâmetros nessa modalidade linguística aos fonemas em línguas oroauditivas. Diferentemente dessa análise, para Lessa-de-Oliveira (2012) esses parâmetros são segmentos menores que um fonema. Eles correspondem, na verdade, a traços distintivos. Segundo a autora, a composição fonológico-morfológica de um item lexical, nas línguas em geral, se dá através de uma estrutura segmental hierárquica composta em níveis articulatórios. O 1º nível é o dos traços distintivos, o 2º é o dos fonemas, o 3º é o das sílabas e o 4º é o das palavras. Segundo a autora, em línguas orais, como o português, por exemplo, o léxico é em sua maioria composto no 4º nível, podendo também ocorrer no 3º nível (monossilábicos) e no 2º nível (artigos no singular e morfemas flexionais). Já em línguas de sinais, como a libras, a autora diz que o nível dos parâmetros é o 1º, por serem as menores unidades classificáveis; o 2º nível se constitui do que a autora propôs como *macrossegmentos* (*Mão, Locação e Movimento*), formados a partir de traços intrinsecamente relacionados, os quais são compostos pelos parâmetros (configuração de mão e eixo formam *Mão*; ponto de articulação forma *Locação*; e movimentos de mão e de dedos, planos de movimento e orientação de palma formam *Movimento*); o 3º nível articulatório se constitui de unidades (MLMov) formadas pela

junção dos três macrossegmentos acima; e, por fim, a junção dessas unidades MLMov forma o 4º nível.

Dessa forma, segundo Lessa-de-Oliveira (2012), os itens lexicais em libras ocorrem, em sua maioria, no 3º nível articulatório, ou seja, são monossilábicos [figura 3], sendo que, em menor quantidade, podem ocorrer itens compostos no 4º nível [figura 4] por apresentarem mais de um unidade MLMov.



Figura 3: Sinal para LARANJA em libras

Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p.799)



Figura 4: Sinal para BOLO em libras

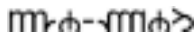
Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p.306)

Para a autora, em sinais compostos no 4º nível [figura 4] é possível encontrar a linearidade, uma vez que as sequências do grupo das unidades MLMov ocorre na linha do tempo. Lessa-de-Oliveira (2012, p. 157) diz que:

o aspecto tridimensional se verifica ainda ao nível dos macrossegmentos (2º nível), os quais não se dispõem em sequência na linha do tempo. Como os itens lexicais, ou seja, os signos em línguas de sinais têm como significante, quase sempre, uma única unidade MLMov, não vemos a linearidade como princípio constitutivo do significante nessas línguas. Lembremos que, na concepção de Saussure, o significante é uma imagem psíquica e não a imagem física em si. Então não há motivo pelo qual devemos prender o conceito de significante a características próprias da articulação física.

Entretanto, de algum modo a linearidade tem um papel interessante nos sistemas linguísticos.

Segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 177), “na modalidade falada⁵, o sinal pode corresponder a um item lexical, mas também pode corresponder a uma sentença inteira”. Acerca desta questão, a autora cita o exemplo posto por Veloso (2010) (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 177)⁶:

(1) 

VEÍCULO (md)_ULTRAPASSAR VEÍCULO(me)

‘Um carro ultrapassou outro carro.’

Sobre este exemplo comenta Veloso (2010, p. 60) que:

a mão direita (md) realiza o movimento que constitui a raiz verbal do sinal ULTRAPASSAR, enquanto a configuração da mão e sua orientação representam o argumento externo CARRO. A mão esquerda (me) representa o argumento interno CARRO e seu posicionamento em relação ao argumento externo.

Lessa-de-Oliveira (2012) explica que há na realização do sinal CARRO, nesse exemplo, um processo de aglutinação da raiz verbal e seus argumentos num único sinal. Temos, neste caso, uma sentença inteira representada sintaticamente através da articulação de um sinal. Com base em Felipe (2006), Lessa-de-Oliveira (2012) aponta como fator determinante para a realização de um “sinal sentencial” os chamados “processos miméticos”.

Acerca dos chamados “processos miméticos”, Felipe (2006) diz que, na libras, como em outras línguas de sinais, pode ser introduzida a mímica juntamente com a estrutura frasal, representando mimeticamente um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação. Segundo esta autora (2006, p. 206), “o processo mimético transforma a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sónica e da sintaxe da língua”. Esclarece Felipe (2006, p. 206) que “na verdade, não se faz a mímica simplesmente, esta é incorporada pela língua e se

⁵ A “modalidade falada de línguas de sinais” é, na concepção da autora, aquela realizada com sinais produzidos com articulação gestual.

⁶ A transcrição em escrita SEL foi acrescentada por Lessa-de-Oliveira (2012).

estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, como as onomatopéias nas línguas oral-auditivas”.

Lessa-de-Oliveira (2012) observa que a presença desses processos miméticos em libras é tão fortemente marcada que se pode verificar alteração na realização de alguns sinais, em certos contextos, configurando um tipo de variação ocasional. A autora traz um exemplo deste fenômeno em dados nos quais um falante de libras, surdo, narra o nascimento de um pinto. Podemos verificar, através das figuras mostradas a seguir, a modificação sofrida na realização do sinal OVO em libras, para que este se adeque ao contexto narrativo.



Figura 5: Sinal padrão de OVO em libras

Fonte: Capovilla e Rafael (2001, p.989)



[a]

[b]

[c]

Figura 6: Alteração ocasional do sinal OVO

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2012, p. 163)

O sinal padrão para OVO em libras [figura 5] é realizado com a junção das pontas dos dedos das mãos esquerda e direita configuradas em *gancho* (👉)⁷, seguida de um movimento simultâneo em curva para baixo à esquerda pela mão esquerda e à direita pela mão direita. A figura [6], entretanto, apesar de também representar a imagem de um ovo, apresenta uma articulação distinta dessa. Para Lessa-de-Oliveira (2012), como o sinal OVO padrão em libras representa a imagem de um ovo sendo quebrado ao meio, deixando a clara e a gema caírem, o falante surdo, optou por “não quebrar o ovo” na realização deste sinal, uma vez que ele

⁷ Adotamos aqui os nomes dados por Lessa-de-Oliveira, no sistema SEL, para os segmentos da libras. Ver mais detalhes no Apêndice.

contava a história de um pintinho que nasceria deste ovo. Em lugar disso, este informante juntou o sinal OVO, realizado pela metade apenas com a junção das duas mãos configuradas em *gancho* (👉) [figura 6a], ao sinal TEMPO DECORRIDO, realizando-o com a mão principal configurada em *zê* (👉) fazendo um movimento circular em frente à mão de base, em lugar do rosto, que seria o ponto de articulação do sinal padrão, [figura 6b]. Em seguida, com a mão direita configurada novamente em *gancho* (👉), este informante junta as pontas dos dedos desta aos da mão esquerda, que permaneceu imóvel todo o tempo [figura 6c].

Lessa-de-Oliveira (2012) propõe ainda que este mesmo fenômeno que ocorre internamente à estrutura do sinal, também é perceptível ao nível da sentença.



Figura 7: Alteração ocasional de sentença

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2012, p. 161)

A autora apresenta este exemplo, coletado da gravação de uma narrativa intitulada “A Lebre e a Tartaruga”, observando que um único sinal incorporou tanto os verbos APROXIMAR e ALCANÇAR, quanto os argumentos externos e internos desses verbos, que são os mesmos, a lebre e a tartaruga, representados pelas mãos esquerda e direita, respectivamente; e também o adjunto QUASE. Segundo Lessa-de-Oliveira (2012), o informante primeiro avança a mão direita [figura 7a], depois ele aproxima a esquerda da direita [figuras 7a, 7c e 7d], com as pontas dos dedos equiparando-se por um instante [figura 7d] e, por fim, avança a mão direita pouco à frente da outra [figura 7e], na hora em que a realização deste sinal se encerra. As raízes verbais de APROXIMAR e ALCANÇAR ocorrem, segundo a autora, amalgamadas, como se verifica nos movimentos congelados nas figuras [7b] e [7c]. O constituinte QUASE é identificado pelo curto espaço de tempo em que os dedos ficaram equiparados [figura 7d]⁸.

⁸ Conforme descrição de Lessa-de-Oliveira (2012), com base no dicionário de Lira e Felipe (2001), o sinal padrão APROXIMAR em libras ocorre com uma das mãos à frente configurada em *dê* (👉), palma para frente,

Dizer que processos como a mímica são constitutivos das línguas de sinais, mesmo que seja devido à natureza articulatória tridimensional dessas línguas, não deve destituí-las do seu caráter linguístico. Para Lessa-de-Oliveira (2012), os processos miméticos não chegam a fazer parte da estrutura gramatical das línguas de sinais.

Como vimos, a libras é composta por unidades articulatórias que são realizadas em diferentes níveis, bem como possuem um sistema complexo, assim como todas as línguas naturais. É claro que ainda há um campo vasto para pesquisas linguísticas nessa área, contudo, o que se conhece a respeito da estrutura dessas línguas é suficiente para classificá-las como naturais, e, como tal, também possuem em seu sistema os princípios da Gramática Universal (GU).

O que conhecemos por Gramática Universal foi um paradigma proposto pelo linguista Noam Chomsky, desde o início da década de 1960. Segundo a sua hipótese, as línguas humanas seriam muito mais iguais entre si do que imaginamos, havendo, portanto, uma aproximação maior no campo sintático. Na visão do autor, a espécie humana é dotada de uma Faculdade da Linguagem, sendo este componente o responsável pela capacidade que possuímos de adquirir uma ou mais línguas naturais. Nasceríamos, portanto, já com certas informações codificadas em nosso DNA. Essas informações são compostas por Princípios, os quais regem todas as línguas, e, por isso, imutáveis, e Parâmetros, opções binárias que marcam a estrutura das línguas particulares; ambos conjuntos limitados de elementos. Os princípios e os parâmetros, no seu estado inicial, ou seja, antes de a criança adquirir uma língua, compõem a Gramática Universal. Durante o processo de aquisição de uma língua materna (ou mais de uma), a criança tem um acesso direto a essa GU, marcando os parâmetros da sua língua alvo. Mas, no momento em que a criança adquire uma gramática particular, ou uma língua, ela entra em um estado estável de linguagem. Isso significa que ao adquirir outra língua, fora desse período, essa não será mais sua língua materna, mas sua segunda língua; uma vez que neste processo de aquisição o falante parte de sua gramática particular, utilizando-a como modelo de comparação paramétrica em relação à outra língua em aquisição. Logo, o seu acesso à GU será apenas indireto, ou seja, via primeira língua. Nesse sentido, para Chomsky, uma das tarefas do linguista é descrever as línguas particulares

braço estendido, e a outra mão também configurada em *dê*, palma para frente, posicionada mais atrás, faz-se um movimento retilíneo para frente aproximando, sem equiparar, a mão principal da mão de base; e o sinal padrão ALCANÇAR ocorre: com uma das mãos à frente configurada em *dê*, palma para frente, braço estendido, e a outra mão também configurada em *dê*, palma para frente, posicionada mais atrás, faz-se um semicírculo para frente e para baixo, equiparando as duas mãos.

para conhecê-las e, através delas, chegar ao conhecimento do que poderia ser o estado inicial de linguagem, ou GU.

Neste sentido, compreendendo as línguas de sinais como línguas naturais, é justificável o estudo de sua estrutura com o fim de contribuir para o conhecimento dessas línguas particulares, ou seja, das várias gramáticas particulares das línguas de sinais, como a libras, por exemplo, com o fim de contribuir para o conhecimento da Gramática Universal.

1.2 Apresentação do objeto de estudo

Hodiernamente, o estudo das línguas de sinais, neste caso, o da libras, ainda oferece inúmeras possibilidades de análises e descobertas, no que tange à sua estrutura linguística. Tratamos, neste estudo, de elementos que apresentam uma característica bastante peculiar às línguas de sinais. Tal característica pode ser descrita como uma “indicação” de pontos específicos no espaço físico, logo à frente do enunciador. Estes pontos representam personagens ou objetos, reais ou imaginários, envolvidos no discurso e servem para identificá-los. Denominamos tais elementos como Localizadores (doravante Loc ou Locs), desde trabalhos anteriores a esta dissertação⁹, pelo fato de que estes se caracterizam como recurso de localização de referentes no espaço físico.

Optamos por atribuir uma denominação a estes elementos uma vez que, embora já existam alguns trabalhos sobre os mesmos, esses ainda não os tratam de forma padronizada e nenhuma das referências anteriores, como *locus*, *dêitico-anafóricos* ou *anafóricos* nos pareceu adequada ao que observamos da natureza desses elementos.

Os Locs são amplamente observados nas línguas de sinais. Mas, o que são esses ditos elementos? Qual é a sua categoria? A partir da observação de dados da libras, compostos de narrativas de fábulas e contos, além de sentenças que testam agramaticalidade em relação a diversos pontos, como mudanças na ordem dos Locs, por exemplo, percebemos que é bastante recorrente a utilização de recursos dêiticos na estruturação das sentenças, sendo os Locs um desses recursos.

Alguns autores tratam esses elementos como pertencentes a uma categoria pronominal. Entretanto, percebemos que os Locs também acompanham nomes, funcionando sempre como elementos cujas propriedades constroem a referenciação de itens lexicais na sentença. Este é o princípio norteador da hipótese deste estudo. Assim, assumimos que os

⁹ Ver: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012).

elementos Localizadores pertencem à categoria dos determinantes, ou seja, a categoria DP, dentro da terminologia gerativista. Em outras palavras, de acordo com a hipótese deste estudo, os Locs compõem o núcleo D na estrutura X-barra.

Como língua natural, a libras possui sua gramática e, por consequência, sua estrutura própria, distinta, assim, de outras línguas de sinais e de línguas de modalidade oroauditiva, como o português brasileiro, por exemplo. A libras é uma das muitas línguas de sinais, cuja natureza articulatória é gestovisual, o que pode implicar interferência do aspecto tridimensional da articulação da língua na estrutura gramatical.

Esse aspecto afeta diretamente os Locs. As línguas orais, tanto na modalidade falada quanto na escrita, possuem um recurso eminentemente discursivo para referir-se aos objetos, não sendo necessária, portanto, a utilização de gesticulações no espaço físico para identificar os referentes. Esses recursos são os determinantes, que constroem a referenciação dos nomes de forma dêitica, através da utilização de demonstrativos (esta, essa, aquela, etc.), ou de forma anafórica, com a utilização dos artigos (o, os, a, as). Já em línguas de sinais a construção de referentes ocorre de maneira distinta. Segundo a hipótese que defendemos aqui, para construir o referente de um nome em libras, o falante localiza, de forma eminentemente dêitica, os referentes no espaço físico, através dos Locs Mas o que é, exatamente, este recurso? Qual a sua natureza? Este é um item sintático ou apenas textual (que atua em nível acima da sentença)? Se sintático, qual é a sua categoria? Essas questões norteiam as análises deste estudo acerca dos Localizadores.

1.3 Sujeitos-informantes, *corpus* e transcrição dos dados

A seleção dos sujeitos-informantes para a colaboração nesta pesquisa foi pensada de forma a contemplar três perfis de aquisição da libras. Todos os informantes e seus responsáveis aceitaram contribuir com este estudo, depois de previamente esclarecidos sobre a natureza e dos objetivos deste trabalho, bem como da sua importância para o conhecimento da estrutura da libras. O primeiro sujeito-informante, com idade de 9 anos, é filho de pais ouvintes e sua aquisição da língua de sinais ocorreu por ocasião do seu ingresso em uma instituição de ensino para surdos, no nível Fundamental-I, cujas aulas eram ministradas em libras. O segundo sujeito-informante é filho de pais surdos e sua aquisição da libras ocorreu desde os primeiros dias de vida com a família. O terceiro sujeito-informante é filho de pais ouvintes e sua aquisição ocorreu após os 12 anos de idade, no Ensino Fundamental-II, com o auxílio de uma professora de libras, na sala destinada a alunos com deficiência auditiva e/ou

mental. Todos os informantes têm ou tiveram sua formação em escolas públicas. Ao longo do texto, nos referiremos a esses informantes por SI1, SI2 e SI3, respectivamente. Todos os informantes foram diagnosticados com surdez profunda e adquiriram a libras em diferentes idades.

Estes perfis de informantes nos auxiliaram tanto nas análises dos dados em si, quanto na comparação entre estes, a qual nos aponta uma possível observação da forma de aquisição dos Localizadores por surdos, embora a simples comparação de dados de forma sincrônica não seja suficiente para uma proposta robusta sobre a aquisição desses elementos. Percebemos que se faz necessário um estudo longitudinal, acompanhando crianças surdas em fase de aquisição da língua desde as primeiras produções em libras. Está dentro de nosso projeto o desenvolvido de um estudo dessa natureza posteriormente.

A composição do *corpus* deste trabalho foi realizada de forma a favorecer a obtenção de dados em que se pudesse observar o nosso objeto de estudo, os Localizadores, na libras, sem que houvesse qualquer interferência de outras línguas, no caso, o português escrito. Os dados foram coletados através de gravações em vídeo, em uma sala no módulo acadêmico da UESB destinada às reuniões do grupo de pesquisa que trabalhou no projeto intitulado “Inclusão de pessoas surdas no mundo letrado: proposta de criação de um sistema de escrita para libras e de métodos de alfabetização em libras e em português para pessoas surdas”, coordenado pela Prf^a. Dr^a. Adriana Stella C. Lessa-de-Oliveira¹⁰, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010), e com aprovação do Comitê de Ética/UESB, processo nº 065/2009.¹¹

Com relação à coleta de dados, esta ocorreu obedecendo a alguns procedimentos. De forma individual, cada informante foi convidado a narrar uma fábula, já conhecida por ele. Este procedimento foi adotado visando coletar uma amostra de fala natural, uma vez que o sujeito-informante estava livre para conduzir sua produção linguística, e livre de quaisquer interferências, seja do pesquisador, seja da busca de suporte de outra língua como referência, como o português escrito, por exemplo, para a construção da narrativa. O objetivo foi compor o *corpus* deste estudo de modo que os informantes narrassem as suas histórias na estrutura e no contexto da libras.

¹⁰ Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGLin, da mesma universidade.

¹¹ Por fazer parte da equipe do projeto acima referido e utilizar o *corpus* constituído para o mesmo com contribuições minhas estende-se ao presente trabalho a mesma aprovação do Comitê de Ética/UESB.

Após as gravações, os vídeos foram analisados e transcritos de três formas. Inicialmente, optamos por transcrever os dados no Sistema de Escrita em Libras – SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012). Essa opção foi feita, uma vez que este sistema permite que sejam preservadas todas as características dos sinais, tal como foram realizados pelos falantes. Não buscamos, neste estudo, propor uma forma padrão de realização dos sinais em libras, e, neste sentido, a escrita SEL apresentou-se como um sistema eficaz, uma vez que tendo acesso ao sinal transcrito neste sistema é possível recuperar, de forma bastante fiel, a forma como o sinal foi realizado pelo sujeito-informante¹², além de ser um sistema que prioriza a otimização da sua escrita¹³. Mas, o mais importante na escolha desse tipo de transcrição está no fato de termos acesso aos dados em libras, sem a interferência da gramática de outra língua nesses dados.

Após essa primeira transcrição, utilizamos de um segundo recurso para a análise dos dados, a saber, a glosa. As glosas foram importantes no processo de descrição e identificação dos elementos Localizadores no *corpus*. Este recurso é muito utilizado para as transcrições e análises não apenas de línguas ágrafas, mas também de línguas que possuem escrita, com a finalidade de facilitar o acesso aos dados por pesquisadores e pelo público em geral. São uma aproximação *ipsis verbis* entre a língua estudada e a língua em que o trabalho é escrito. Entretanto, uma análise de dados de libras que se baseie apenas em glosas, corre o risco de ter os seus resultados enviesados, pois, como possíveis aproximações, as glosas além de serem interpretações que o pesquisador faz dos dados, são registros do conteúdo semântico, mas não da estrutura gramatical com suas propriedades preservadas. Como optamos por uma escrita em libras, as glosas, neste estudo, são apenas um suporte para facilitar a interpretação dos sinais. Por fim, para cada sentença, propomos uma possível tradução em português escrito, com o intuito de ampliar o acesso ao conteúdo semântico dos dados.

É importante salientar que estamos analisando neste trabalho dados da modalidade falada da libras, e é isso que a transcrição em libras procura abarcar, até porque ainda não existe normas para uma possível escrita padrão da libras.

Num segundo momento, depois de uma primeira análise dos dados, tivemos a necessidade de esclarecer algumas dúvidas, dentre elas, se é possível uma mudança na ordem

¹²Não estamos querendo dizer com isso que realizamos uma transcrição do tipo fonética, apenas procuramos nos aproximar o mais possível da forma como o sinal foi realizado em muitos casos. Em outros, optamos por padronizar a representação escrita, como é o caso dos Locs, que por se tratar de uma apontação para um ponto específico apresentava sempre uma alteração de eixo da mão e direção do movimento. Notamos que a padronização da grafia favorecia a identificação deste na transcrição e a alteração de direção não era foco de nossa análise.

¹³ O sistema de escrita SEL será descrito mais detalhadamente na próxima seção.

dos Locs na sentença, por exemplo. Para tanto, utilizamos testes de aceitabilidade¹⁴ com sentenças reorganizadas a partir de sentenças encontradas nas amostras, para verificar aspectos concernentes à estrutura do DP em libras. Os testes foram realizados no mesmo local das gravações das narrativas. Para esta etapa, selecionamos dois informantes, ambos diagnosticados com surdez profunda, de perfil (SI3), que demonstravam um conhecimento amplo da libras. Os testes foram igualmente gravados em vídeo e realizados individualmente. Inicialmente, uma intérprete¹⁵ realizou cada sentença em libras, em frente ao informante. Após cada sentença, o informante marcou em um cartão *sim* caso a sentença fosse gramatical em libras, e *não* se fosse agramatical. Após a realização e classificação de cada grupo de sentenças (*a, b, c, d e e*), foram apresentadas duas sentenças alternadas (*a e c*, por exemplo, se as duas fossem gramaticais na primeira resposta) nas quais o informante marcou em um outro cartão qual das duas “soava” melhor para ele, em libras.

Com os dados de fala natural coletados e dos testes de aceitabilidade constituímos os nossos *corpora* e desenvolvemos as análises neste estudo com o intuito de esclarecer a natureza dos elementos Localizadores em libras.

1.4 Sistema de escrita em libras - SEL

A escrita SEL foi desenvolvida por Lessa-de-Oliveira (2012) com o fim de, segundo a autora, integrar as pessoas surdas no mundo letrado. Essa integração é necessária uma vez que, os surdos brasileiros, vivendo em uma sociedade de cultura escrita, têm uma grande dificuldade em adquirir o português escrito¹⁶. Para Lessa-de-Oliveira (2012), um sistema de escrita em libras, além de funcionar como recurso para o registro escrito dessa língua, pode vir a criar uma ponte de acesso para o português escrito, o que facilitaria enormemente a inclusão dos surdos na sociedade em geral.

Essa autora é responsável também pela descoberta do que pode ser a unidade articulatória básica de itens lexicais de línguas de sinais, denominada por ela de unidade MLMov¹⁷, sobre a qual já falamos em seção anterior. A elaboração do sistema de escrita SEL

¹⁴ Ver anexo 2.

¹⁵ Prof^a. Ms^a. Maria Antonieta T. Almeida, vinculada ao projeto de pesquisa “Inclusão de pessoas surdas no mundo letrado: proposta de criação de um sistema de escrita para libras e de métodos de alfabetização em libras e em português para pessoas surdas”.

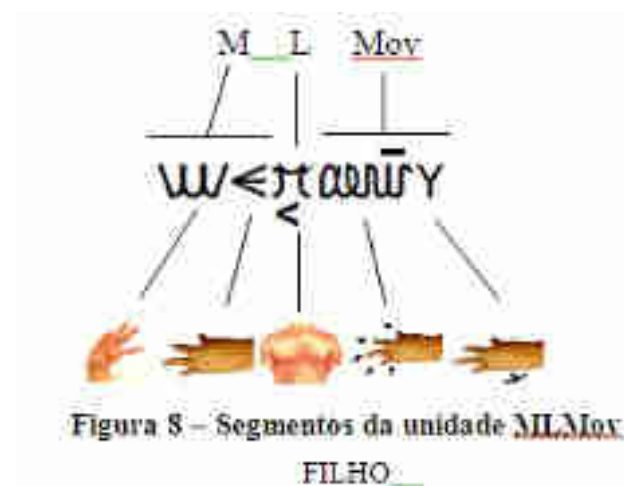
¹⁶ O mesmo ocorre com a aquisição de outras línguas orais por surdos no mundo inteiro.

¹⁷ Stokoe (1960) apresenta uma análise próxima a esta, quando apresenta os segmentos do sinal divididos em *designator*, *signation*, e *tabula*. Entretanto, a proposta de Lessa-de-Oliveira (2012) se difere desta principalmente

tomou como base essa unidade. Conforme já foi dito, Lessa-de-Oliveira (2012) constata que em libras, os itens lexicais se constituem no 3º nível articulatório, assim explica a autora que:

a construção de um sistema de escrita exige a elaboração de caracteres em pelo menos um nível articulatório abaixo do nível de constituição do léxico, uma vez que, sendo o léxico um inventário aberto, ao qual se pode acrescentar novo item a qualquer momento, temos ao nível do léxico um conjunto ilimitado de unidades, que inviabiliza a elaboração de caracteres para as unidades desse nível. Assim, a escrita SEL teve que abarcar os macrossegmentos, que se configuram no 2º nível, criando caracteres e diacríticos para os parâmetros, que pertencem ao 1º nível. Acreditamos que, com a combinação dos três macrossegmentos, capturamos a composição natural do significante das unidades lexicais da libras, as unidades MLMov. (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 166)

Abaixo se encontra um exemplo de como os caracteres da SEL representam os segmentos dessa unidade¹⁸.



Os caracteres do sistema SEL representam os componentes dos macrossegmentos da unidade MLMov. Assim, no exemplo acima, o macrossegmento *Mão* é escrito por: - configuração de mão, e - eixo e orientação da palma; o macrossegmento *Locação* é escrito por: - ponto de articulação e um diacrítico de ponto de toque no lado esquerdo: ; e o macrossegmento *Movimento*, escrito por: - os cinco dedos, e o diacrítico - fechar dedos.

Segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 166) “os caracteres de configurações de mão do sistema SEL foram idealizados a partir de uma base icônica, procurando-se reproduzir, em

porque concebe os três componentes da unidade MLMov como macrossegmentos que se subdividem, cada um deles, em segmentos menores entre os quais estariam esses três elementos observados por Stokoe (1960).

¹⁸ No sinal exemplificado, os caracteres, nesta ordem, representam: 1º configuração da mão, 2º eixo de posição da mão, 3º locação (parte do corpo), 4º movimento de dedos e 5º movimento de mão.

certa medida, o desenho da configuração da mão”. Este sistema apresenta apenas 52 caracteres de configurações de mão, nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita, com nomenclatura em português. Segundo a autora, a nomenclatura em português facilita a aquisição do SEL por ouvintes. Os *eixos*, divididos em três (*superior, anterior, lateral*), correspondem à posição da mão no início da realização do sinal, podendo, em certos casos, aparecer invertido. Essa inversão é marcada com um diacrítico colocado acima do caractere para eixo. Intrínseco ao *eixo* está a orientação da palma, que pode ser de quatro tipos para cada eixo (*para frente, para trás, para dentro, para fora, para cima e para baixo*). A marcação para *eixo e orientação da palma* é sempre localizada em uma posição imediatamente posterior à marcação para a *configuração de mão*.

O macrossegmento *Locação* representa um ponto do corpo envolvido na articulação da palavra, ou seja, o ponto do corpo que é tocado ou focalizado na realização do movimento de mãos. São 27 caracteres representados para *Locação*, na forma minúscula, nas versões mecânica e manuscrita. Quanto ao macrossegmento *Movimento*, este se divide em *movimentode mão e de dedo*. O primeiro se compõe de *tipo, orientação e plano*. Na escrita SEL, plano e orientação são marcados por um traço, ou diacrítico, acrescido ao caractere de tipo de movimento. Segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 171) “essa marcação dos três planos deu ao sistema SEL a condição de abarcar a tridimensionalidade do movimento”.

Como mostrado no exemplo acima, o sistema SEL é capaz também de marcar de forma exata os dedos e os seus movimentos presentes na realização do sinal. Para tanto, a autora criou um caractere para representar cada dedo. O movimento de dedos é marcado por onze diacríticos que indicam o tipo de movimento realizado pelos dedos, os quais são grafados acima do caractere para dedos. Além disso, há onze diacríticos para marcação de pontos de toque, entre os quais oito marcam os pontos da mão ou dos dedos, e três marcam os pontos em partes do corpo. Os diacríticos de pontos de toque também podem aparecer sob os caracteres que representam os dedos, nesse caso, formando o macrossegmento *Movimento*.

Este sistema de escrita, segundo a autora, é um sistema trácico e não alfabético, uma vez que os caracteres e diacríticos representam os parâmetros, que seriam traços distintivos. Lessa-de-Oliveira (2012, p. 175) diz que “poderíamos optar por criar caracteres para os elementos do 2º nível articulatorio – os macrossegmentos – mas perderíamos em economia, pois teríamos um sistema de, no mínimo, 842 caracteres em vez de 109 caracteres + 54 diacríticos, como é o caso da escrita SEL”. Um inventário completo do sistema SEL se apresenta no final deste trabalho em apêndice.

No que diz respeito a nosso objeto de estudo, podemos dizer que a escolha da escrita SEL como instrumento de transcrição foi de crucial importância, pois, sendo os Locs elementos linguísticos que não ocorrem em línguas orais e que estão intimamente ligados à natureza articulatória gestovisual das línguas de sinais, a representação desses elementos, com suas nuances articulatórias, unicamente por um sistema de glosas torna-se algo bastante inadequado, uma vez que não dá para estabelecer uma correspondência clara desses elementos com termos da língua oral, sem maiores investigações.

1.5 Organização da dissertação

No capítulo 1, traçamos uma abordagem acerca dos estudos da constituição dos sinais, ou signos, em línguas de sinais. A partir desses pressupostos, apresentamos uma caracterização dos elementos Localizadores em libras. Segundo a nossa análise, os Locs são constituintes que se caracterizam por apontarem ou localizarem elementos no espaço físico narrativo. Na rápida apresentação desses elementos, dissemos que esses são uma *apontação* ou localização de pontos específicos no espaço físico. Estes pontos são referentes de itens nominais presentes no discurso cuja identificação é definida por essa apontação direta de pessoas, coisas ou objetos reais ou imaginários, ausentes no espaço físico de realização da fala.

No capítulo 2, procuramos descrever os elementos Localizadores abordando dois aspectos fundamentais em sua caracterização. O primeiro deles é o aspecto articulatório que delinea a forma dos Locs dentro do conjunto de elementos conhecidos como sinais. E o segundo aspecto diz respeito a propriedades gramaticais desses elementos. A natureza dêitica e/ou anafórica dos Locs e a análise das suas propriedades gramaticais estão diretamente relacionada a outro aspecto fundamental à investigação da natureza gramatical desses elementos, a saber, a sua categoria gramatical. Por sua importância, discutiremos amplamente essas questões no capítulo seguinte.

No capítulo 3, propomos uma análise dos Locs como pertencentes à categoria gramatical D-DP, segundo a abordagem gerativista. Antes de entrarmos na discussão do aspecto gramatical dessa categoria trataremos da propriedade da dêixis presente nesses elementos. De acordo com nossa hipótese, essa propriedade tem papel fundamental na estrutura sintática que envolve tais elementos. Em seguida, abordaremos os aspectos gramaticais desta categoria, trazendo para o foco da discussão a função eminentemente referenciativa dos determinantes. Após esta primeira abordagem, traremos análises do *corpus*

do nosso estudo que demonstram que os elementos Localizadores ocorrem, em Libras, tanto como núcleo D, quanto como proforma, pois estes elementos servem para construir os referentes dos itens nominais. Com base nas propostas de Longobardi (1994), Schoorlemmer (1998) e Carvalho (2008), procuramos chegar a uma explicação adequada da estrutura do DP em libras a partir do que encontramos nos dados. Nossa análise se baseia na geometria dos traços [D] e [ϕ] (traços *phi*), que exige, em certas circunstâncias, alçamento do N para os núcleos funcionais ou de NP para o *Spec* desses núcleos.

Por fim, no quarto capítulo deste estudo, tratamos acerca do processo de aquisição de uma língua natural, independentemente de ser esta língua oral ou de sinais, segundo a perspectiva gerativista, e da presença dos Localizadores, em dados de aquisição da libras, num *corpus* constituído de narrativas de informantes de aquisição na infância e aquisição tardia. Inicialmente, traçamos uma discussão da referenciação como uma propriedade e o DP como uma categoria, ambas próprias de línguas naturais. Em seguida, apresentamos uma análise do *corpus* em que se verificam os Locs como núcleo D em dados de aquisição na infância e aquisição tardia, para verificar se há diferenças de ordem estrutural no sistema linguístico desses diferentes perfis de dados de aquisição. Para tanto, fazemos uma comparação de forma quantitativa e qualitativa dos dados, verificando: a) a frequência dos Locs articulados e não-articulados e DPs com Locs nulo em relação ao número total de sinais realizados; e b) três tipos de Locs: tipo 1, posposto ao nome; tipo 2, anteposto ao nome e tipo 3, uma proforma. Este último tipo de Locs, tipo 3, apresenta um alto grau de especificação, sendo os que comportam elipse nominal. Por fim, traçamos uma análise acerca a aquisição dos Locs na libras como L1 por surdos, considerando a análise de Kato (2000) para a aquisição de nomes e pronomes.

Capítulo 2

Caracterização dos Localizadores

2.1 Aspectos articulatório e categorial dos Locs

Uma de nossas primeiras observações a respeito dos Locs nos levou a agrupar estes elementos por sua natureza articulatória em dois grupos: articulados e não-articulados. Para estabelecer o que é um Loc articulado tomamos como base a hipótese da unidade MLMov, de Lessa-de-Oliveira (2012), já mencionada no capítulo 1. Sabemos que todo sistema linguístico apresenta um módulo articulatório dentre outros módulos gramaticais. Os estudos em fonética articulatória de línguas orais encontram como unidades articulatórias dessas línguas segmentos classificados como vogais e consoantes, sendo chamadas de unidades prosódicas propriedades sonoras maiores e de traços distintivos propriedades menores que vogais e consoantes¹⁹. Lessa-de-Oliveira (2012) observa a existência de um tipo de segmentação semelhante a essa, a fim de encontrar a unidade articulatória básica presente na constituição dos sinais.

Estudos anteriores²⁰ associaram alguns segmentos descobertos, como *configuração de mão*, *ponto de articulação* (parte do corpo), *movimento*, *orientação de palma*, *direção do movimento*, aos fonemas de línguas orais. Para Lessa-de-Oliveira (2012) esses segmentos e mais outros que ela acrescenta a essa lista, já mencionados no capítulo 1, são comparáveis mais a traços distintivos do que a fonemas. Esses segmentos compõem, na verdade, uma unidade maior, a unidade MLMov, que está na base da articulação dos sinais da libras, segundo essa autora. Assim, partindo de uma perspectiva fonética articulatória, tomamos como base a unidade MLMov para identificar os elementos da libras, que se articulam como sinais e que apresentam propriedades gramaticais analisadas por nós como próprias dos elementos que estamos chamando de Localizadores ou Locs articulados.

Os Locs não-articulados caracterizam-se pela não articulação como unidades MLMov e, portanto, não iremos encontrar qualquer segmento realizado articulatoriamente, como ocorre com os outros sinais em línguas de sinais. Pizzuto *et al* (2006), em estudo realizado acerca das línguas de sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS), também

¹⁹ Ver Massini-Cagliari e Cagliari (2001).

²⁰ Ver Stokoe (1960), Battison (1974, 1978), Barros (2007), entre outros.

apresentam um tipo de divisão dos Locs em duas classes: *Sinal Manual Padrão* e *Estruturas Altamente Icônicas* (EAI). O primeiro se caracteriza por ser a articulação de um sinal contendo segmentos (ou parâmetros): *Configuração de Mão, Locação, Movimento, Direção* e/ou *Expressão Facial*, estabelecendo, assim, uma posição no espaço para o elemento referenciado. O segundo recurso corresponde às EAIs e se caracteriza pela não presença dos segmentos existentes nas articulações dos sinais/gestos em línguas de sinais. Assim, são representadas pela *direção do olhar* e *por movimentos de corpo*, este último caracterizando mudanças de personagens na enunciação. Para esses autores, o sinal manual padrão seria um recurso dêitico introdutor de um referente no discurso, enquanto que as EAIs seriam um recurso anafórico, ou seja, de retomada desses referentes no discurso. Discutiremos a questão das propriedades de dêixis e de anáfora em Locs na última seção deste capítulo.

Outro aspecto considerado em nossa análise é a categoria desses elementos. Como ocorre comumente em línguas naturais, se um elemento Loc constrói um referente associando-se a um nome, podemos analisá-lo, conforme a teoria gerativa, como pertencente à categoria D (determinante)²¹; se ele constrói a referenciação por si mesmo, podemos analisá-lo como uma proforma²². Como proforma temos duas possibilidades de análise: ou considerar esses elementos como categorias máximas, isto é DP's, ou assumir uma proposta de elipse nominal.²³ Assumimos em nossa análise a segunda proposta, conforme discussão apresentada no capítulo 3. Nossas observações de dados de libras nos mostram que esses elementos Localizadores, que constroem a referenciação através de um gesto de apontação, acompanham ou não um sinal nominal, como já dissemos. Assim, assumimos que esses elementos pertencem à categoria D e, como proforma licenciam uma elipse nominal. Veremos adiante que tanto Locs articulados como não-articulados ocorrem como determinantes, acompanhando nomes realizados, ou como proformas.

²¹ Acerca da Hipótese de DP, ver Abney (1987) que propõe que, semelhantemente à hierarquia da sentença, os determinantes (artigos e demonstrativos) sejam definidos como categorias funcionais nucleares que selecionam um elemento lexical – o sintagma nominal; e Szabolcsi (1987), Stowell (1992) e Longobardi (1994), ancorados na hipótese de DP, propõem que a categoria D seja capaz de identificar a referencialidade do sintagma nominal. Trataremos mais detalhadamente deste assunto no capítulo 3.

²² Segundo os pressupostos da gramática gerativa, o que a gramática normativa chama de *pronome* (palavra que substitui o nome) na verdade funcionaria como um *prossintagma*, uma vez que o elemento a ser utilizado na substituição deve referir-se a todo o sintagma nominal, e não apenas a um elemento deste. Ex.: O menino comeu o bolo = Ele comeu o bolo.

²³ A elipse de nominal é tratada por vários autores como sendo uma categoria vazia *pro* (cf. Lobeck (1995), Sleeman (1996), Kester e Sleeman (2002)). Trataremos disso no capítulo 3.

2.1.1 Locs articulados

Como já dissemos, os Locs articulados são caracterizados por sua realização articulatória assim como os sinais em libras normalmente o são, ou seja, envolvem a presença dos segmentos articulatórios *Mão/Locação/Movimento*, conforme a hipótese da unidade MLMov. Assim, os Locs articulados podem indicar a referência acompanhando outros sinais, dentro de um sintagma argumental, ou isolados, servindo eles mesmos como argumentos de verbos. De uma forma ou de outra, esses elementos se ligam a referentes no universo extralinguístico. Esses referentes podem estar presentes no espaço físico ou serem imaginários.

Encontramos nos dados quatro formas de articulação deste grupo de Locs. O Loc articulado se caracteriza pela articulação de um sinal com a mão configurada em *zê* ( - ) , podendo ocorrer também configurada em *cê-encolhido* ( - ) e *ele-espalmado* ( - ).²⁴ Essas três configurações de mão são utilizadas para marcar pessoas, objetos, lugares ou pontos no espaço físico, os quais correspondem a referentes de sintagmas nominais presentes nas sentenças.

A realização do Loccom a mão configurada em *zê* ( - ) pode ocorrer de três formas, a depender da posição que o enunciador ocupa no momento do discurso. Numa narrativa em um discurso direto, em que o narrador assume a posição de uma determinada personagem, falando sobre si mesma, a mão, configurada em *zê* () , posiciona-se no *eixo anterior invertido/palma para fora* () , com a ponta do dedo indicador tocando o tórax () do narrador/personagem, caracterizando a 1ª pessoa do discurso, quem fala²⁵.

²⁴ Alguns autores também apresentam a configuração de mão em *dê* ( - ) como recurso para a “apontação” de itens nominais no espaço físico.

²⁵ As imagens que aparecem nesse capítulo foram recolhidas nos vídeos produzidos durante as sessões de coletas de dados. Utilizamos o software Movie Maker do Windows para congelar a cena e fotografar a cena congelada. Depois submetemos a imagem a um apagamento de fundo por meio de um tratamento de imagem que implica a alteração de brilho e contraste, o que é simples de fazer se a filmagem for realizada em frente a uma parede lisa de cor clara, preferencialmente o branco, com iluminação satisfatória, que não produza sombras na parede.



h-ẽɾɿ

EU

Figura 9: Loc articulado de 1ª pessoa

Alguns estudiosos, como Moreira (2007), atribuem a este Loc o papel de pronome de 1ª pessoa (EU). Nos dados encontramos ocorrências dessa natureza que atestam que o Loc ocorre como proforma com propriedade de 1ª pessoa, como no exemplo (2) abaixo, em que o sinal $h-ẽɾɿ$ (EU) desempenha a função sintática de sujeito²⁶.

(2) $h-ẽɾɿ$ $vɿvɿɿ$ $uɿɿ-ɿuɿɿ$.
 LocP1_{Cinderela} VER ROUPA
 ‘Eu (Cinderela) vi o vestido’²⁷

Entretanto, como podemos observar no exemplo (3) abaixo, este elemento articulado como $h-ẽɾɿ$ (com articulação idêntica ao sinal EU)²⁸ pode não funcionar exatamente como um pronome (uma proforma), em libras. Neste exemplo aparece o Loc articulado coocorrendo imediatamente com o seu referente nominal²⁹.

²⁶ Estamos utilizando a notação P1, P2 e P3 juntamente com Loc para indicar a marca de primeira, segunda ou 3ª pessoa presente nesses elementos.

²⁷ O narrador assume a personagem “Cinderela”, nesse trecho da narrativa, para contar que essa personagem viu o vestido. O narrador não está reproduzindo a fala de Cinderela dirigida a outro personagem. Ele está apenas narrando o seu comportamento.

²⁸ Estamos utilizando nessa transcrição a forma de 1ª pessoa $h-ẽɾɿ$, nos dados (3) e (4), para deixar identificada a forma como esse Loc foi articulado, mas em escrita SEL foi estabelecido que a grafia padrão para este tipo de Loc é $h-ẽɾɿ$.

²⁹ Em línguas de sinais, os nomes próprios são conhecidos como ‘o sinal’ de determinada pessoa, animal de estimação, lugar etc. É uma espécie de apelido no caso das pessoas. Segundo Ferreira-Brito (2010, p. 115), “nomes próprios em línguas de sinais são descritivos, ou seja, são descrições definidas”. Dessa forma, esse sinal geralmente corresponde a uma característica física da pessoa. Para a personagem Cinderela foi atribuído nessa



hə-Y ou hɔY³⁰

TU / VOCÊ

Figura 10: Loc articulado de 2ª pessoa

O Loc neste caso marca a 2ª pessoa do discurso por meio de uma proforma, o pronome “tu” ou “você”. No exemplo (5), abaixo podemos verificar que esse Loc aparece como a função sintática de sujeito de uma *small-clause*.

(5) hə-Y mɔɔL .

LocP2TRISTE

‘Você está triste.’

A terceira possibilidade de ocorrência desse sinal verifica-se como apontação para uma pessoa, objeto, lugar ou ponto imaginário, no espaço físico à frente do locutor, a qual não corresponde à pessoa com quem se fala. Esse Loc marca a 3ª pessoa do discurso (ou não-pessoa), que se distingue da segunda por meio da direção do olhar, que é dirigido à 2ª pessoa enquanto se aponta a terceira ou simplesmente pela distinção no espaço físico dos pontos previamente marcados para a segunda e para a 3ª pessoa. Não há marca de gênero nesse elemento.

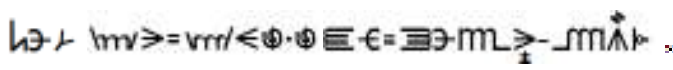
³⁰ Há uma variação de orientação da palma na articulação desse sinal. Isso fica, geralmente, a critério do falante. Alguns preferem a palma para baixo, outros a palma para dentro. Encontramos essa variação inclusive nos dicionários. Lira e Felipe (2001) descrevem esse sinal com a palma para baixo, já Capovilla (2003) o descreve com a palma para dentro. Como forma padrão de escrita, em SEL, Lessa-de-Oliveira opta pela forma apresentada por Capovilla (hə-Y).



ELE / ELA

Figura 11: Loc articulado de 3ª pessoa

No exemplo (6) a seguir, observamos que esse Loc de 3ª pessoa funciona como uma proforma, na função sintática de sujeito.

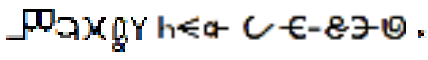
(6) 

LocP3BRINCAR

FUTEBOL

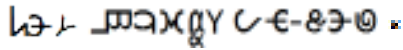
‘Ele(a) brinca de futebol’.

Um sinal de apontação articulado de forma idêntica a esse Loc de 3ª pessoa ocorre, com certa frequência, posposto (exemplo (7a)) ou anteposto (exemplo (7b)) a um nominal. Por razões que ficarão mais bem esclarecidas no capítulo 3, no qual apresentamos a proposta que assumimos neste estudo para distinção entre proformas e determinantes acompanhando nominais, optamos por grafar Locs em exemplos como (7b) de uma forma diferente, embora a articulação dessesinal seja a mesma do exemplo (6). Grafamos de duas e não apenas de uma maneira pelo fato de verificar que há uma diferença formal entre o Loc anteposto e o Loc posposto ao nominal. Nos testes de aceitabilidade, o Loc anteposto é indicado como mais bem aceito se se trata de um contexto mais específico, em que, em português, ocorreria um demonstrativo; e o Loc posposto é indicado como mais bem aceito em contextos menos específicos, nos quais em português ocorreria um artigo, geralmente definido. Assim os Locs pospostos a nominais são grafados dessa forma –  – e Locs antepostos a nominais são grafados dessa forma semelhante ao Loc de 3ª pessoa –  (com letra maiúscula - ) , por apresentar os mesmos traços formais deste.

(7) a. 

MULHER Loc_{mulher} COZINHAR

‘A mulher cozinha.’

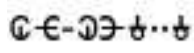
b. 

Loc_{mulher} MULHER COZINHAR

‘Esta mulher cozinha.’

Além destas configurações, encontramos três outros tipos de realização dos Locs articulados. A primeira é articulada com a mão configurada em *cê-encolhido* ( - ) no *eixo anterior/palma para dentro* () ou no *eixolateral invertido/palma para frente* () e um movimento retilíneo para baixo (). Este é articulado sempre em um espaço à frente ou ao lado do enunciador, no ponto onde se quer localizar a personagem, assim como mostra a figura a seguir:

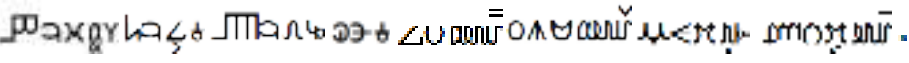


 (realizado com as duas mãos)

ou  (realizado com uma mão)

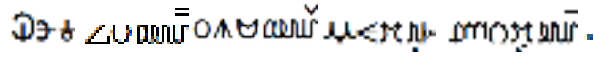
Figura 12: Loc articulado

Semelhantemente ao Loc de 3ª pessoa apresentado acima, este Loc funciona como elemento que constrói o referente do nome que o acompanha (exemplo (8a)) ou como uma proforma (exemplo (8b)), localizando-o em um ponto específico no espaço narrativo. Uma característica particular do Loc com essa configuração de mão é a marcação do traço [+humano].

(8) a. 

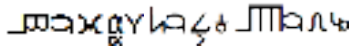
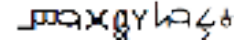
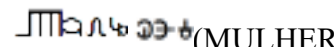
MULHER AMARELO CABELO Loc_{mulher} MUITO BOM CORAÇÃO CORAÇÃO

‘A mulher de cabelo amarelo tem um coração muito bom.’

b. 

LocP3_{mulher} MUITO BOM CORAÇÃO CORAÇÃO

‘Ela tem um coração muito bom.’

Em (8a) temos o constituinte nominal  (MULHER AMARELO CABELO) seguido do Loc articulado  (Loc_{mulher}) que especifica a localização do referente no espaço físico logo a frente do enunciador. Traduzimos esse Loc com o artigo “a”, identificando-o como núcleo D. No exemplo (8b) este mesmo Loc  (LocP3_{mulher}) aparece em posição argumental, correspondendo ao sintagma   (MULHER AMARELO CABELO Loc_{mulher}). Traduzimos esse LocP3_{mulher} com o pronome “ela”.

Uma terceira possibilidade de articulação de Loc é com a configuração de mão em *ele-espalmado* ( - ). Quanto ao eixo/orientação de palma, encontramos três possibilidades, como se pode observar nas figuras abaixo: *eixo lateral/palma para trás* (, figura [13a]; *eixo superior/palma para dentro* (, figura [13b]; *eixo anterior/palma para cima* (, figura [13c].



[a]

[b]

[c]

Figura 13: Loc articulado com configuração *ele-espalmado*³¹

³¹ A alteração no eixo/orientação de palma e movimento nessas três grafias do Loc decorre apenas de uma representação mais fonética destes, pois eixo/orientação de palme e direção de movimento em Locs dependem do local (no espaço físico) onde está o referente real ou imaginário para onde se aponta.

Esses Locs, com *ele-espalmado*, foram articulados pelo mesmo informante que os realizou com um movimento semicircular num plano frontal (☺) ou transversal (☹). Esse tipo de movimento é incomum no caso de referentes singulares, porque o movimento *semicircular transversal ou retilíneo para a direita ou esquerda* (☞/☜) e também o circular transversal (☺) em Locs costumam marcar o traço de plural.

(9) a.

PRÍNCIPE Loc_{príncipe} CASA Loc_{casa} RICO

'O príncipe tem uma casa rica'

b.

Loc_{mulher} MULHER AMARELO CABELO ADOTIVA

'Esta mulher do cabelo amarelo é adotiva.'

c.

VER LocP3_{Cinderela} COLOCAR_{LUVA DEREITA} COLOCAR_{LUVA ESQUERDA}

'Viu-a calçar as luvas.'

d.

LocP3_{bruxa/filhas} BRUXA SEGUNDA(de três) FILHA-ADOTIVA TERCEIRA(de três)

INVEJA RAIVA LocP3_{Cinderela} DANÇAR

'Elas, a madrasta, a segunda e a terceira filha adotiva sentem inveja e raiva por ela (Cinderela) estar dançando'.

Não observamos nenhum traço sintático ou semântico que distinga os Locs articulados em *ele-espalmado* (☺ -) do Loc configurado em *zê* (☹ -) . Como pode ser verificado, em (9a) o Loc (Loc_{príncipe}) e o Loc (Loc_{casa}) ocorrem pospostos aos itens nominais a eles relacionados. Traduzimos esses Locs, respectivamente, com o artigo definido “o” e o artigo indefinido “um”³². Em (9b) o Loc (Loc_{mulher}) ocorre anteposto ao

³² Nenhum dos Locs apresentam traço de gênero, o que, aliás, é recorrente em libras para as outras categorias.

nominal. Em (9c) o LocP3_{Cinderela}  é uma proforma que ocupa a posição de objeto do verbo  (VER). E, em (9d), estamos analisando o LocP3_{bruxa/filhas}  como uma proforma que ocupa a posição de tópico, e o Loc  (LocP3_{Cinderela}) como uma proforma que ocupa uma posição argumental.

Também encontramos um tipo de Loc realizado com as duas mãos. Este Loc é articulado com a mão de base configurada em *ele-espalmado* () no eixo *anterior/palma para dentro* () cuja palma é tocada pela ponta do dedo indicador da mão principal, configurada em *zê* () e no eixo *anterior/ palma para dentro* () que faz um movimento retilíneo () como mostra a figura abaixo.



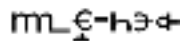


Figura 14: Loc articulado com as duas mãos

No exemplo (10) observamos este Loc ocorrendo posposto ao nome, para o qual esse constrói um referente. No caso deste Loc, observamos que ele tem um traço [inanimado].

- (10)              .
- IR HISTÓRIA Loc_{história} NARRAR
- ‘Vou uma história narrar.’

Em todos os casos, os Locs funcionam como elementos criadores de referência dos nomes no mundo físico. Talvez a escolha em particular do Loc nessas formas articulatórias alternativas e não pela forma mais comum, que é a configuração em *zê* e realizada apenas com uma mão, seja por razão estilística apenas.

Em nossa análise a forma como os Locs foram articulados só tem relevância se a articulação diferenciada está relacionada à presença de algum traço formal. Assim, os Locs

que interessam a nossa análise são: $h \leftarrow a$, que ocorre posposto ao nome; $h \rightarrow a$, que ocorre anteposto ao nome; e os que ocorrem como proforma: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos e quantificadores.

2.1.2 Locs não-articulados

Como não apresentam uma articulação cujos parâmetros correspondem a unidade MLMov, estes Localizadores, classificados por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) como Locs não-articulados (doravante LocsNA), são identificados no texto como uma apontação ou localização de personagens no espaço físico da narrativa através de três formas: por *direção do olhar*, *movimento de corpo*, ou mesmo por pontos intrínsecos aos movimentos de *verbos direcionais*.

Com relação ao LocNA *giro de corpo*, este se configura como um movimento realizado pelo enunciador no qual ele assume a posição espacial de uma determinada personagem. O próprio corpo do enunciador pode ser tomado como um LocNA, isto é, o enunciador faz a apontação do referente através de um *giro de corpo*. Na figura [15] abaixo,³³ o corpo do enunciador girou para o ponto do referente da personagem X (a tartaruga). Esse giro de corpo é o LocNA_x e a posição anterior o LocNA_y (a lebre).



LocNA_{tartaruga} / LocNA_{lebre}

Figura 15: Loc não-articulado – giro de corpo

³³ Nas figuras [15] e [16] temos exemplos do Loc não-articulado, apresentado por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012, p. 4). Trata-se de amostras da narrativa “A lebre e a tartaruga”.

No outro caso, os LocsNA são marcados pela *direção do olhar* do enunciador. Em alguns casos, o enunciador, que ocupa o ponto no espaço marcado como referente de uma personagem X olha para um ponto no espaço marcado como referente de uma personagem Y. Assim temos: LocNA_x olha para LocNA_y. Na figura [16a] abaixo, a direção do olhar configura o LocNA_{tartaruga} e em [16b] a direção do olhar configura o LocNA_{lebre}. Nem sempre o enunciador assume a posição de um LocNA com seu corpo para apontar outro LocNA com a direção do olhar. Podemos dizer que o LocNA *direção do olhar* é simplesmente a substituição da realização de uma apontação do referente feita pela mão por uma apontação feita pela direção do olhar.

LocNA_{tartaruga}

[a]

LocNA_{lebre}

[b]

Figura 16: Locs não-articulados configurados pela direção do olhar

O giro de corpo, assim como a direção do olhar, obedece aos pontos estabelecidos no espaço narrativo para cada personagem, neste caso, à esquerda para a lebre e à direita para a tartaruga. Este LocNA do tipo *giro de corpo*, ao contrário do LocNA do tipo *direção do olhar*, não apresenta, conforme observado em nosso *corpus*, uma função sintática na sentença, como se verifica no exemplo (11) abaixo:

(11)a. *Vãrr, smarr.* [Giro de corpo para troca de papéis: muda-se de

ANDAR CHAMAR narrador-onisciente para narrador-Bruxa;]

‘A Bruxa está andando, quando Cinderela a chama.’

b. [Giro de corpo para introdução de discurso direto; LocNA_{bruxa} olha para LocNA
Cinderela]



Figura 17: Verbo direcional

Nesta figura, observamos a constituição de um verbo que seleciona três argumentos, a saber, o verbo AVISAR, que seleciona normalmente os argumentos externo (Agente) e internos (Tema) (Alvo). Dois desses argumentos são estabelecidos pelo movimento do verbo. Como mostra a figura [17], a mão, configurada em *ípsilon* (), parte do ponto do corpo do enunciador para o ponto alvo da ação, para quem se fala. Verificamos que o primeiro argumento não é foneticamente realizado, uma vez que esta posição é ocupada pelo enunciador e a ação do verbo parte de seu próprio corpo. Com o segundo argumento ocorre o mesmo fenômeno, pois o ponto alvo do movimento do verbo é determinado pela direção deste. Ou seja, o ponto inicial do movimento do verbo – o corpo do enunciador – é o LocP1, argumento com papel de agente, e o ponto final desse movimento é o LocP2, argumento com papel de alvo. Em outras palavras, a apontação dos referentes é feita pelo movimento do verbo. Assim, temos a saturação dos verbos direcionais feita por Locs intrínsecos a estes verbos, determinados pelos pontos inicial e final do seu movimento.

Observamos a relação de dupla concordância dos verbos direcionais com seu sujeito/agente – ponto inicial do movimento – e com seu objeto/alvo – ponto final do movimento. Como esse tipo de verbo faz a apontação dos referentes presentes ou marcados no espaço físico, a realização de um Loc articulado é dispensável nesse caso. Talvez possamos comparar esse fenômeno ao sujeito nulo argumental de línguas como o português em que a morfologia flexional rica marca a pessoa, possibilitando a identificação da pessoa do sujeito nulo.

Com relação aos verbos direcionais, Ferreira-Brito (2010)³⁴ diz que estes apresentam flexão de número e pessoa, marcando o SUJ (ponto inicial), o OD e o OI (ponto final do

³⁴ Ferreira-Brito é uma das pioneiras nos estudos da gramática da libras, desenvolvendo pesquisas acerca dessa língua desde 1995. Ferreira-Brito (2010), baseando-se nos estudos dos verbos em ASL realizados por Padden (1980) e Friedman (1976), classifica os verbos da libras em dois grupos: os não-direcionais e os direcionais (ou multidirecionais). Os do primeiro grupo não apresentam movimento e a sua ordem, segundo a autora, configura-

movimento do verbo), ou podem ser “reversíveis” quando o ponto inicial do movimento verbal marcar o OD e o OI e o ponto final marcar o SUJ. Para a autora, esses pontos marcam as 1ª e 2ª pessoas do discurso e a não-pessoa.

A diferença entre a apontação feita por verbos direcionais e a apontação feita por LocsNA do tipo *direção do olhar* está no fato de se encontrar neste último caso um elemento separado da raiz verbal, não articulado via unidade MLMov, mas fisicamente presente de qualquer forma. Já a apontação por verbos direcionais se dá por meio do movimento do verbo que é de natureza direcional, ou seja, é intrínseca ao verbo.

Dessa forma, vimos que ocorre em libras três tipos de LocsNA, dos quais apenas os do tipo *direção do olhar* e os *intrínsecos aos verbos “direcionais”* apresentam funções sintáticas, enquanto que o *giro de corpo* funciona como fator de coesão textual.

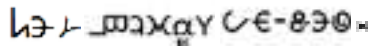
2.2 Descrição de características gramaticais dos Locs

Como já dissemos, há muito pouco estudo sobre a estrutura da gramática de línguas de sinais. De sorte que o que apresentamos agora é o início de uma investigação na busca da compreensão acerca da natureza categorial desses elementos que chamamos de Locs. Partindo da hipótese de que esses elementos pertencem à categoria dos determinantes, buscamos inicialmente características desses elementos enquanto núcleos D. Para tanto, faremos uma análise com base nos dados encontrados no *corpus* deste estudo, investigando estruturas sintáticas nas quais os Locs aparecem acompanhando nomes ou como proformas. Fazemos também uma discussão acerca da possível coocorrência dos Locs com sintagmas possessivos e quantificadores.

2.2.1 Locs acompanhando nomes

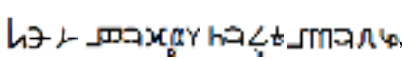
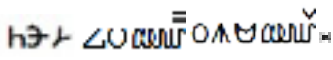
se como necessária, podendo ser SOV ou OSV. A autora distingue ainda esses verbos não-direcionais em três subclasses: os ‘ancorados no corpo’, os quais, por não apresentarem flexão, tem o seu papel temático de sujeito/experienciador “designados por um dêitico direcionado para um local previamente estabelecido por um referente nominal ou pela orientação da(s) palma(s) da(s) mão(s)” (FERREIRA, 2010, p. 62); os que ‘incorporam’ o objeto, podendo ter uma forma de citação específica, ou com mudanças de um ou mais segmentos (Mão/Locação/Movimento) função das especificidades de articulação do sinal-objeto incorporado; e os que apresentam flexão, ainda que seja apenas de um NP. Existem outras nomenclaturas para os verbos, tais como *verbos com concordância* e *verbos sem concordância*, conforme Quadros (1999). Não aprofundaremos a nossa análise neste campo, uma vez que não é o foco deste estudo.

De acordo com os dados analisados nesta pesquisa, em todas as narrativas foi encontrada correferência entre Locs e nomes, o que sinaliza a presença de propriedades de núcleo determinante nesses elementos. Observemos o exemplo (12) abaixo:

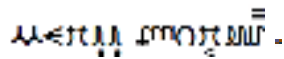
(12) a. 

Loc_{mulher} MULHER COZINHAR

‘Esta mulher cozinha (...)’³⁵

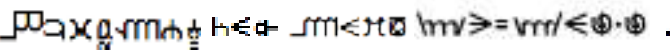
b.  

Loc_{mulher} MULHER AMARELO CABELO³⁶ LocP3_{mulher} MUITO BOM



CORAÇÃO CORAÇÃO.

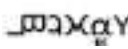
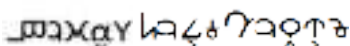
‘Esta mulher de cabelo amarelo, ela tem muito bom coração.’

c. 

MENINA³⁷ Loc_{menina} GOSTAR BRINCAR

‘A menina gosta de brincar.’

As três sentenças em (12) apresentam Locs correferentes a nomes, acompanhando-os.

Em (12a) o Loc_{mulher} , que antecede o nome comum  (MULHER) retoma a personagem “mãe de Chapeuzinho Vermelho”, que já havia sido apresentada em sentença anterior. Em (12b) temos dois Locs na sentença. O primeiro ( - Loc_{mulher} amarelo cabelo) inicia a sentença como determinante do item nominal  (MULHER AMARELO CABELO), enquanto que a segundo ( - Loc_{mulher} amarelo cabelo), ocorre após a

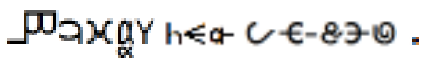
³⁵ Essa “mulher” é a “mãe de Chapeuzinho Vermelho”. Como o Localizador (ponto no espaço físico) foi especificado para a personagem “mãe de Chapeuzinho Vermelho” não é preciso repetir esse DP inteiro, basta utilizar o Loc sozinho ou acompanhado do nome “mulher”.

³⁶ Como já dissemos, “CABELO AMARELO” é o sinal atribuído à Cinderela. Em línguas de sinais costuma-se atribuir sinais às pessoas, os quais funcionam como um apelido ou o nome da pessoa. Mas, neste exemplo, “CABELO AMARELO”, que aparece como complemento do nome “mulher”, não está ocorrendo como nome próprio.

³⁷ Menina em libras é uma palavra composta, sendo formada pelo sinal  (CRIANÇA) e pelo sinal  (MULHER), que lhe indica o feminino.

Pelos testes de aceitabilidade que realizamos, o Loc é gramatical anteposto ou posposto com nome próprio, como em (13), e ao nome comum, como em (14) e (15). Considerando um contexto em que se precisava referir a uma entre duas mulheres chamadas “Maria” a sentença em (13a) foi avaliada no teste como mais satisfatória que (13b); e também, considerando um contexto em que se precisava referir a um entre dois meninos gêmeos, a sentença (14a) foi considerada mais satisfatória que (14b). Ou seja, em contexto em que se exige identificação específica, os informantes indicam a anteposição como posição mais satisfatória. No caso das sentenças em (15), apresentadas sem contextualização específica, (15b) foi considerada mais satisfatória que (15a). Ou seja, os testes confirmaram menor especificidade para o Loc posposto.

A ausência do Loc junto ao nominal em posição argumental (16b) ou em posição não argumental (17b) torna as sentenças agramaticais³⁸.

(16) a. 

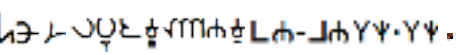
MULHER Locmulher COZINHAR

‘A mulher cozinha.’

b. * 

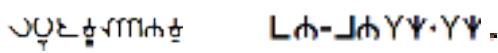
MULHER COZINHAR

‘Mulher cozinha.’

(17) a. 

Locmenino MENINO TRABALHAR.

‘Este menino trabalha.’

b. * 

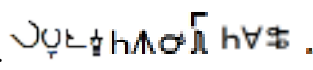
Locmenino MENINO TRABALHAR.

‘Este menino trabalha.’

³⁸As sentenças dos exemplos (16) e (17) foram baseadas em estruturas encontradas nos dados do *corpus* deste estudo. Assim, o exemplo (16a) foi retirado de um trecho da narrativa intitulada “Chapeuzinho Vermelho”, no qual o narrador descrevia a ação da mãe de Chapeuzinho de cozinhar as guloseimas que seriam levadas pela menina até a casa da sua avó. Através dessa sentença selecionada compomos estruturas com a supressão do Loc (16b e 17b) ou com este elemento em posição distinta (17a) a que fora produzida no texto do informante.

suas variações (mamãe, mainha) sem o artigo, em sentenças como (18b), mas com certa restrição, somente quando se trata da mãe do enunciador. Nesse contexto discursivo esse nome comum tem as características de definitude de um nome próprio, pois corresponde a um nome de tratamento. Em Libras isso parece ocorrer também quando se trata da mãe de uma 3ª pessoa⁴¹.

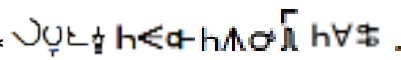
Os exemplos em (19) abaixo mostram que, em contexto genérico, nos quais pode ocorrer artigo definido, indefinido ou plural, em línguas como Português Brasileiro⁴², em libras, observamos um comportamento diferente⁴³.

(19) a. 

HOMEM CHORAR NÃO

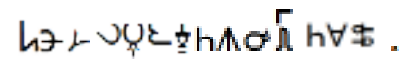
‘(Um/O) Homem não chora.’

(*The) men do not cry.

b. * 

HOMEM Loc_{homem} CHORAR NÃO

Homem não chora.

c. 

Loc_{homem} HOMEM CHORAR NÃO

‘Este homem não chora.’

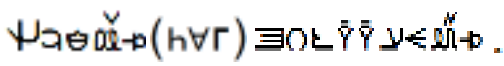
A comparação entre (19a) e (19b) mostra que a leitura genérica é feita a partir da ausência do Loc, como ocorre em línguas como o inglês. Já a comparação entre a agramaticalidade de (19b), por um lado e a gramaticalidade de (19a) e (19c), por outro, reforça a informação anterior de que o Loc posposto é menos específico do que o anteposto

⁴¹ Além da análise do contexto de DP que licencia os nomes nus (*bare nouns*) em libras, caberia ainda um estudo que abrangesse os possíveis verbos que também seriam o gatilho para este fenômeno.

⁴² A nossa referência é um dialeto do Português Brasileiro falado em Vitória da Conquista no estado da Bahia.

⁴³ A notação *(x) significa agramaticalidade no caso de ausência do constituinte entre parênteses. Se a notação for (*x) significa agramaticalidade no caso de presença do constituinte. E no caso de notação (x) a gramaticalidade é indiferente à presença ou ausência do constituinte.

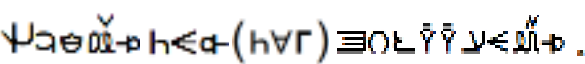
porque, num contexto de leitura genérica, um Loc que marca apenas definição, sem maiores especificações, não tem o que fazer aí (19b), já que esta é uma língua que não permite a ocorrência de determinante em contextos genéricos. Mas um Loc definido e específico pode modificar propriedades nessa leitura, tornando-a uma leitura específica como fazem os demonstrativos em línguas orais. Então, este o caso do Loc anteposto. Os testes apresentaram o mesmo resultado para nominais sem o traço [humano] (exemplo (20)) e não contáveis (exemplo (21)).

(20) a. 

GATO É ANIMAL

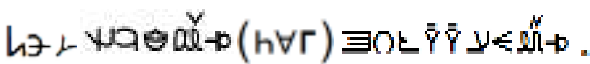
‘Gato é animal.’

‘(*The) cats is animal.’

b. * 

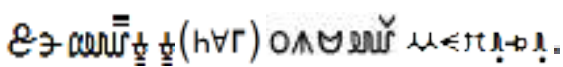
GATO Loc_{gato} É ANIMAL

‘O gato é um animal’.

c. 

Loc_{gato} GATO É ANIMAL

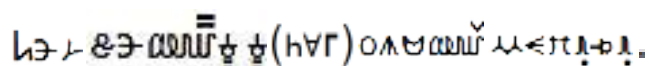
‘Este gato é animal.’

(21) a. 

LEITE É BOM SAÚDE

‘(O) leite é bom para *(a) saúde.’

‘(*The) milk is good for (*the) health.’

b. 

Loc_{leite} LEITE É BOM SAÚDE.

‘Este leite é bom para a saúde.’

Em (20a) “gato” ocorre no sentido genérico, isto é, qualquer membro da espécie dos gatos, e “animal”, que está em função predicativa, inclui “gato” num grupo específico. Essa leitura genérica não se mantém com a ocorrência do Loc $h\leq\phi$ posposto (exemplo (20b)) e se torna uma leitura específica na presença do Loc $h\leq\phi$ anteposto. (21a) mostra que é gramatical a ausência de Loc acompanhando tanto o nome LEITE como o nome SAÚDE , na leitura genérica. E a presença do Loc $h\leq\phi$ anteposto ao nome LEITE produz leitura específica.

Em contexto existencial, como em (22) abaixo, temos “homem” como referência à espécie humana, mas na sua condição de espécie existente e não como algo inerente a cada indivíduo particular da espécie. Neste contexto, tanto em português brasileiro como em inglês o determinante é obrigatório. Em libras, da mesma forma que nessas línguas orais, a ausência do determinante é agramatical.

- (22) $\text{HOMEM} \text{ LOChomem} \text{ LUA} \text{ Loclua} \text{ IR} \text{ JÁ}$
- ‘*(O) homem já foi a*(a) lua.’
- ‘*(The) man went to *(the) moon.’

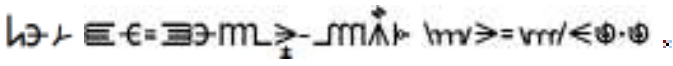
Todos os casos vistos nesta seção mostram propriedades de línguas naturais ocorrendo numa língua de sinais como a libras, o que reforça a tese de que essas são mesmo línguas naturais.

2.2.2 Locs como proformas

Almeida (2013), em seu estudo sobre a estrutura argumental em Libras, encontra quatro possibilidades de saturação de núcleos predadores nessa língua: saturação por sinais lexicais, saturação por categorias vazias, saturação por Localizadores (Locs)⁴⁴ e autossaturação. A saturação de predadores por Locs ocorre, segundo a autora, quando as

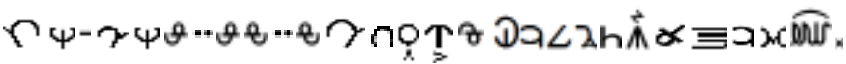
⁴⁴ A menção a Locs feita por Almeida (2013) toma como referência nossa publicação: Prado e Lessa-de-Oliveira (2012).

posições argumentais são ocupadas pela “apontação” de referentes no espaço físico. Ou seja, temos nesse contexto Locs como proformas⁴⁵, como observamos nos exemplos a seguir. Encontramos nestes exemplos Locs também na posição de adjunto.

(23)a. 

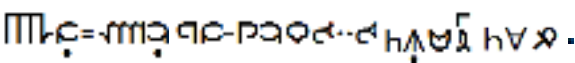
Loc_{ele(a)} FUTEBOL BRINCAR

‘Ele(a) brinca de futebol.’

b. 

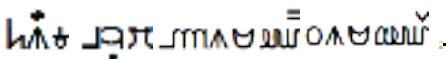
BEBÊ CINDERELA BRUXA Loc_{bebê} ADOTAR

‘O bebê Cinderela, a madrasta o adotou’ (ALMEIDA, 2013, p. 66)

c. 

CASA CAPUZ VEMELHO Loc_{lá}

‘A casa de Chapeuzinho Vermelho é lá’

d. 

Loc_{aqui} TER COMIDA BOA (ALMEIDA, 2013, p. 46)

‘Aqui tem comida boa.’

Em (23a) o Loc ocupa a posição de sujeito da sentença e, em (23b), o Loc ocupa a posição de objeto direto. Temos, nos dois casos, Locs correspondentes ao pronome pessoal de 3ª pessoa do singular, sem marca de gênero⁴⁶. Em (23c) temos um Loc com traço locativo em posição de predicativo do sujeito numa *small clause* e em (23d) temos também um Loc com traço locativo, mas em posição de adjunto adverbial.

Com relação às estruturas que trazem a marca de dêixis em libras, Moreira (2007, p. 85) apresenta um estudo no qual se atribui a característica dêitica aos pronomes e aos verbos indicadores (ou direcionais) para o sistema nessa língua de sinais. A autora apresenta o

⁴⁵ Como dissemos na introdução deste capítulo, assumimos para os Locs proformas a hipótese de elipse nominal.

⁴⁶ Acerca da marcação de gênero em libras, Ferreira-Brito (2010, p. 42) diz que “os nomes não apresentam flexão de gênero. Para os substantivos, a indicação de sexo é feita pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais, ou a indicação é obtida através de sinais diferentes para um e para outro sexo”. Conforme os testes de aceitabilidade que fizemos, porém, o sinal HOMEM/MULHER deve ficar anteposto e não posposto ao nome, pelo menos para o dialeto da libras falado em Vitória da Conquista.

seguinte quadro para os pronomes pessoais em libras, composto em estudos anteriores com base na ASL (*American Sign Language*) (MOREIRA, 2007, p. 90):

	Formas de 1ª pessoa	Descrição dos sinais	Tradução para o português
Singular	PRO-1	Mão dominante, com apenas o dedo indicador esticado; região ulnar da mão paralela ao chão; mover o dedo indicador em direção ao esterno até tocá-lo.	<i>Eu</i>
Plural – DUAL	PRO-DUAL-1	Mão dominante, com apenas os dedos indicador e médio esticados; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; palma da mão voltada para o sinalizador; mover o punho para apontar os dedos ora para o sinalizador, ora para a direção de mais um participante da situação.	<i>Nós dois</i>
Plural – MULT	PRO-MULT-1 (3 e 4)	Essa forma pronominal é realizada com a mão dominante com os dedos indicador, médio e anular esticados (forma da mão em 3) ou apenas com o polegar fechado e os demais dedos esticados (forma da mão em 4). Os sinais com essa forma incorporam o número de pessoas a que se referem. Para fazer esse sinal, é preciso mover a mão, fazendo um movimento circular próximo ao sinalizador. A palma da mão sempre deve estar voltada para o sinalizador.	<i>Nós três/quatro</i>
Plural – PL	PRO-PL-1	Mão dominante, apenas com o dedo indicador esticado; palma da mão voltada para o sinalizador; mover a mão em um arco para frente e tocar um dos ombros com a ponta do dedo indicador.	<i>Nós</i>

Quadro 1: Formas de 1ª pessoa da Língua de Sinais Brasileira

	Formas de não-primeira pessoa	Descrição	Tradução para o português
Singular	PRO	Mão dominante, com apenas o dedo indicador	<i>Você/ele/ela</i>

		esticado; região ulnar da mão paralela ao chão; dedo indicador apontado para um local no espaço físico que esteja associado à representação mental do enunciatário ou de uma 3ª pessoa.	
Plural – DUAL	PRO-DUAL	Mão dominante, com apenas os dedos indicador e médio esticados; dedo polegar tocando os dedos indicador e médio; a palma da mão e a ponta dos dedos devem estar voltadas para fora do sinalizador e apontar para dois participantes da situação.	<i>Vocês dois/eles/elas dois/duas</i>
Plural – MULT	PRO-MULT (3 e 4)	Essa forma também é realizada com a mão dominante com apenas os dedos indicador, médio e anular esticados (forma da mão em 3) ou com apenas o polegar dobrado e os demais dedos esticados (forma da mão em 4); mover a mão com uma certa distância do sinalizador. O sinal se refere a três ou quatro participantes e não inclui, nesse grupo, quem sinaliza. A ponta dos dedos deve estar direcionada para as entidades referidas.	<i>Vocês três/quatro/eles/elas/ três/quatro</i>
Plural – PL	PRO-PL	Mão dominante, com apenas o dedo indicador esticado; mover a mão, apontando o dedo para vários locais, no espaço físico, associados às conceitualizações das entidades que se quer indicar.	<i>Vocês/eles/elas</i>

Quadro 2: Formas de não-1ª pessoa da Língua de Sinais Brasileira

Segundo Moreira (2007), o sistema de formas pronominais de libras é muito parecido com o sistema de pronomes da ASL. Explica a autora que, em libras, assim como na ASL, existem formas pronominais de primeiras pessoas, singular e plural, e formas pronominais de não-primeiras pessoas, singular e plural. Moreira (2007, p. 88) diz que:

diferentemente do que é registrado pelo dicionário [Capovilla & Raphael] minha investigação mostrou que a libras parece ter quatro formas para as primeiras pessoas – uma para o singular e três para o plural – e quatro

formas para as não-primeiras pessoas – uma para o singular e três para o plural.

Moreira (2007) comenta ainda que em libras não parece haver diferenças formais entre a segunda e a 3ª pessoas, tanto no singular quanto no plural. Além disso, as formas do plural listadas por PRO-PL, PRO-DUAL ou PRO-MULT são as mesmas quando se referem à segunda ou a 3ª pessoa do plural. Para a autora, na libras não parece haver distinção formal de gênero no que tange ao sistema pronominal. Entretanto, diferentemente da ASL os pronomes da libras incorporam apenas os numerais 3 e 4 nas formas tidas por PRO-MULT-1 e PRO-MULT, ao passo que na ASL esse número pode abranger até o numeral 5. Por fim, segundo Moreira (2007), não há diferenças formais entre os pronomes quando se referem a entidades presentes ou ausentes no momento da enunciação.

Partindo dessas duas propostas de sistema pronominal (em ASL e em libras), Moreira (2007, p. 99) apresenta, então, a sua proposta para o sistema pronominal da libras.

Pronome	Pessoa discursiva apontada	Forma do sinal
1ª pessoa do singular	<i>Eu</i>	PRO-1
2ª pessoa do singular	<i>Você</i>	PRO
3ª pessoa do singular	<i>Ele/Ela</i>	PRO
1ª pessoa do plural	<i>Nós</i>	PRO-PL-1, PRO-DUAL-1 e PROMULT-1-(3 e 4)
2ª pessoa do plural	<i>Vocês</i>	PRO-PL, PRO-DUAL e PRO-MULT(3 e 4)
3ª pessoa do plural	<i>Eles/Elas</i>	PRO-PL, PRO-DUAL e PRO-MULT(3 e 4)

Quadro 3: Sistema pronominal da libras segundo Moreira (2007)

Moreira (2007) não aponta diferença entre a segunda e a 3ª pessoa, mas pelo que observamos, essa diferença existe. Esta é marcada pela combinação *direção do olhar/ direção do movimento*. Na 2ª pessoa, o olhar e o movimento tomam a mesma direção, a do interlocutor (a pessoa com quem se fala). Já na 3ª pessoa, enquanto a direção do olhar focaliza

o interlocutor a direção do movimento se dirige a outro ponto no espaço físico, o ponto marcado como referente de uma 3ª pessoa envolvida no discurso.

A partir desses quadros de Moreira (2007), do que apresentam os dicionários de Capovilla (2001) e Lira e Felipe (2001) e dessas observações nossas, chegamos ao quadro abaixo dos pronomes pessoais, descritos através da escrita SEL. Em escrita SEL, a direção do olhar não tem uma marca específica. Assim, a diferença entre a segunda e a 3ª pessoa, tanto do singular como do plural, são marcadas nessa escrita apenas pela direção e tipo de movimento. Movimentos direcionados para frente marcam as segundas pessoas e movimentos diagonais marcam as terceiras. Quanto ao traço de número, movimentos direcionados a um ponto no espaço físico marcam o singular enquanto movimentos alongados, como , indicando vários pontos à frente, e , indicando vários pontos na lateral, marcam o plural⁴⁷.

Pronomes pessoais

Singular	Plural
 - eu	 ou  - nós;  - nós dois;  - nós três;  - nós quatro.
 - você	 - vocês;  - vocês dois;  - vocês três;  - vocês quatro.
 - ele/ela	 - eles/elas;  (ou ) - eles(a) dois;  (ou ) - eles(a) três;  (ou ) - eles(a) quatros.
 - um ao outro (recíproco)	

⁴⁷ A apontação depende de onde está o referente, entretanto os dicionários apresentam uma forma definida pela necessidade de padronização.

Locativos

- aqui	- aí	- ali	- lá
--------	------	-------	------

Demonstrativos

- este/isto;	- este/isto;	- esta pessoa
- aquele/aquilo		

Quadro 4: Sistema de pronomes pessoais, locativos e demonstrativos da libras em escrita SEL

Quanto aos Locs não-articulados, estes ocorrem em posição argumental ou de adjunto, como se observa nos exemplos abaixo.

- (24) a. (Loc_{bruxa} /enunciador olha para Loc_{filhas})

CHAMAR GRISELDA ANASTÁCIA

‘A madrasta chama Griselda e Anastácia.’

- b. *

CHAMAR GRISELDA ANASTÁCIA

‘*(A madrasta) chama Griselda e Anastácia.’

- (25) a. [Loc_{bruxa} olha para Loc_{Cinderela}] -

BRUXA CIÚMES (ANGÚSTIA) DESPREZAR

‘A madrasta⁴⁸ sente ciúmes e despreza a Cinderela.’

- b. * _____

BRUXA CIÚME (ANGÚSTIA) DESPREZAR

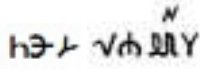
‘A madrasta sente ciúmes e despreza *(a Cinderela).’

- (26) a. [Loc_{enunciador} olha para Loc_{floresta}]

⁴⁸ “Bruxa” é o sinal que os sujeitos-informantes atribuem à madrasta da Cinderela.

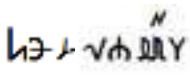
LocP3PASSEAR

‘Ela passeia pela floresta.’

b.[enunciador olha para Loc_{floresta}] 

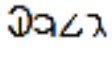
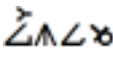
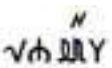
Loc_{floresta} LocP3PASSEAR

‘Pela floresta ela passeia.’

c.  _____

LocP3 PASSEAR

‘Ela passeia.’

Temos no exemplo (24a) o Loc não-articulado do tipo *direção do olhar*, no qual o Loc_{bruxa/enunciador} exerce a função de sujeito da sentença e o Loc_{filhas} exerce o papel de complemento. No exemplo (24b), ao deixarmos os localizadores nulos, a sentença tornou-se agramatical, nessa língua. No exemplo (25a), o Loc_{bruxa} é responsável pela referência do sintagma nominal  (BRUXA), localizado no início da sentença, enquanto que o Loc_{Cinderela} é o alvo do item verbal  (DESPREZAR). A ausência deste localizador, no exemplo (25b) também implica na agramaticalidade da sentença. Já nos exemplos (26a) e (26b), o Loc não-articulado (Loc_{floresta}) ocupa a posição de adjunto adverbial do item verbal  (PASSEAR). Neste caso, a sua ausência sintática na articulação da sentença não compromete a gramaticalidade da mesma, por se tratar de adjunto. Portanto, ao verificar estes dados, podemos atestar as propriedades gramaticais do Loc não-articulado do tipo *direção do olhar*, uma vez que a sua ausência em posição argumental compromete a gramaticalidade da sentença.

2.2.3 Locs em sentenças relativas

Em relativas observamos que o Loc pode ocorrer anteposto ao nome em posição de antecedente relativo (27a), mas não pode ocorrer posposto a esse nome antecedente, o que é atestado pela agramaticalidade de (27b). Também não é possível a ausência de um Loc

acompanhando o nome antecedente em contexto referencial, como atesta a agramaticalidade de (27c).

- (27) a. .
 Loc_{homem} HOMEM MARIA GOSTA EU CONHECER
 ‘Este homem que Maria gosta eu conheço.’
- b. * .
 HOMEM Loc_{homem} MARIA GOSTA EU CONHECER
 ‘O homem que Maria gosta eu conheço.’
- c. * .
 HOMEM MARIA GOSTA EU CONHECER
 ‘Homem que Maria gosta eu conheço.’

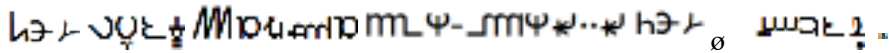
Observamos o Loc articulado como antecedente de relativas restritivas (27a) e apositivas (28a), (28b). Os exemplos em (28a) e (28b) mostram que os Locs articulado e não-articulado podem funcionar na posição de antecedente relativo como proforma; e a agramaticalidade de (28c) atesta que a presença de um Loc articulado ou não-articulado nessa posição é portador das propriedades gramaticais do antecedente relativo.

- (28) a. .
 Loc_{homem} MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO
 ‘Ele, que Maria convidou, não é educado.’
- b. (Loc_{EU} olha para Loc_{homem}) .
 Loc_{homem} MARIA CONVIDAR (É)
 .
 EDUCADO NÃO
 ‘Ele, que Maria convidou, não é educado.’
- c. * .

MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO

‘_____ Maria convidou não é educado.’

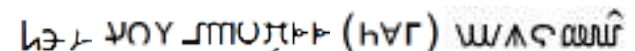
O exemplo (29) mostra que o tipo *relativa resumptiva* ocorre em libras, tendo um Loc como pronome resumptivo⁴⁹.

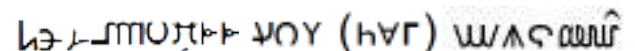
- (29) 
 LoChomem HOMEM MARIA CONVIDAR Locp3homem EU CONHECER
 ‘O homem que Maria convidou ele eu conheço.’

2.2.4 Locs coocorrendo com PosP e QP

Os possessivos (PosP) e quantificadores (QP) universais e discretos são categorias da estrutural funcional do nome⁵⁰ que, em português, por exemplo, podem coocorrer com o nome, diferentemente do que ocorre com os demonstrativos e quantificadores existenciais.

Em (30a), a adjacência entre o Loc articulado  (Loc_{amigo}) e o possessivo  (SEU) foi avaliado como gramatical e, da mesma forma, em (30d), a adjacência entre o possessivo e o Loc não-articulado (direção do olhar) foi também considerada possível pelos informantes⁵¹.

- (30) a. 
 LoCamigoSEU AMIGO É BONITO
 ‘Este seu amigo é bonito.’

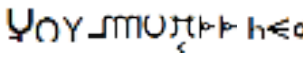
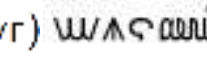
- b. 
 LoCamigo AMIGO SEU É BONITO

⁴⁹Esta sentença apresenta uma ambiguidade semântica. Podemos interpretá-la como relativa resumptiva, como proposto acima, ou como uma estrutura de tópico/comentário, com a interpretação “*O homem que Maria convidou, eu o conheço*”. Neste sentido, cabem ainda mais estudos e testes de aceitabilidade com os informantes para determinarmos de forma segura a estrutura desse tipo de sentença em libras.

⁵⁰ Segundo Floripi (2008, p. 30), “Cinque (1994), Giusti (1997) e o português Martinho (1998) procuraram acomodar na estrutura do sintagma nominal os adjetivos qualificativos, os possessivos, os quantificadores e numerais e para tal efeito propuseram a existência de categorias funcionais intermediárias que abrigasse estes elementos, pensando posteriormente na realização de movimento de nome para categorias funcionais”.

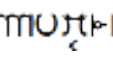
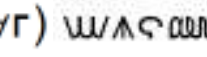
⁵¹ Localizador não-articulado do tipo *direção do olhar* (LocNA). Neste caso temos um enunciador Loc_x que olha para o Loc_{amigo}, sobre quem está falando.

‘Este amigo seu é bonito.’

c.    .

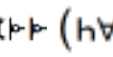
SEU AMIGO Loc_{amigo} É BONITO

‘O seu amigo é bonito.’

d.      .

SEU Loc_{amigo} AMIGO É BONITO

‘Este seu amigo é bonito.’

e.     .

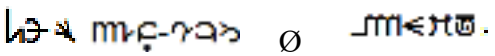
SEU AMIGO É BONITO

‘Seu amigo é bonito.’

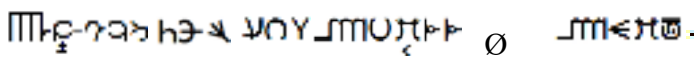
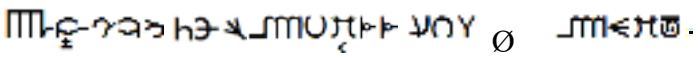
Felipe (s/d, p. 16), em *Introdução à Gramática da Libras*, descreve os seguintes pronomes possessivos nessa língua.

	Formas de 1 ^a pessoa	Descrição	Tradução para o Português
Singular	Pro	Para a 1 ^a pessoa : ME@, pode haver duas configurações de mão: uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito. Para as 2 ^a e 3 ^a pessoas, a mão tem esta segunda configuração em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida: segunda ou terceira.	<i>Meu/teu/seu</i>
Plural	Pro-dual	Não há sinal específico para os pronomes possessivo no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo:	<i>Nosso/vosso/seus</i>

‘De todos eles eu gosto.’

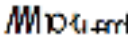
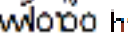
- c. .
 LocP3 TODOS EU GOSTAR.
 ‘Deles todos eu gosto.’

Observamos também que é gramatical a ocorrência do Loc entre o quantificador e Pos-N ou N-Pos, como se pode observar nos exemplos a seguir. A grafia do Loc como  engloba um movimento longo que dá ideia de plural (estes).

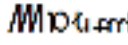
- (32) a. .
 TODOS LocAmigos SEUS AMIGOS EU GOSTAR
 ‘De todos estes seus amigos eu gosto.’
- b. .
 TODOS LocAmigos AMIGOS SEUS EU GOSTAR
 ‘De todos estes amigos seus eu gosto.’

2.2.5 Loc como elemento anafórico

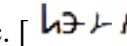
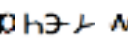
Em Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), levantamos a hipótese de que os Locs são elementos que têm uma natureza exclusivamente dêitica, tanto no que diz respeito à articulação, quanto no que diz respeito à função de referenciação. Em discussão apresentada no capítulo 3 refinamos essa hipótese, que agora nos parece um pouco limitada naquele trabalho. Deixando a questão da dêixis para o próximo capítulo, chamamos atenção aqui apenas para o fato de que a questão da anáfora abrange duas perspectivas: em sentido amplo, a anáfora é tratada como fenômeno intra-sentencial, relativo à coesão textual; e 2) em sentido estrito, a anáfora é tratada dentro da estrutura sentencial formal. Considerando a última perspectiva, dentro dos limites bastante restritos da teoria gerativa, Miotto *et al* (2007) informa que, de acordo com a teoria X-barra, a anáfora tem necessariamente um antecedente que o comanda dentro de um domínio de vinculação. No exemplo (32) observamos ocorrência da anáfora “um ao outro”.

- (33) a. [     ]_i []_i =
 MARIA LocMaria JOÃO LocJoão AMAR LocMaria/João(um ao outro)

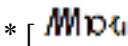
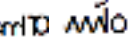
‘ O João e a Maria amam um ao outro.’

- b. [ LocNA⁵²  LocNA_i  ]_i []_i =
 MARIA LocMaria JOÃO LocJoão AMAR LocMaria/João(um ao outro)

‘ João e Maria amam um ao outro.’

- c. [     ]_i []_i =
 LocMaria MARIA LocJoão JOÃO AMAR LocMaria/João(um ao outro)

‘ Esta Maria e este João amam um ao outro.’

- d. * [   ]_i []_i =
 MARIA JOÃO AMAR LocMaria/João(um ao outro)

‘ João e Maria amam um ao outro.’

Em (33b) os sinais JOÃO e MARIA foram realizados em pontos diferentes no espaço físico à frente do enunciador; e, em (33d), esses sinais foram realizados no mesmo ponto, sem a preocupação de marcação de espaço. Assim, a agramaticalidade de (33d) demonstra que, em libras, a anáfora  (um ao outro) depende da presença do  LocMaria e do  LocJoão, articulado ou não-articulado, para realizarem a coindexação com os nomes “Maria” e “João”. Isto se dá devido à natureza dêitica do constituinte anafórico  (um ao outro). O sinal  se articula como uma apontação para o ponto anteriormente definido como o referente de Maria, o LocMaria ( ,  ou LocNA), fazendo-se um movimento semicircular no plano frontal até o ponto anteriormente definido como o referente de “João”, pelo LocJoão ( ,  ou LocNA). Em outras palavras, tanto a construção da referência quanto a correferência se dão de forma dêitica, através da apontação e retomada dos pontos previamente marcados como referentes.

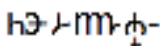
⁵²Doravante, o Loc não-articulado do tipo *direção do olhar* será transcrito como LocNA.

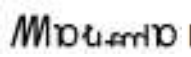
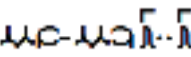
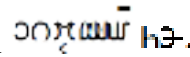
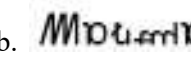
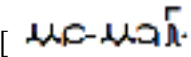
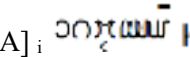
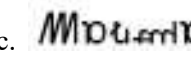
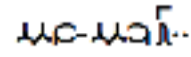
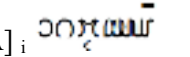
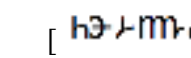
Em outros casos, por sua forma de articulação, alguns verbos dão conta de indicar os referentes de seus argumentos através do movimento que o compõe, dispensado a realização articulada da anáfora $h\dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a}$ (um ao outro). É o que ocorre com o verbo “esbarrar” em (34).

- (34) a. $[\text{homem-1} \text{ Loc}_{\text{homem-1}} \text{ homem-2} \text{ Loc}_{\text{homem-2}}]_i \text{ ESBARRARAM } [\text{UM NO OUTRO}]_i =$
 [HOMEM-1 Loc_{homem-1} HOMEM-2 Loc_{homem-2}] ESBARRARAM [UM NO OUTRO]
 ‘Os homens_i esbarraram [um no outro]_i’.
- b. $*[\text{homem-1} \text{ homem-2}]_i \text{ ESBARRARAM } [\text{UM NO OUTRO}]_i =$
 [HOMEM-1 HOMEM-2] ESBARRARAM [UM NO OUTRO]
 ‘Os homens_i esbarraram [um no outro]_i’.
- c. $[\text{homem-1} \text{ LocNA}_{\text{homem-1}} \text{ homem-2} \text{ LocNA}_{\text{homem-2}}]_i \text{ ESBARRARAM } [\text{UM NO OUTRO}]_i =$
 [HOMEM-1 LocNA_{homem-1} HOMEM-2 LocNA_{homem-2}] ESBARRARAM [UM NO OUTRO]
 ‘Os homens_i esbarraram [um no outro]_i’.

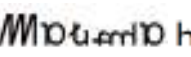
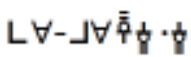
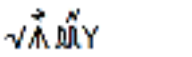
Os exemplos (34a) e (34c) mostram que a anáfora nula, que ocorre com verbos como $h\dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a}$ (esbarrar) tanto pode se coindexar com nomes determinados por Locs articulados quanto com nomes determinados Locs não-articulados. Já (34b) mostra que na ausência de Locs uma sentença desse tipo é agramatical. O movimento das mãos na realização do verbo parte dos pontos marcados para os referentes. Por isso a anáfora pode ser nula com verbos articulados dessa forma, mas é preciso haver Locs marcando os referentes para que a coindexação dos nomes com a anáfora realizada ou nula possa ocorrer.

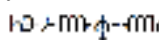
O exemplo (35) abaixo mostra que mesmo elementos anafóricos trazem a propriedade da dêixis, e mais, depende dela para constituir sua correferência. O que marca as diferentes correferências entre o Loc $h\dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a}$ e os sinais “ $M\dot{a}r\dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a}$ ” (a Maria) em (35a) e “ $\dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a} \cdot \dot{a}$ ” (namorado dela) em (35b) é o ponto no espaço físico para o qual o Loc aponta, se o ponto marcado como referente para *Maria* ou o ponto marcado como referente para *namorado dela*. Na modalidade falada, essas sentenças não são ambíguas, mas num tipo de escrita linear, como o sistema SEL, essa sentença se torna ambígua porque essa

indicação de pontos no espaço físico constitui-se de forma tridimensional⁵³. No exemplo (35c) observamos que o sinal  (ele mesmo) é um Loc anafórico, que também está preso a apontação do ponto do espaço físico correspondente a seu referente. Ou seja, constitui sua correferência também por meio da dêixis⁵⁴.

- (35) a.   
 MARIA LocMaria NAMORADO DELA LocNA_namorado AMAR LocP3_Maria
 ‘O namorado de Maria a ama.’
- b.   
 MARIA LocMaria NAMORADO DELA LocNA_namorado AMAR LocP3_namorado
 ‘O namorado de Maria se ama.’
- c.   
 MARIA LocMaria NAMORADO DELA LocNA_namorado AMAR

 LocP3_ele próprio
 ‘O namorado de Maria ama ele mesmo.’

Os exemplos em (36) mostram Locs coindexados a um nome em oração anterior. Como esses se coindexam ao sujeito da oração anterior estamos analisando-os como anáforas, ou seja, elementos que trazem uma ideia reflexiva, embora seu antecedente não esteja em seu domínio mínimo. Conforme Kato (2002), em línguas como o japonês o reflexivo pode se coindexar a um antecedente fora do domínio mínimo. Talvez seja esse o caso da libras. Além disso, podemos pensar numa homofonia entre algumas anáforas e pronomes nessa língua.

- (36)a.  /LocNA]  
 MARIA LocMaria TELEVISÃO DESFILAR

⁵³ A ambiguidade é um fenômeno recorrente nas línguas naturais, que se utilizam de outras formas de organização das sentenças para desfazê-las, nas modalidades falada ou escrita. No caso dessa sentença, o uso da anáfora  (ele mesmo) desfaz a ambiguidade, como demonstrado em (34c).

⁵⁴ Nas sentenças em (35) caberia ainda um estudo mais detalhado, identificando a possibilidade ou não de mudanças na interpretação caso a ordem dos referentes *Maria* e *namorado dela* fosse alterada. É importante ter em mente que essa análise teria como base o princípio de linearidade temporal de realização da sentença.

[həʔ-/LocNA]_i vʋoY .

LocP3_{MARIA} VER

‘Maria se viu desfilar na televisão.’

b. [MɪDɔmɪD hɛɔ-/LocNA]_i vʋoY LV-JV̄ē̄ .ē̄ ē̄

MARIA LOC_{MARIA} VER TELEVISÃO

[həʔ-/LocNA]_i vʋ̃Ã .

LocP3_{Maria} DESFILAR

‘Maria se viu desfilar na televisão.’

Capítulo 3

D-DP: a categoria dos elementos localizadores

3.1 Natureza dêitica dos Localizadores

Alguns autores têm tratado os Locs como elementos dêiticos-anafóricos. Pizzuto *et al* (2006, p. 140) definem essas ditas “estruturas dêitico-anafóricas, de modo bastante simplificado, como recursos de coesão textual que permitem aos falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles em momento posterior (anáfora)”. Ou seja, para esses autores, quando se realiza a “apontação” de pessoas, personagens, objetos ou lugares no espaço físico, durante a produção da fala em línguas de sinais, esta “apontação” será dêitica se ocorrer no início do discurso e será anafórica se ocorrer nas partes subsequentes. Acreditamos que a propriedade da dêixis não tem apenas esse caráter pragmático que Pizzuto *et al* (2006, p. 140) apontam. A dêixis está intrínseca ao Loc não apenas na sua forma de articulação, mas também em sua estrutura gramatical,

fazendo parte da composição dos traços formativos dessa categoria, como veremos em discussão apresentada na seção 3.3 deste capítulo.

Como já mencionamos no capítulo anterior, em Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) levantamos a hipótese de que esses elementos têm uma natureza exclusivamente dêitica. O que percebíamos na ocasião daquele trabalho é que, mesmo nos contextos em que Pizzuto *et al* (2006, p. 140) tratam esses elementos como anafóricos, verificamos que estes constroem a referenciação de forma dêitica, uma vez que fazem sempre apontação direta dos referentes, em qualquer parte do discurso.

O conceito de anáfora está tradicionalmente ligado ao conceito de correferência. Conforme Trask (2004, p. 29), anáfora é “um elemento linguístico cuja interpretação é tomada de algum outro elemento presente na mesma sentença ou no discurso”. Segundo Ilari (2001), a crença de que o fundamento da anáfora é uma operação semântica de correferência tem orientado tanto as investigações de linguistas que estudaram a anáfora como fenômeno intra-sentencial quanto outros que pretendiam tratar da coesão textual, e, portanto, se predispunham a priorizar relações cujo domínio é, por definição, mais amplo do que a estrutura sintática da sentença.

Pizzuto *et al* (2006, p. 140) estão tratando de anáfora em sentido amplo, isto é, como elemento de coesão textual. Mas assumimos um ponto de vista em que, até mesmo num sentido muito estrito, isto é, *anáfora* (elementos reflexivos) na concepção gerativa, esses elementos estariam vinculados à propriedade da dêixis. Como vimos no capítulo anterior, tanto a construção da referência quanto a correferência se dão de forma dêitica, na libras, através da apontação e retomada dos pontos previamente marcados como referentes. O sinal anafórico  (um ao outro), por exemplo, se articula como uma apontação para o ponto anteriormente definido como o referente de um nome, fazendo um movimento semicircular no plano frontal até o ponto anteriormente definido como o referente de outro nome.

Segundo Ilari (2001, p. 97) a “idéia de Vendler é que, no começo de toda cadeia, breve ou longa que seja, encontraremos sempre um ‘termo singular primitivo’, e por ‘termo singular primitivo’, ele entende os nomes próprios e os pronomes dêíticos como eu e tu”. Isto quer dizer que, para esse autor, a dêixis é a base primitiva da referenciação. Isso reforça a nossa hipótese de que os Locs trazem a dêixis como propriedade inerente, porque talvez os Locs sejam o caso de elementos que se prendem ao tipo de referenciação básica devido a sua natureza articulatória gestovisual.

Refinando essa hipótese, compreendemos os Locs como elementos de natureza eminentemente dêitica, e tal natureza interfere na sua atuação como elemento gramatical.

Assim, a construção da referenciação da qual esses elementos participam se dá sempre de forma dêitica, na modalidade falada dessa língua. Considerando a importância que essa propriedade tem para o presente estudo, cabe aqui ampliarmos um pouco a nossa visão acerca da dêixis.

Segundo o pensamento da Gramática de Port-Royal, proposto por Arnauld e Lancelot (2001, p. 54), a propriedade dêitica estaria relacionada à categoria pronominal. Indicaria, portanto, as pessoas do discurso. A 1ª pessoa “eu”, quem fala; a 2ª pessoa “tu”, para quem se fala; e a 3ª pessoa “ele”, sobre quem ou sobre o que se fala. Dentro da compreensão da indicação de 3ª pessoa, eles inserem os demonstrativos (“este”, “esse”, “aquele”), os quais teriam a capacidade mais específica de indicar, quase que gestualmente, a coisa sobre a qual se fala. Segundo os autores (ARNALD E LANCELOT, 2001, p. 194), os demonstrativos são:

as palavras que, sem fornecer alguma noção precisa de substância ou de modo, não passam de uma designação, uma indicação, e despertam apenas uma idéia de existência, tais como *celui, celle, ceci, cela* etc. (“este”, “esta”, “isso”, “aquilo”), que somente as circunstâncias determinam e são apenas termos metafísicos, próprios para assinalar simples conceitos e as diferentes perspectivas do espírito.

Já Câmara Jr. (1978, p. 90) diz que a dêixis é uma “faculdade que tem a linguagem de designar mostrando em vez de conceituar”. Dessa forma, segundo o autor, a dêixis estaria presente no sinal como, “conjunto sônico que indica ou mostra”, enquanto que o símbolo, “conjunto sônico que representa ou simboliza”, não apresentaria esta característica. E estes dois tipos de elementos compõem o signo linguístico.

Para Benveniste (2005), a dêixis também é uma propriedade dos pronomes. Entretanto, ele propõe que as relações pessoais ocorrem somente na relação entre a 1ª pessoa, quem fala, e a 2ª pessoa, para quem se fala, *eu/tu*; enquanto que o elemento sobre o qual se fala, *ele*, configura-se como não-pessoa. Segundo o autor (BENVENISTE, 2005, p. 280), “a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere”. Dessa forma, mesmo os demonstrativos necessitam da relação com as pessoas do discurso (*eu/tu*) para que se constitua o seu caráter dêitico. Lahud (1979, p. 68), acerca na noção de dêixis, diz que:

o objeto denotado pelos dêiticos deve ser um objeto ‘dado’ em relação às circunstâncias e é, pois, a indicação precisa dessas relações que constitui o sentido desses termos. (...) a caracterização dos dêiticos a que chegamos,

seguindo a esteira de Frege, é, pois, idêntica àquela que propõe Alston dos *Indexical Words*: trata-se, diz Alston, de palavras que, embora tenham uma significação constante, mudam, sistematicamente, de referência conforme as mudanças nas ‘condições de sua elocução’. Assim, por exemplo, ‘eu’ tem um único sentido: ‘o locutor’ (Frege diz mais corretamente: ‘aquele que te fala neste instante’) ‘e porque tem sempre esse significado é que o seu referente varia sistematicamente com as variações nas condições de elocução’”.

Segundo essa teoria, os dêíticos são compreendidos a partir do esquema ternário de tradição semiótica, segundo o qual a relação estreita entre significante/significado/referência desempenha um papel importante; o que amplia a proposta do signo linguístico, proposto por Saussure (1916), na qual o referente do mundo físico não fazia parte da compreensão do signo, composto apenas pelo par significante/significado. Nessa perspectiva, a significação dos elementos dêíticos somente indica uma relação entre o “objeto” e as condições de elocução. Assim, quando apresentamos um objeto linguisticamente, dizendo “isto”, por exemplo, é como dizermos, na verdade, que é o objeto que “eu” mostro, mediante um gesto de “apontação” no espaço físico em direção a ele, quando digo “isto”. Logo, só pode existir um único “isto”, uma vez que este elemento é instaurado “pelo ato de discurso que os enuncia e onde um único ‘eu’ pode estar mostrando algo; assim como, no momento em que alguém diz ‘eu’, existe um só ‘eu’, um só ‘agora’, apenas um só ‘ontem’, etc.” (LAHUD, 1979, p. 78).

Conforme todos os autores acima, a dêixis se instaura no ato do discurso, tomando pontos de referência por “apontação” e esses ponto de referência envolvem as pessoas do discurso. Esta é a base de constituição dos Locs. Assim é que esses elementos atuam como determinantes construindo a referência nominal.

Podemos dizer que os Localizadores, independentemente da sua forma de articulação (articulados ou não-articulados), sempre constroem seus referentes no espaço físico, no momento da enunciação. Todo momento em que se faz referência a uma personagem, esta é feita de forma dêítica, porque é feita através da “apontação” no espaço físico. Fato este que possibilita, inclusive, a modificação espacial dessas personagens, ao longo da narrativa, sem que haja dúvidas ou ambiguidades entre elas.

Contextos de ambiguidade em línguas orais, como o exemplificado abaixo, são uma evidência da constância da propriedade da dêixis nos Locs.

- (37) Maria e Joana ficaram responsáveis pelo serviço de limpeza. # Ela vai limpar os quartos e ela a sala e a cozinha. # Ela se preocupou com os banheiros, mas ela disse que já ia fazer coisa demais.

As duas últimas sentenças das três em (37) são ambíguas, devido à propriedade anafórica do pronome “ela” nesse contexto. O pronome “ela” aí deveria marcar seu referente estabelecendo correferência com um antecedente, mas essa correferência encontra dois candidatos a antecedente; os nomes “Joana” e “Maria”. A ambiguidade neste exemplo demonstra que o referente de “ela” neste contexto, em português, só ocorre de forma anafórica. Diferentemente dessa situação, o exemplo (37) na modalidade falada da libras não apresenta nenhuma ambiguidade, porque os pronomes de 3ª pessoa aí serão o Loc_{Maria} e o Loc_{Joana}. O que demonstra que é a propriedade da dêixis que individualiza o Loc, livrando-o da ambiguidade em qualquer contexto.

3.2 Locs numa abordagem pronominal

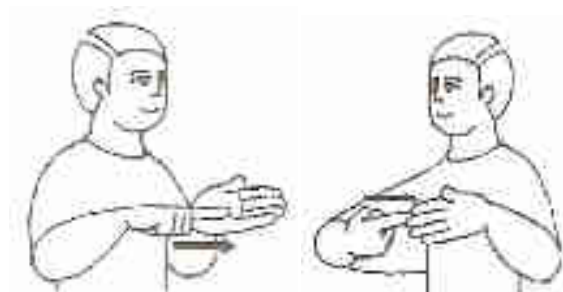
Vários autores tratam os Locs como pronomes. Bellugi e Klima (1982) apontam a presença desses elementos na língua de sinais americana (ASL – *American Sign Language*), indicando-os como formadores da base de referência pronominal. Ferreira-Brito (2010, p. 94), analisando os elementos que chamamos aqui de Locs como “verdadeiros pronomes”, considera “a localização como parte do espaço de enunciação usada como estrutura linguística para os pronomes”.

Como vimos no capítulo anterior, a referenciação através da dêixis ocorre em línguas de sinais também através dos verbos “direcionais”, conhecidos também como verbos “indicadores”⁵⁵. Moreira (2007) investiga a dêixis dentro da análise de pronomes e de verbos indicadores. A autora se ancora nos estudos de Liddell (2003), o qual diz que (*apud* MOREIRA, 2007, p. 3):

tanto os pronomes pessoais quanto os verbos indicadores têm a propriedade de ser realizados e localizados no espaço físico em frente e ao redor do corpo do sinalizador e de apontar, dentro desse espaço, para um local que está associado, no discurso, a uma representação mental do(s) seu(s) referente(s). Para o autor, os sinais dêiticos são formados por duas partes: uma lingüística, que é invariável, e uma outra que é dêitica, ou seja, que varia conforme a situação discursiva.

⁵⁵Estes elementos são também tratados sobre a terminologia de *verbos com concordância* (QUADROS, 1999).

Em verbos indicadores, tais como *perguntar*, por exemplo, “quem pergunta” e “a quem se pergunta” é estabelecido como ponto inicial e ponto final do movimento no espaço físico. Em libras, a diferença entre PERGUNTAR (figura [18a] abaixo) e PERGUNTAR-ME (figura [18b]) é estabelecida pela mudança de direção do movimento. A direção do movimento de articulação deste verbo vai depender das pessoas do discurso; para que se tenha “eu pergunto para você”, o movimento da mão parte do corpo do enunciador “eu” para o ponto onde se encontra a 2ª pessoa “tu”. Do contrário, para que se tenha que “você” pergunta para “mim”, o movimento da mão parte do ponto onde se localiza a 2ª pessoa “tu” em direção a 1ª pessoa “eu”.



mr̥-ε-hchY mr̥-ε-hch̥Ψ

[a] PERGUNTAR

[b] PERGUNTAR-ME

Figura 18: Verbo ‘Perguntar’ (CAPOVILLA, 2001, p.1033)

Com base nessa análise podemos dizer que, em libras, os Locs representam as pessoas ‘eu’, ‘tu’ e ‘ele’, que são estabelecidas de forma dêitica pela presença do corpo físico da 1ª pessoa sempre, porque, como enunciador, este não se faz ausente no contexto da enunciação, e da presença dos corpos físicos da 2ª e da 3ª pessoas, se essas estiverem presentes na cena da enunciação. Caso não haja pessoas reais presentes que representem a segunda ou a 3ª pessoa do discurso, o movimento deste verbo se direciona para um ponto ou parte de um ponto vazio no espaço físico, no qual se colocou um referente imaginário.

Moreira (2007, p. 4) diz que há uma correspondência entre os chamados pronomes na ASL e na libras. Assim, segundo a autora, os elementos localizadores em Línguas de Sinais funcionam como pronomes, assim como em línguas de modalidade oroauditiva, cujas propriedades são a construção do referente da sentença e a indicação das pessoas do discurso.

3.3 Categoria dos determinantes numa abordagem gerativista

3.3.1 Determinante como categoria funcional do nome

Os determinantes, dentro da abordagem gerativista, são uma categoria funcional que exerce papel importante dentro da referência de um item nominal, além de lhe oferecer o estatuto de argumento. Desde meados da década de 1980, Chomsky (1986) e outros pesquisadores vêm desenvolvendo a teoria gerativa em vários aspectos, no intuito de promover uma melhor compreensão dos fenômenos sintáticos das línguas naturais. Nesse aprimoramento as categorias funcionais, como o DP, ganharam um papel de suma importância no quadro paramétrico de variação das línguas.

Numa abordagem inicial, os determinantes, ou DPs (*Determiner Phrase*), eram concebidos como elementos subcategorizados por NPs (*Nominal Phrase*). Dessa forma, como o D ocupava a posição do especificador do NP, o DP não era projetado na estrutura. Entretanto, ao passo que os estudos acerca dos constituintes nominais foram se aprofundando, surge a *Hipótese do DP*, proposta por Fukui e Speas (1986) e Abney (1987). Segundo esta abordagem, o sintagma nominal possui uma estrutura hierárquica semelhante à de uma sentença, sendo constituído por uma parte funcional (DP) e outra lexical (NP), o que permite uma análise gramatical e semântica desta estrutura. Dessa forma, “os NPs na teoria de Chomsky (1970) ou de Stowell (1981) são na realidade *Grupos de Determinantes* (...), projeções da categoria D e não da categoria N” (RAPOSO, 1992, p. 210).

Semelhantemente à estrutura do VP, em que o item lexical é dominado por projeções funcionais, como AgrP e IP, as estruturas nominais são consideradas como itens lexicais dominados por projeções funcionais DP e AgrP. Assim, o NP é subcategorizado pelo D, responsável pela atribuição da referência do item nominal, uma vez que este item não é capaz de construí-la sozinho.

Mas, observa-se certa variação nesse sistema funcional do nome, que nas línguas modernas se compõe normalmente do artigo juntamente com o demonstrativo, além do possessivo e quantificador. Segundo Brito *et al* (2003, p. 346), os determinantes “são uma classe limitada de elementos (...) que servem para construir valores referenciais de individualização das expressões nominais”, além de restringir a extensão do núcleo nominal. Podem ser distribuídos em dois grupos, segundo suas propriedades sintática e semântica: os artigos (não dêiticos) e os demonstrativos e possessivos (dêiticos). Os dêiticos remetem ao referente extralinguístico, ou seja, são recursos linguísticos que “apontam” referentes no

mundo físico (este, esse, aquele), enquanto que os anafóricos remetem ao discurso anterior, sempre relacionado a um antecedente.

Quanto à variação desse sistema funcional nominal, verifica-se que há, no Francês⁵⁶, por exemplo, um determinante vazio – Ø. Este faz parte do quadro dos artigos disponíveis nessa língua, sendo caracterizado como ausência de artigo. Com relação a este determinante, Anscombre (1990) também aponta para o fato de que o Francês é capaz de licenciar um artigo zero. Segundo o autor (ANSCOMBRE, 1990, p. 47-48)⁵⁷:

Il y a en français contemporain un article zero (...). Selon cette hypothèse, il doit être ajouté à liste traditionnelle des déterminants. De plus, cela signifie que le français a toujours en un article zero: cependant, si l'on se réfère aux étapes antérieures du français, la fonction de cet article zero a varié diachroniquement parlant. Cet article zero se manifeste par une absence de déterminant en surface; c'est un tel article qui est en particulier présent dans les locution verbales (comme faire allusion, donner ordre, obtenir réparation, prendre congé...).

De acordo com esta perspectiva, o autor sugere a impossibilidade de distinguir, de forma clara, quando é possível a ocorrência do determinante Ø e da ausência de artigo. Mas, de forma geral, pode-se dizer que o Francês, em alguns contextos, é uma língua que permite a não realização sintática de artigo, diferentemente de línguas em que o seu emprego é obrigatório.

A ausência de determinante é tratada de maneira diferente por Longobardi (1994). Esse autor, ancorado na hipótese de DP, propõe uma possibilidade de movimento do núcleo N para o núcleo D, ao pesquisar sobre as propriedades semânticas e distribucionais dos nomes e dos determinantes. Segundo o autor, este movimento é um aspecto universal nas línguas naturais e pode ocorrer ou não, dependendo dos parâmetros fixados na sintaxe da língua. O autor ainda afirma que todo sintagma nominal em posição de argumento é um DP. Sendo assim, a posição do núcleo D deve ser sempre preenchida. O movimento do núcleo N ocorreria devido à necessidade de checagem de um traço forte de referencialidade em D. Comenta Floripi (2008, p. 34) que:

⁵⁶ Ver *Grammaire du Français Contemporain* (Chevalier, J. C. et al. 1964, p. 220).

⁵⁷ Tradução: “Há no francês contemporâneo o artigo zero (...). De acordo com esta hipótese ele deve ser adicionado à lista tradicional de determinantes. Além disso, isto significa que o francês ainda tem um artigo zero, no entanto, se remete para as fases iniciais do francês, a função do artigo zero variou diacronicamente falando. Este artigo zero é manifestado pela falta de determinante realizado sintaticamente; este é um artigo que está presente em particular nas locuções verbais (como aludido, instruir, obter reparação, tirar licença...)”.

a contribuição trazida pelo estudo de Longobardi (1994), ao revelar uma variação paramétrica entre as línguas, ressalta a importância e necessidade do licenciamento de uma categoria D na estrutura do sintagma nominal quando em posição de argumento.

A variação no sistema funcional do nome inclui outros componentes como o possessivo. Floripi (2008, p. 48-49) cita o estudo realizado por Borges Neto sobre o uso do artigo no português brasileiro, segundo o qual, no contexto em que há descrições definidas sem o uso do pronome possessivo, em algumas situações é possível a omissão do artigo, sem causar alteração no sentido. Mas, no contexto em que ocorrem pronomes possessivos nas descrições definidas a omissão do artigo é possível, contudo, implica diferença de significação da sentença. Para Reichenbach (1974), somente “in exceptional cases, the definite article can be omitted”. Observemos os exemplos abaixo, baseados nos citados por Floripi (2008, p. 49):

- (38)a. A boneca de Helena é de louça.
- b. Boneca de Helena é de louça.
- c. A minha boneca é de louça.
- d. Minha boneca é de louça.
- e. Boneca minha é de louça.

Em (38a) temos uma descrição definida com artigo sem a presença de possessivo. Na estrutura apresentada em (38b), com a omissão do artigo ocorre um sentido de generalização do item nominal (boneca). Neste caso, pode-se entender que “qualquer boneca de Helena é de louça”. Já nas sentenças subsequentes têm-se descrições definidas com a presença do pronome possessivo. Em (38c) há a ocorrência de artigo e possessivo, os quais conferem os traços [+definitude] e [+posse], respectivamente, ao nominal (boneca). Em (38d) temos a ausência do artigo sem que haja mudança de sentido da sentença. Já em (38e) a posição do possessivo posposta ao item nominal configura uma interpretação de generalização da sentença, semelhante a (38b). Isso é possível em português brasileiro, uma vez que o uso do artigo na posição antecedente ao possessivo pré-nominal não é obrigatório, ao contrário do português europeu, por exemplo, o qual somente permite a ausência do artigo no caso de estruturas com nomes próprios sem o possessivo.

Assim, em línguas como o português brasileiro, segundo Floripi (2008, p. 50):

a posição do possessivo em relação ao nome seria uma forma de ressaltar a definitude desse elemento. Se este estiver anteposto ao nome, ele teria um valor delimitativo, como os artigos, os quantificadores e os demonstrativos. E quando os possessivos estiverem pospostos ao nome seria o caso de licenciamento de um predicado, não sendo possível atribuir um valor delimitativo ao nome.

Essa variação envolvendo a possibilidade ou não de ocorrência de determinante com possessivo foi estudada por Schoorlemmer (1998), segundo a qual a diferença entre as línguas se deve à possível opção paramétrica de licenciamento do traço de definitude, que estaria: em Poss para as línguas do tipo 1, como o Italiano, ou em D para línguas do tipo 2, como o inglês. Para a autora, os traços de um elemento sintático podem ser variáveis ou fixos. Os traços variáveis precisam receber um valor por associação com um traço fixado do mesmo tipo. Assim, o traço fixo de [concordância] de um verbo é alçado para T para fixar o valor do traço variável [concordância] de I. De acordo com essa ideia, os traços serão variáveis, se e somente se, houver uma estrutura funcional que permita que estes traços fixem seus valores. Dessa forma, o alçamento de N para D, segundo essa proposta, se justifica pela necessidade de checagem de traços variáveis de D⁵⁸.

A existência de movimentos internos no DP devido ao traço de definitude é também abordada por Lyons (1999) ao tratar de certa mudança no demonstrativo do Latim que teria levado ao surgimento do artigo nas línguas românicas. Segundo esse autor, a referida mudança decorre do fato de haver no Latim a necessidade de especificação do traço [+definitude] por meio de um alçamento do item lexical para D, onde checaria esse traço. Lyons (1999) e também Giusti (2001) afirmam que os demonstrativos ocorrem em uma posição inferior a dos artigos definidos. Ambos consideram também que os demonstrativos em Latim se moviam para SpecDP, havendo depois uma mudança que implicou o movimento desse elemento para D, o que o fez ser reanalisado como artigo.

O trabalho de Floripi (2008) também encontra no traço de definitude licenciamento em nível do DP. Segundo a autora, é a referência/definitude do núcleo nominal do DP possessivo que é responsável pelo licenciamento do tipo de possessivo, acarretando na realização ou não

⁵⁸ Schoorlemmer (1998, p. 73) propõe a estrutura [DP Pos + D [PosP DP_iPos [Num N + Num [NP 'DP_i 'N]]]], em que o N° carrega os traços fixos para gênero, massa/contável e a possibilidade de leitura genérica, contendo, dessa forma, os traços variáveis de [~ número] e [~ definitude], assim como os traços do núcleo D, capazes de licenciar os argumentos deste. Além disso, o núcleo da projeção funcional PossP teria um traço fixo de posse [+ posse] e N teria um traço variável [~ posse]. Segundo essa proposta, os possessivos são gerados dentro do NP como argumento de N e podem ser alçados para o especificador de uma projeção funcional PossP, imediatamente dominada por DP, a fim de levá-lo ao licenciamento formal.

do artigo. Nos sintagmas nominais possessivos, a marcação de definitude de todo o DP é realizada seja por meio do possessivo com o traço [+definido], capaz de mover-se para D, seja pela inserção de um artigo em D⁰ capaz de checar os traços desse núcleo. Considerando o português europeu clássico, a autora propõe que, no caso de um nome próprio, que possui forte marca de referencialidade/definitude, há um efeito sobre os elementos mais adjacentes a ele, no sintagma, fazendo com que o pronome possessivo que o acompanha seja projetado sem os traços de [+definitude]. Nesse caso, para se obter a marca de definitude de todo o DP é preciso inserir um artigo em D. Segundo ela, isto explicaria o fato de que o número de artigos em nomes próprios seja bem maior do que os demais nos dados analisados em seu trabalho. Já no caso dos nomes relacionais, cujo papel semântico é estabelecer relações, a autora explica que o fato de não possuir traços intrínsecos de referencialidade/definitude faz com que o possessivo licencie os traços de [+definitude]. Uma vez que o possessivo tem este traço, ele é capaz de mover-se para D para checar-lo, inibindo a inserção de um artigo.

Floripi (2008) constatou, a partir de dados históricos, que a influência que o núcleo do DP tem sobre o licenciamento do artigo deixou de ocorrer no século XIX, devido à mudança no sistema da língua. Conforme a autora, o núcleo do DP possessivo no português europeu atual não mais revela gradação no uso do artigo, uma vez que este é sempre obrigatório, com exceção dos nomes próprios sem o possessivo, nos quais há uma entidade ou pessoa com fortes marcas de definitude, como em (2) abaixo, citado por Floripi (2008, p. 217). Assumindo Longobardi (1994), a autora explica que este fenômeno só é possível uma vez que o próprio nome é capaz de checar os traços de definitude localizados em D através do movimento de N para D para os nomes próprios.

(39) Adão foi o precursor da humanidade.

3.3.2 Mecanismo minimalista de concordância e a geometria dos traços nos pronomes

O Programa Minimalista, doravante PM, é, antes de tudo, uma nova forma de concepção da Faculdade da Linguagem e, portanto, da GU (Cf. Chomsky, 1995). De acordo com o PM, há um sistema derivacional o qual faz interface com apenas dois componentes externos (interpretativos): *oarticulatório-perceptual*, que ocorre através do nível de representação em Forma Fonética (PF - *Phonetic Form*), e *oconceitual-intencional*, que ocorre através do nível representacional em Forma Lógica (LF - *Logical Form*). Nestes níveis apenas são interpretados pelo sistema os traços que são legíveis, obedecendo assim ao

Princípio de Interpretação Plena. Se uma determinada sentença satisfaz a esse princípio ela converge, caso contrário, ela fracassa.

Segundo Chomsky (1997), apesar de o sistema computacional ser inflexível para todas as línguas, é possível haver variações linguísticas entre as diferentes línguas e mesmo no interior de um dado sistema. Essa variação ocorre devido às variações nas propriedades dos itens lexicais, compostos por traços formais que são interpretáveis no sistema.

De acordo com o PM, um item lexical⁵⁹ é formado por traços semânticos, fonológicos e formais. Traços fonológicos são instâncias de PF apenas e não participam da derivação, pois apenas traços semânticos e formais entram na computação. Mas os traços semânticos, que são relevantes em LF, são inacessíveis no decorrer da derivação. Segundo essa proposta, os traços têm que ser legíveis durante a computação, caso contrário são eliminados nas operações do sistema computacional, que envolvem categorias lexicais e funcionais.

Conforme Chomsky (1998), categorias funcionais legítimas compartilham um mesmo traço, o traço *EPP*, que pode ser compreendido como “o traço D”. Este traço tem a característica de atrair uma expressão nominal ao núcleo que o carrega, podendo ser localizado na posição de especificador desse núcleo ou adjungido a ele.

A *Numeração* está no início de toda a computação de uma determinada sentença; e essa *Numeração* é acessada através da operação *Seleção*. Entretanto, os itens lexicais ao serem selecionados pela *Numeração* não são compreendidos propriamente como léxico, mas como um conjunto de traços que serão interpretados ao longo da computação. Em seguida, a operação *Concatenar* (*Merge*) é acionada para que ocorra a união dos itens lexicais e elementos mais complexos formados por estes.

De acordo com Chomsky (1999), traços não interpretáveis em um núcleo entram na derivação não valorados. A operação de concordância (*Agree*) incorpora mecanismos de valoração de traços não valorados, se houver correspondência (*match*) entre os traços da sonda (*probe*) e do alvo (*goal*). O escopo da sonda é determinado por c-comando. Assim, antes de a derivação alcançar *Spell-out*⁶⁰ os traços formais não valorados são valorados e eliminados (cf. Chomsky, 1999)⁶¹.

⁵⁹ Considerado como o conjunto de itens com suas propriedades idiossincráticas que compõem as línguas naturais.

⁶⁰ A saída para PF.

⁶¹ Segundo Carvalho (2008), para Frampton & Guttmann (2000) esses traços ficariam inertes até que alcancem as interfaces, análise também assumida por este autor.

Dessa maneira, a operação *Mover* (*Move*) é acessada quando determinado traço está presente na sonda. Assim, o alvo XP é alçado para a posição de Spec da sonda, para que esta tenha seu traço valorado. Chomsky (1995) propõe que o que torna um elemento ativo para o sistema computacional são os seus traços não-interpretáveis.

Para a estrutura de DP, vários autores trabalham sob a possibilidade de uma geometria de traços com os quais os pronomes seriam compostos. Argumenta Carvalho (2008) que os tradicionais traços ϕ (traços *Phi*, de pessoa, número e gênero) que compõem os pronomes pessoais são, na verdade, elementos categoriais que comportam traços mais elementares, os quais definem tanto o conteúdo quanto a forma do pronome.

Cardinaletti e Starke (1999) propõem uma tripartição da classe de pronomes em elementos *clíticos*, *fracos* e *fortes*. Para as autoras, enquanto pronomes fortes são projeções nominais completas, pronomes fracos necessitam da camada funcional mais alta, e pronomes clíticos não projetam ambas as camadas funcionais mais altas. Dessa forma, quanto menos traços ou projeções um elemento tem, mais deficiente ele é. Esta deficiência estrutural seria traduzida como a falta de um conjunto de núcleos funcionais, os quais contêm traços ϕ e traços referenciais.

Déchaine e Wiltschko (2002) dizem que os tipos de pronomes são definidos morfossintaticamente e este seu *status* é que determina suas propriedades de ligação. Segundo os autores, os pronomes são divididos em três tipos de acordo com seu status categorial: pro-DPs, pro- ϕ Ps e pro-NPs. Estruturalmente, pro-DPs incluem pro- ϕ Ps e/ou pro-NPs; assim, os últimos seriam constituintes do primeiro, similarmente à deficiência estrutural postulada por Cardinaletti e Starke (1999). Então, pro- ϕ P seria uma projeção intermediária entre D e N que codifica traços ϕ . De acordo com suas propriedades de ligação, nesta perspectiva, pro-DPs seriam expressões-R, pro- ϕ Ps seriam variáveis, enquanto que pro-NPs seriam subcategorizados pelo primeiro.

Harley e Ritter (2002) dividem os tradicionais traços ϕ em três grandes grupos ou categorias: *Participant*, *Individuation* e *Class*. *Participant* inclui os traços *Speaker* e *Addressee*, usados para representar *pessoa*; *Individuation*, inclui *Group*, *Minimal* e *Augmented*, que representa a categoria *número*; e *Class*, e seus sub-grupos, codifica *gênero* e outras classes informacionais.

Béjar (2003) desenvolve uma análise através de uma perspectiva para traços formais onde [ϕ] codifica as propriedades nominais que normalmente entram no processo de concordância: *pessoa*, *número* e *gênero*. Para a autora, os pronomes obedecem a uma hierarquia interna, ou seja, uma geometria, que é responsável por sua sistematização.

A autora introduz um novo traço à geometria, a saber, o traço $[\pi]$ (*Pi*). Este seria um nó intermediário entre a raiz do elemento referencial e o nó $[PARTICIPANT]$. $[\pi]$ é também um rótulo para a categoria *pessoa*. Segundo a autora, este traço é empiricamente necessário, pois, sem ele, os não-participantes seriam obrigatoriamente subespecificados, exceto pelo traço $[INDIVIDUATION]$, e, talvez, pelo traço raiz-R. Além disso, a introdução de $[\pi]$ é também motivada pelo fato de a subespecificação de traços para a 3ª pessoa poder ser o ponto de variação, uma vez que, apesar de alguns pronomes de 3ª pessoa serem totalmente subespecificados, há pronomes de 3ª pessoa com subespecificação parcial, os quais podem atuar como *interventores*. Segundo a autora (BÉJAR, 2003, p. 48-49)⁶²:

(...) one clear contrast between participants and nonparticipants is that the reference of the former is inherently dependent upon shifting discourse roles, whereas the reference of latter can be fixer. One might expect that the cline is thus somehow pertaining to deixis and the property of fixed reference (or the lack thereof). In this case the introduction of a feature category in the position of $[\pi]$ is well-motivated, as there must be some means of encoding the fact that nonparticipant pronouns are also inherently deitic (though not obligatorily shifters), whereas full NPs need not be deitic, though they can be. In other words, 3rd person subcategorize for deixis in more ways than can be represented by the binary contrast between participants and nonparticipants.

Béjar (2003) afirma que a inserção do traço $[\pi]$ é necessária como uma camada representativa, já que alguns traços categoriais devem ser incluídos dentro do nó Participant. Dessa forma, os traços $[DEFINITE]$ e $[ANIMATE]$ são acarretados por $[PARTICIPANT]$ em línguas como húngaro e algonquiano. Estas categorias, alternativamente, podem ser requeridas pelo nó $[PARTICIPANT]$. Portanto, $[\pi]$ rotularia os traços que podem ser capturados entre R e $[PARTICIPANT]$, assumindo a representação (BEJAR, 2003, p. 79):

SPEAKER > PARTICIPANT > {DÊITIC > DEFINIT > SPECIFIC > ... > D = π } > R

⁶²Tradução proposta: “um claro contraste entre os participantes e os não participantes é que a referência do primeiro é inerentemente dependente mudando de papéis no discurso, considerando que a referência deste último pode ser fixa. Seria de esperar que o declínio é, portanto, de alguma forma, pertencente a dêixis e a propriedade de referência fixa (ou a falta dela). Neste caso, a introdução de uma categoria característica na posição de $[\pi]$ é muito motivado, como deve haver algum meio de codificar o facto do pronome de 3ª pessoa ser também inerentemente dêitico (embora não obrigatoriamente shifters), enquanto NPs completos não precisam ser dêíticos, embora possam ser. Em outras palavras, as três pessoas subcategorizadas para dêixis podem ser representadas em diferentes formas através do contraste binário entre os participantes e não participantes”.

Nesta perspectiva, $[\pi]$ domina estes traços, uma vez que alguns deles podem ou não estar presentes na configuração. O nó $[\pi]$ é uma variável que codifica outros elementos que podem ser necessários para contraste de pessoa, assim, o acarretamento de traços sob $[\pi]$ permite que o paradigma pronominal prediga uma forma com referência arbitrária mesmo que esta compartilhe a mesma forma de um outro definido.

Segundo com Béjar (2003), o mesmo mecanismo adotado para *pessoa* pode ser estendido no que diz respeito a *número* e *gênero*. Assim, *número* seria um feixe de traços composto pelo traço $[INDIVIDUATION]$, que representa a distribuição de entidades no mundo de acordo com suas propriedades discursivas independentes, tais como *classe* e *quantificação*, o qual subcategoriza os traços $[GROUP]$, $[DUAL]$ e $[\#]$ (sustenido). A presença deste último, coocorrendo com $[GROUP]$ ou $[DUAL]$, determina a quantificação do nominal, já a sua realização isolada determina uma leitura singular do nominal.

Gênero, conforme a autora, seria composto pelos traços $[Feminine/Masculine]$ distintos do traço $[Animate]$, em PB, por exemplo (Cf. CARVALHO, p. 90). Para Béjar (2003), a combinação dos traços de *Class* com aqueles dominados pelo nó $[\pi]$ definiria se *gênero* será refletido no pronome, ou seja, a projeção $[PARTICIPANT]$ inibiria a realização visível de *gênero* no pronome, resguardando os traços disponíveis para checagem, e possível representação morfológica, em outros elementos que entrem em concordância com estes.

Já Carvalho (2008), descrevendo a estrutura interna dos pronomes em PB, com base nas propostas de Harley e Ritter (2002) e Béjar (2003), adota uma geometria de traços formativa do pronome pessoal, considerada por ele mais adequada a essa língua, ou seja, responsável pela composicionalidade interna do pronome em PB. Tais traços formativos seguiriam, segundo o autor, uma hierarquia que se faz com base na subespecificação. Carvalho (2008, p.77) assume que “essa composicionalidade interna é suficiente para codificar algumas características ‘externas’, tais como referencialidade”.

Carvalho (2008) descreve da seguinte maneira os traços assumidos por ele como componentes da categoria *pessoa*, traço de conteúdo semântico, que dominaria os subtraços:

- a) $[PARTICIPANT]$: este traço caracteriza os participantes do processo discursivo (1ª e 2ª pessoas). A ausência desse traço e, conseqüentemente, dos traços por ele dominados, caracteriza a 3ª pessoa.
- b) $[SPEAKER]$: a presença do traço $[SPEAKER]$ imediatamente dominado pelo traço $[PARTICIPANT]$ define o pronome como sendo o participante no processo discursivo (1ª pessoa). (...).
- c) $[ADDRESSER]$: este traço caracteriza o ouvinte no processo discursivo. (...)
- d) $[D]$: este traço corresponde ao traço $[N]$ e caracteriza nominais. A presença deste traço caracteriza o nominal como sendo um argumento, (...) Este traço

- também domina as projeções que compreende traços como [DEFINITE] e [SPECIFIC].
- e) [SPECIFIC]: denota um indivíduo particular (ou grupo de indivíduos). Um DP que apresenta um traço [SPECIFIC] é interpretado como “um indivíduo que é conhecido pelo falante”
 - f) [DEFINITE]: o traço [DEFINITE] define quando um DP se refere a algo presente no universo discursivo.

Carvalho (2008, p. 82-83)

Afirma o autor, com base em Harley e Ritter (2002), que o nó representacional para categorias de *número, grau e classe* seria [INDIVIDUATION] e o descreve da seguinte maneira:

- a) [INDIVIDUATION]: representa a distribuição de entidades no mundo de acordo com suas propriedades discursivas independentes, tais como *classe* e *quantificação*.(...)

Carvalho (2008, p. 85)

Da mesma forma que considera [π] empiricamente necessário, o autor considera, por razões também empíricas, a necessidade de adotar o traço [#] como nó representacional para composição da categoria *número*. Assim:

- a) [#]: a presença deste traço representa a quantificação do nominal. [#] caracteriza uma leitura singular do nominal.
- b) [GROUP]: a presença do traço [GROUP] é determinada pela presença do traço [INDIVIDUATION[#]] e exige uma leitura plural, i.e., a leitura de mais de um elemento.

Carvalho (2008, p. 86 e 87)

Para os pronomes pessoais em PB, o autor ainda considera o traço [CLASS], que domina o traço [FEMININE]. Considerando que a leitura do feminino é especificada e a de masculino não, assume o autor que a leitura de masculino é interpretada a partir da ausência do traço [FEMININE]. E os traços [ANIMADO/INANIMADO] considerados por Harley e Ritter (2002), são desconsiderados por Carvalho (2008) pelo fato de tais características não se apresentarem em pronomes pessoais do PB.

Com base nessa geometria, Carvalho (2008) acredita que os diferentes pronomes e seus papéis sintáticos podem ser descritos através de sua composição interna, compreendendo que certos traços, outrora considerados externos ao conjunto de traços- ϕ , fazem parte dessa categoria.

3.3.3 Elipse Nominal

Para Lobeck (1995), Sleeman (1996), Kester e Sleeman (2002), a elipse nominal é compreendida como uma categoria vazia *pro*, estando, assim, sujeita a princípios de legitimação e identificação. Dessa forma, um pronominal vazio não arbitrário deve ser estritamente regido por núcleo, e regido por um X^0 especificado por traços fortes. Segundo os autores, as construções elípticas ou categorias vazias são legitimadas por uma relação de concordância com um núcleo funcional.

De acordo com Torrego (1988), os demonstrativos e os quantificadores são suficientemente “ricos” semanticamente para legitimarem a elipse nominal, possuindo os traços necessários de pessoa, gênero e número. Pelo contrário, o artigo definido é um determinante “fraco”, que necessita de outros elementos com traços de pessoa para poder legitimar a elipse nominal. Segundo Kester e Sleeman (2002), a elipse de nomes é licenciada num constituinte oracional que é selecionado por um artigo definido, se o nome elidido está numa posição de especificador da derivação, entrando numa relação de verificação com o núcleo funcional mais alta dentro do constituinte.

Segundo Matos (2003, p. 869), a elipse é um recurso linguístico que torna possível a omissão de um item lexical ou de uma expressão linguística, o qual é possível ser recuperado no contexto ou situação. Neste sentido, a elipse nominal afeta uma unidade interna a um constituinte nominal, ou seja, há a elipse ou do item nominal isolado, ou deste item com os seus complementos ou adjuntos. O contexto que permitirá a recuperação deste núcleo encontra-se disponível morfologicamente em número e gênero intrínsecos aos seus argumentos. Dessa forma, há uma identidade categorial do conteúdo da elipse do nome com o seu antecedente. Acerca disso, no caso do português, por exemplo, a elipse nominal ocorre, comumente, em estruturas coordenativas, devido à simetria estrutural entre as sentenças.

3.4 Elementos localizadores como núcleo D

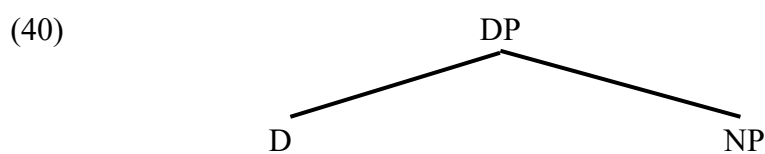
A fim de explicar a referenciação em línguas de sinais como a libras, que garantem essa propriedade, valendo-se de sinais de “apontação” (Locs), apresentamos aqui uma proposta de análise para a estrutura do DP em libras com base nas propostas de Longobardi (1994) e Schoorlemmer (1998) no que diz respeito à checagem dos traços funcionais do DP pelo determinante e pelo próprio nome; e na proposta de Carvalho (2008) no que diz respeito à geometria desses traços funcionais.

Considerando a análise empírica dos dados da libras, que demonstram que a referencialidade nessa língua toma como base a dêixis, conforme vimos no capítulo anterior, pressupomos que a essa língua possui um traço de dêixis nos núcleos funcionais do nominal (D, Pos, Q), o qual deve ser obrigatoriamente checado para produzir leitura referencial. A checagem desse traço é feita ou por Loc ou pelo nome (N), se o item que o checa apresenta a propriedade da dêixis ou se autorreferencia, como os nomes próprios e alguns nomes comuns em certos contextos. Esse traço de dêixis é característico das categorias funcionais do nome devido ao aspecto tridimensional dessa língua que tem uma natureza gestovisual.

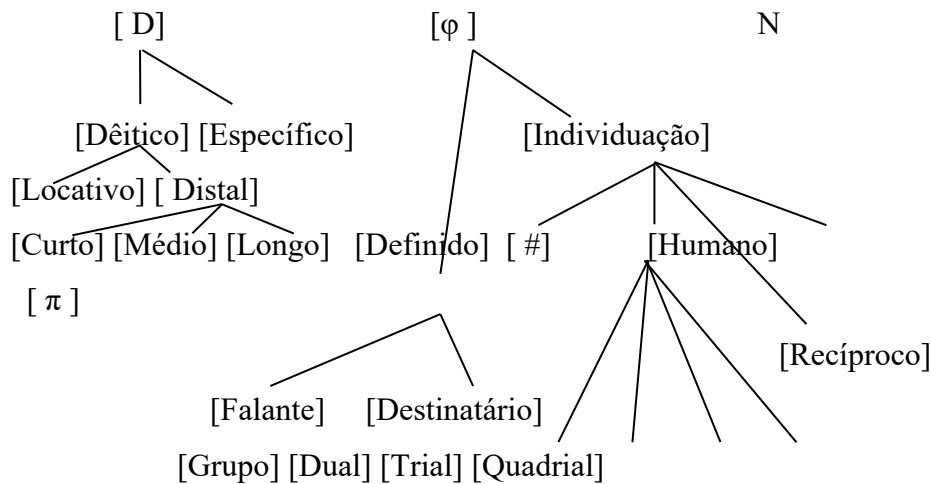
Como vimos, de acordo com Chomsky (1999), para valorar traços não interpretáveis, a operação de *Agree* incorpora mecanismos de valoração sob a condição de haver correspondência (*match*) entre os traços da sonda (*probe*) e do alvo (*goal*). De acordo com nossa proposta, o mecanismo de valoração de traços na parte funcional do nome em libras se baseia na obrigatoriedade de checagem do traço de dêixis conjuntamente com a checagem dos outros traços, dependendo disso a constituição da referenciação.

Pela proposta de Déchaine e Wiltschko (2002), ϕ poderia ser o núcleo de uma projeção máxima ϕP , que seria uma projeção intermediária entre D e N, a qual codificaria traços [ϕ]. No caso dos Locs em libras, que ocorrem nas ordens Loc N, N-Loc ou Loc *pro*, a assunção de tal proposta acarretaria a violação da HMC⁶³ pelo movimento que propomos em alguns dos casos analisados a seguir. Assim, optamos por tratar ϕ apenas como um traço, presente em sondas e alvos, a ser checado em núcleos funcionais. Como, com base em Chomsky (1998), uma expressão nominal atraída ao núcleo que carrega um traço [D] pode ser ou localizada na posição de especificador desse núcleo ou adjungido a ele, optamos por assumir, na análise dos casos que se seguem, que ou o nominal (N) se adjunge aos núcleos funcionais (D e Pos) ou o NP é alçado para a posição de especificador dos núcleos D, Pos ou Q, quando esse alçamento se faz necessário.

Dessa forma, para configurar os traços envolvidos nessa operação tomamos como base o estudo de Carvalho (2008) com algumas adequações, a fim de comportar o quadro empírico encontrado na libras e chegamos à seguinte geometria para o DP nessa língua:



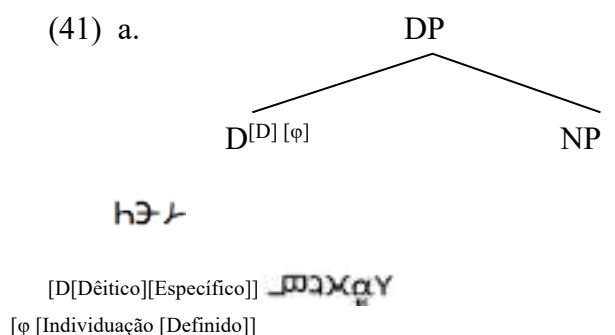
⁶³Head Movement Condition: “Um núcleo só pode se mover para a primeira posição de núcleo que o comanda.” (MIOTO *et alii*, 2004, 253)



A principal observação a ser feita aqui é quanto ao traço [D]. Segundo Carvalho (2008), o traço [D] codifica as informações nominais; a presença dele codifica o nominal como sendo um argumento; e este traço também dominaria as projeções contendo os traços [DEFINIDO] e [ESPECÍFICO]. Como a libras é uma língua que se articula no espaço físico, por sua natureza gestovisual, verificamos importância capital da dêixis na construção da referenciação nominal, como já discurremos longamente acima. Assim, a codificação do referente nessa língua se dá, como vimos, com a anteposição ou pós-posição do Loc ao nome, mas também com nominais nus. Parece-nos, portanto, adequado separar o traço [D] do nó [φ], conforme se verifica em (44). Dessa forma é que, em D encontra-se o traço [DÊÍTICO], que torna a checagem da raiz [D] obrigatória. Essa checagem é feita ou por Loc ou pelo nome (N). Se [D] é checado por Loc, temos a ordem Loc N (estrutura (45a)); se é checado pelo nome temos ou a ordem N-Loc (estrutura (46a)) ou um nominal nu (estrutura (47a)). Não vimos necessidade de trabalhar com os nós [PARTICIPANT] e [π], como propõe Carvalho (2008), uma vez que, ao retirarmos o nó [D] do domínio de [π], o contraste presença/ausência de [FALANTE] e [DESTINATÁRIO] codifica claramente o contraste entre as 1ª e 2ª pessoas, de um lado (especificadas como participantes do discurso), e a 3ª pessoa do outro (não especificada por não participar do discurso), ou seja, a não-pessoa nos termos de Benveniste. Acrescentamos os números [DUAL], [TRIAL] e [QUADRIAL] e os traços [HUMANO] e [RECÍPROCO] por esses serem traços observados em libras e deixamos os traços [ESPECÍFICO] e [DEFINIDO] como nós a parte de [π] por entendermos que há Locs que codificam esses traços e que não codificam o traço de *pessoa* [π]. Colocamos o traço [ESPECÍFICO] como subespecificação do [D], considerando a propriedade de referenciação desse traço, e o traço [DEFINIDO] como subespecificação de [INDIVIDUAÇÃO], considerando as propriedades discursivas desse traço. Devemos ressaltar que essas diferenças

na proposta que estamos adotando decorrem do fato de estarmos analisando outra língua diferente do PB, analisada por Carvalho (2008), e também do fato de estarmos estendendo esta análise às categorias funcionais do nome como um todo e não apenas aos pronomes pessoais.

(41) a.

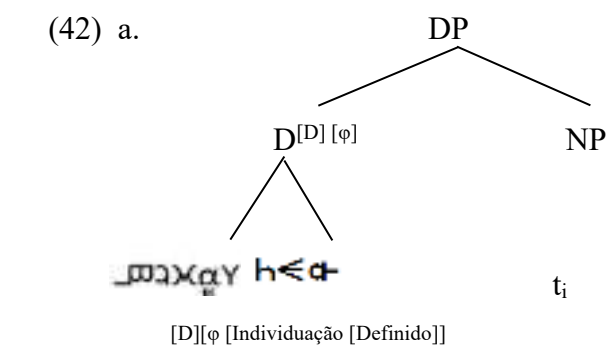


b. ከ፡ኃ ጠገላሃ ርፎ-ፀፃፀ (...)

LOC_{mulher}. MULHER COZINHAR

‘Esta mulher cozinha (...)’.

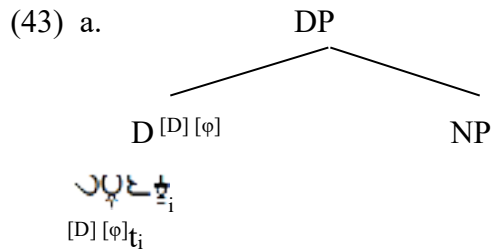
(42) a.



b. ጠገላሃ ከ፡ኃ ርፎ-ፀፃፀ

MULHER Loc COZINHAR

‘A mulher cozinha.’



b. (*ከጽሑፍ) ህጻኑ አለመብክር.

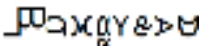
(*Loc_{homem}) HOMEM CHORA NÃO. (leitura genérica)

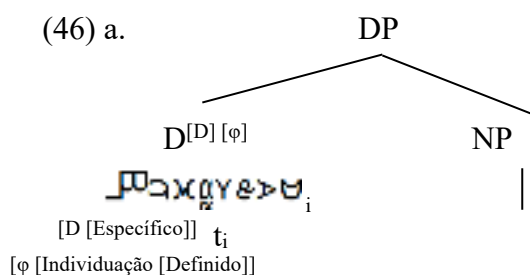
‘Homem não chora.’

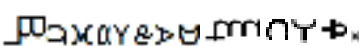
Nas três estruturas em (41), (42) e (43) a sonda D possui os traços formais [D] e [φ]. Assume Carvalho (2008, p.96), com base em Béjar (2003, p.53), que *Macht*⁶⁴ é avaliada na raiz, isto é, uma sonda (F) e um alvo (F') são compatíveis se o alvo (F') acarreta a raiz da sonda (F). Nesse caso, os traços formais do núcleo D podem ser checados por alvos que possuam as raízes [D] e [φ], independentemente de seus traços subespecificados. Assim, em (45a), o Loc ከጽሑፍ, que possui os traços [D[DÊITICO][ESPECÍFICO]] e [φ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]]] checa o núcleo D. Em (42a), o Loc ከጽሑፍ, que possui apenas o traço [φ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]]] checa somente o traço [φ], ficando o traço [D] para ser checado pelo N ሁሉም (MULHER), que se adjunge a D para realizar essa checagem. E, em (43a), a ausência do Loc faz com que recaia no nominal ህጻኑ (HOMEM) a checagem dos traços [D] e [φ]. Dessa forma, na linha das análises de Longobardi (1994) e Schoorlemmer (1998), assumimos que o alçamento de N para a categoria funcional D se justifica pela necessidade de checagem de traços deste núcleo.

Observemos que o nominal está checando apenas o traço raiz das sondas. Pela condição de valoração na operação de checagem, em que *Match* é avaliada na raiz (cf. BÉJAR, 2003), a checagem dos traços do núcleo D por Loc produz uma leitura diferente da produzida pela checagem dos traços desse núcleo pelo nominal, porque na checagem por Loc entram também traços subespecificados. Assim é que temos em (41b) uma leitura específica e definida do DP, semelhante à leitura de um demonstrativo em português; em (42b), uma leitura definida, semelhante a um artigo em português; e em (43b) uma leitura genérica.

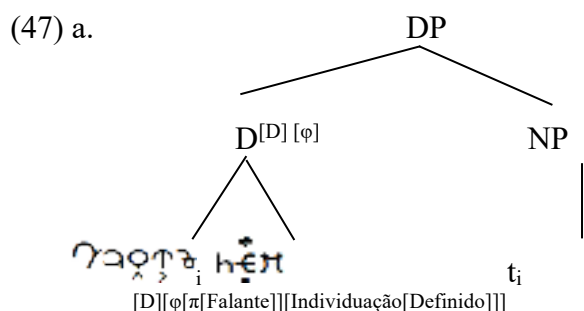
⁶⁴ Correspondência entre os traços de Sonda e Alvo.

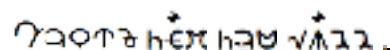
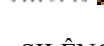
Além de nomes próprios, em libras, certos nomes comuns, de referentes claramente identificados no contexto discursivo, como  (MÃE), citado no capítulo anterior e repetido aqui como (46b) abaixo, também podem ter uma estrutura como (45a), uma vez que eles apresentam uma leitura referencial sem a presença de um Loc.



b. 
MÃE MORRER
'A mãe morre.'

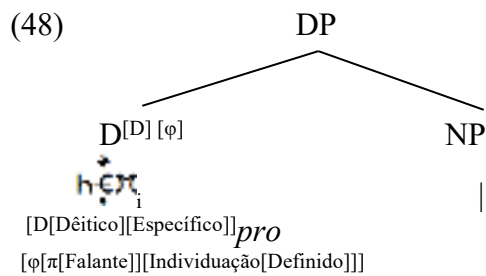
Se Loc apresenta o traço $[\phi[\pi[\text{FALANTE}]][\text{INDIVIDUAÇÃO}[\text{DEFINIDO}]]]$ temos a configuração de 1ª pessoa na posição de determinante de um nominal, conforme (47a), como em (47b) encontrado nos dados, já exibido no capítulo anterior.



b.   
CABELO LocP3Cinderela SILÊNCIO IR
'A Cinderela sai em silêncio.'

Assumimos, dentro da linha de análise aqui adotada, que, no caso da estrutura dos pronomes, a checagem dos traços $[\phi]$ e $[D]$ por Loc pode licenciar uma elipse nominal, já que

o traço [D], que corresponde ao traço [N] e caracteriza nominais, conforme Carvalho (2008, 83), tem sua checagem garantida. Assumimos que a elipse nominal é uma categoria vazia *pro* (Cf. LOBECK, 1995, SLEEMAN, 1996, KESTER E SLEEMAN, 2002). Essa nossa proposta para a estrutura dos Locs proformas se fundamenta em análises como a de Torrego (1988), que, como vimos, vê nos demonstrativos e quantificadores riqueza de traços suficiente para legitimarem a elipse nominal, em contraste com o artigo definido, que necessita, segundo este autor, de outros elementos com traços de pessoa para poder legitimar a elipse nominal. Assim a estrutura do pronome de 1ª pessoa em libras é (48), segundo nossa proposta.



Os demais pronomes pessoais, portanto, têm a estrutura (48), alterando-se os traços subespecificados checados por cada um, conforme quadro abaixo:

Pronomes pessoais	Traços formais
h-ε̇π _i - eu	[D[Dêitico][Específico]] e [φ[π[Falante]]][Indiv.[Definido]]
hΛΘ - nós ou todos	[D[Dêitico][Específico]] e [φ[π[Falante]]][Indiv.[Definido][#[Grupo]]] ou [D[Dêitico][Específico]] e [φ[Indiv.[#[Grupo]]]] ⁶⁵
hΛTΦ - nós	[D[Dêitico][Específico]] e [φ[π[Falante]]][Indiv.[Definido][#[Grupo]]]
√ΛYΨ - nós dois	[D[Dêitico][Específico]] e [φ[π[Falante]]][Indiv.[Definido][#[Dual]]]

⁶⁵ O que ocorre, na verdade, é uma homofonia entre o sinal hΛΘ = nós e hΛΘ = todos, mas o conjunto de traços formais desses sinais são diferentes.

- nós três	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Falante]][Indiv.[Definido][#[Trial]]]]
- nós quatro	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Falante]][Indiv.[Definido][#[Quadrial]]]]
- você	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Destinatário]][Indiv.[Definido]]]
- vocês	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Destinatário]][Indiv.[Definido][#[Grupo]]]]
- vocês dois	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Destinatário]][Indiv.[Definido][#[Dual]]]]
- vocês três	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Destinatário]][Indiv.[Definido][#[Trial]]]]
- vocês quatro	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[π[Destinatário]][Indiv.[Definido][#[Quadrial]]]]
- ele/ela	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido]]]
- eles/elas	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido][#[Grupo]]]]
ou - elas/eles dois	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido][#[Dual]]]]
ou - eles/elas três	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido][#[Trial]]]]
ou - eles/elas quatro	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido][#[Quadrial]]]]
- um ao outro	[D[Dêítico][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido][Recíproco]]]

Quadro 7: Traços formais dos pronomes pessoais em libras⁶⁶

Os Locs de 3ª pessoa, correspondendo à não-pessoa, nos termos de Benveniste (2005), não apresentam o traço [π]. Como esses Locs apresentam o traço [Dêixis], isto os iguala formalmente ao Loc que vemos acompanhado nominais em anteposição, como veremos adiante.

⁶⁶Cavalho (2008) aponta a possibilidade de ausência do traço [ESPECÍFICO] como responsável pelas 1ª e 2ª pessoas arbitrárias em PB. Neste estudo não procuramos observar esse aspecto na libras, por isso, no quadro 7, esse traço aparece para todos os pronomes.

libras, não há diferença formal entre o Loc que corresponde a um demonstrativo (anteposto ou a proforma) e o Loc que corresponde ao pronome pessoal de 3ª pessoa em línguas como o português, além do fato de apresentarem a mesma articulação⁶⁷.

Os Locs locativos, que são proformas locativas, apresentam o seguinte quadro de traços formais em libras:

Locativos	Traços formais
 - aqui	[D[Dêítico[Locativo]][Específico]] e [φ[π[Falante]][Indiv.[Definido]]]
 - aí	[D[Dêítico[Locativo][Distal[Curto]][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido]]]
 - ali	[D[Dêítico[Locativo][Distal[Médio]][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido]]]
 - lá	[D[Dêítico[Locativo][Distal[Longo]][Específico]] e [φ[Indiv.[Definido]]]

Quadro 9: Traços formais dos locativos em libras⁶⁸

Conforme nossa observação, todos esses Locs se distinguem daquele que aparece sempre posposto ao nominal e que tem, como vimos, a característica de um determinante apenas. Seu quadro de traços é:

Locs determinante	Traços formais
	[φ[Indiv.[Definido]]]

Quadro 10: Traços formais do determinante em libras⁶⁹

Esse é o único Loc para o qual não indicamos a presença do traço [DÊIXIS]. Como vimos em (42a), propomos que nesse caso é o nominal que checa a raiz [D], não

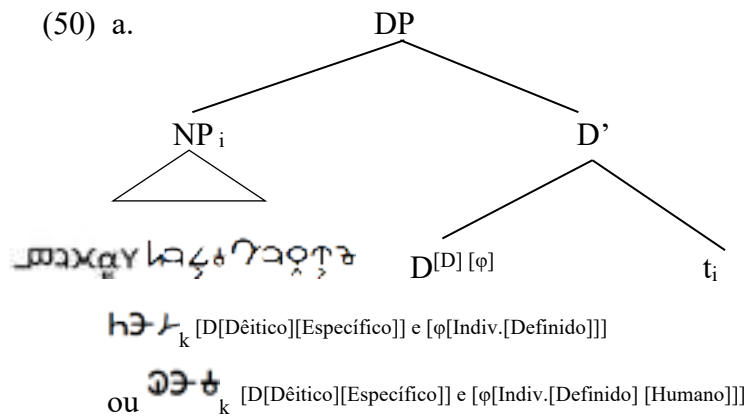
⁶⁷Em português a diferença entre o demonstrativo “este(a)/esse(a)” e o pronome pessoal de 3ª pessoa “ele(a)” talvez esteja na ausência de dêixis neste último. Em libras, como defendemos aqui, a libras é característica dos Locs de modo geral.

⁶⁸O fato de termos traduzido o Loc  por “aí” pode criar, no caro leitor, a ideia de que este teria uma relação com a 2ª pessoa, como no português. Na verdade, a articulação fortemente dêitica dos Locs locativos da libras define muito claramente as distâncias. Observamos, assim, referência apenas ao traço de 1ª pessoa porque o “falante” é o ponto de referência para medição das distâncias.

⁶⁹ Com relação à articulação, o Loc posposto ao nominal () não se difere nem do Loc anteposto () nem dos Locs proformas “ele/ela”, “este/esta” () e “você” (). Em todos esses casos, ocorre uma apontação, com a mão configurada em zê () para um ponto à frente ou de um dos lados do falante (com variação na direção do olhar no caso da diferenciação ente “você” e “ele/ela”), o que faz com que o eixo e a direção do movimento se alterem a cada execução. Assim, optamos por utilizar uma grafia específica e fixa para esses Locs, como já é utilizada na escrita SEL, considerando apenas a diferença formal.

subespecificada. Essa checagem garante uma leitura referencial definida, em que a apontação serve apenas para a referenciação do nominal já realizado.

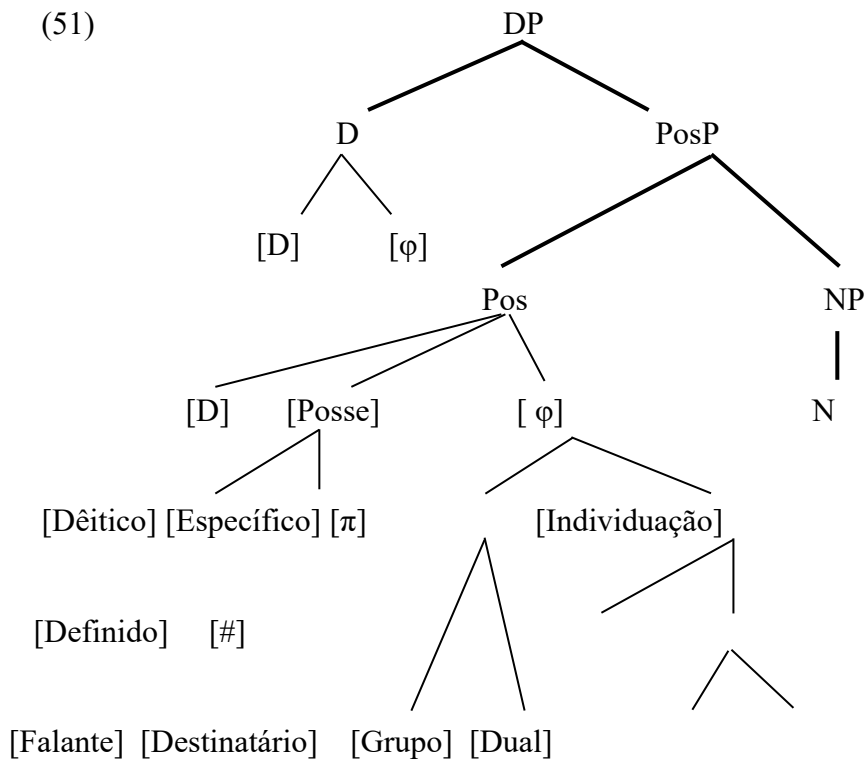
Para os casos de posposição do Loc ao complemento de N ou adjunto de NP, encontrados nos dados, analisamos que o que ocorre nesse caso é um alçamento do NP para SpecDP, com a checagem dos traços $[\phi]$ e $[D]$ pelo Loc $ከፊሩ$ ou pelo Loc $ፀፅፅ$.



- b. $ፀፅፅ ከፊሩ ግደግግግግ ከፊሩ ወላወላ$
 MULHER AMARELO CABELO Loc BOM
 ‘Esta mulher de cabelo amarelo é boa.’

- c. $ፀፅፅ ከፊሩ ግደግግግግ ፀፅፅ ወላወላ$
 MULHER AMARELO CABELO Loc BOM
 ‘Esta mulher de cabelo amarelo é uma pessoa boa.’

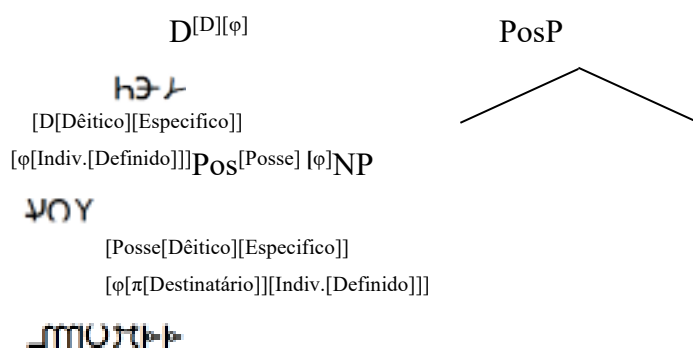
Considerando as características formais observadas nos possessivos, conforme os dados, assumimos que o núcleo PosP traz traços- ϕ . Assim, (51) é a estrutura que abriga possessivos. Na raiz $[\phi]$ de Pos não encontramos os traços [TRIAL], [QUADRIAL] e [HUMANO] porque essas características não existem nos possessivos em libras. E o núcleo Pos, por sua vez, traz o traço [POSSE[DÊITICO][ESPECÍFICO]], além de $[D]$ e $[\phi]$ com subespecificações.



Por meio de teste de aceitabilidade verificamos que o possessivo pode aparecer nas seguintes ordens apresentadas de (52) a (57): Loc Pos-N; Loc N-Pos; Pos-Loc N; Pos-N; N-Pos; Pos-N-Loc. Como se pode verificar nas estruturas apresentadas de (52) a (57) abaixo, todas essas ordens decorrem dos mesmos movimentos de checagem de traços propostos nas estruturas anteriores. Apenas na estrutura em (57a) acrescenta-se um movimento de PosP para SpecDP. E postulamos que tanto o núcleo Pos como os constituintes possessivos apresentam-se de duas maneiras: com e sem o traço [D], o que em certos casos força a subida de N para Pos para checagem desse traço.

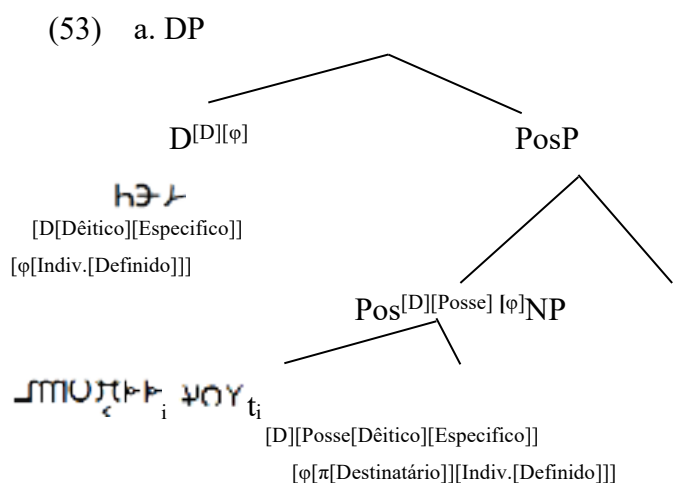
Em (52a) não há necessidade de alçamentos para checagem de traços. Temos uma estrutura bastante econômica.





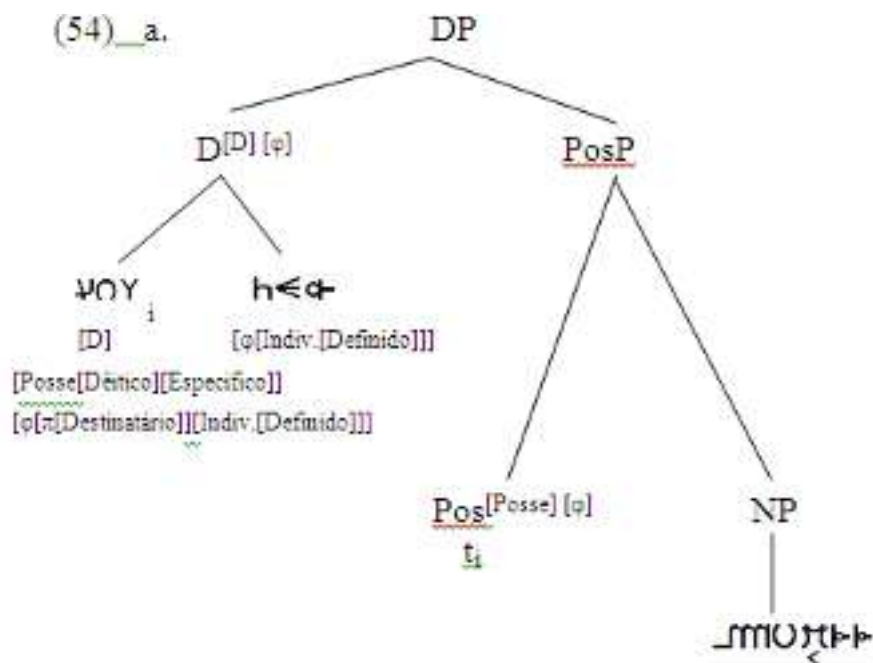
b. ከፊ ሃሳ ገጠሳቱ (ከሃገ) ሠላሳዊ .
 Loc_{amigo} SEU AMIGO É BONITO
 ‘Este seu amigo (é) bonito.’

Em (53a) N se adjunge a Pos para checar o traço [D].



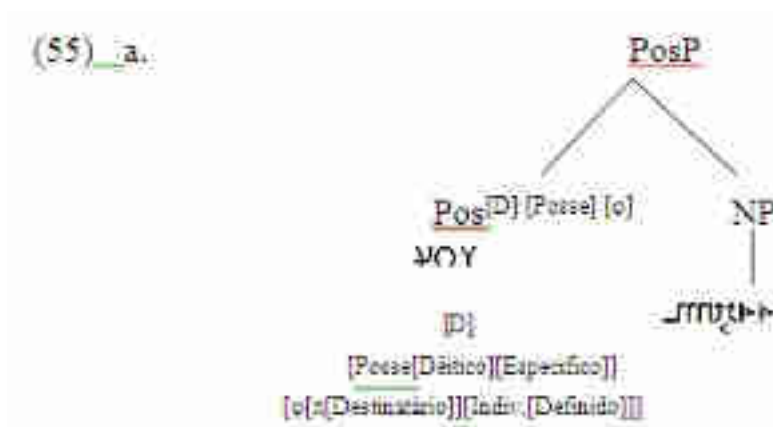
b. ከፊ ገጠሳቱ ሃሳ (ከሃገ) ሠላሳዊ .
 Loc_{amigo} AMIGO SEU É BONITO
 ‘Este amigo seu (é) bonito.’

Em (54a) é o constituinte possessivo que sobe para D para checagem do traço [D].



- b. ሀሳሃ ከፍተኛ ጠባቂ (ከሃገ) ሠላጭ .
 SEU Loc AMIGO É BONITO
 ‘O seu amigo (é) bonito.’

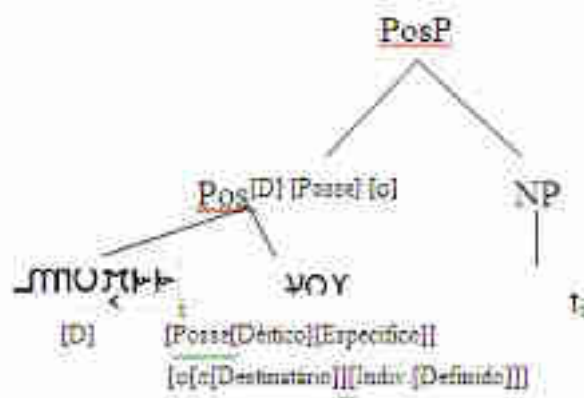
Em (55a) também não há necessidade de alçamentos para checagem de traços. Outra vez temos uma estrutura econômica.



- b. ሀሳሃ ጠባቂ (ከሃገ) ሠላጭ .
 SEU AMIGO É BONITO
 ‘Seu amigo (é) bonito.’

Em (56a) o constituinte possessivo desprovido de traço [D] deixa para o N a checagem do traço [D], o qual é alçado e adjungido a Pos.

(56) a.



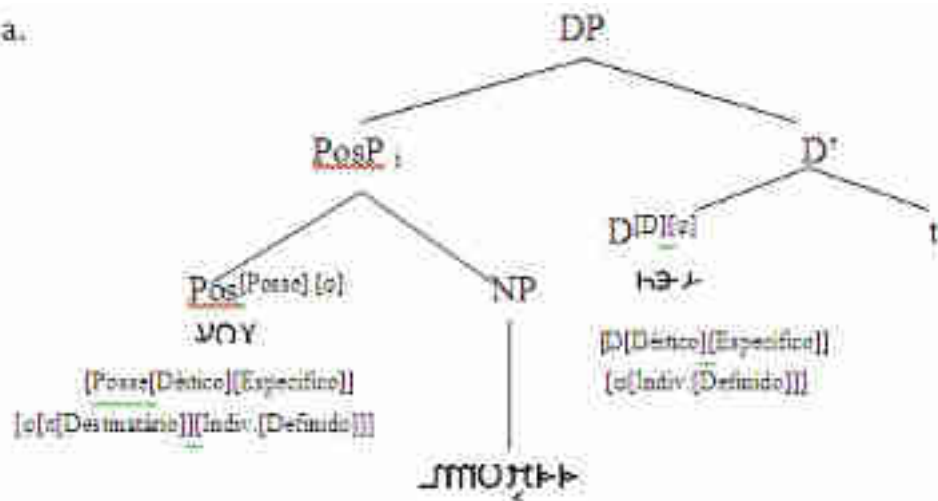
b. ህዐሃ ህዐሃ (ካህገ) ሄላፍጋህ።

AMIGO SEU É BONITO

‘Seu amigo (é) bonito.’

Em (57a) PosP é alçado inteiro para SpecDP. Essa ordem talvez se justifique pela necessidade de uma leitura mais enfática.

(57) a.



b. ህዐሃ ጠዕዛቱ ካህገ (ካህገ) ሄላፍጋህ።

SEU AMIGO LoCamigo É BONITO

‘Este seu amigo (é) bonito.’

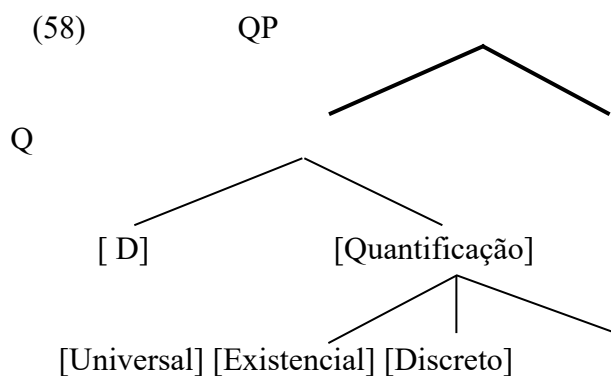
De acordo com as análises aqui feitas a libras apresenta o seguinte quadro de traços formais para a categoria dos possessivos, no qual se observa que os possessivos em libras possuem o traço $[\varphi]$ com subespecificações diferentes, possuem um traço

[Posse[Dêitico][Específico]] e podem apresentar ou não o traço[D], o que lhes dá ou não a condição de checar a raiz [D] dos núcleos D e Pos.

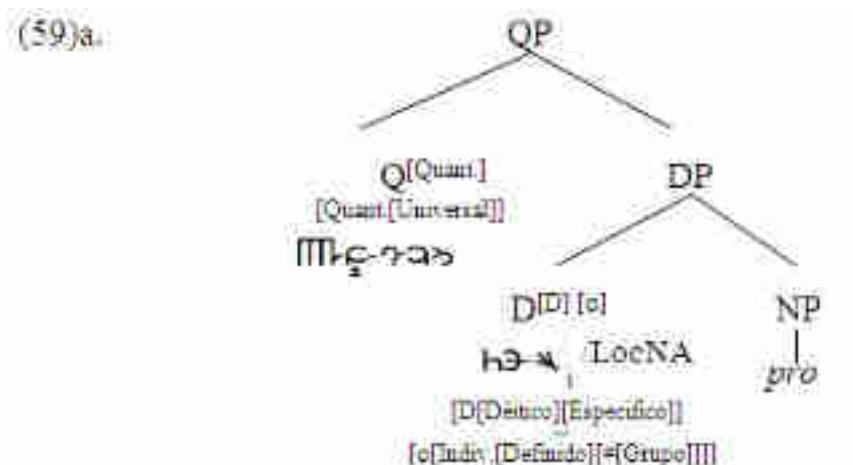
Possessivos	Traços formais
 ou  - meu/minha	$[\phi[\pi[\text{Falante}]][\text{Indiv.}[D\text{efinido}]]], [\text{Posse}[D\text{êitico}][E\text{specífico}]], \text{com ou sem } [D]$
 - teu/tua	$[\phi[\pi[\text{Destinatário}]][\text{Indiv.}[D\text{efinido}]]], [\text{Posse}[D\text{êitico}][E\text{specífico}]], \text{com ou sem } [D]$
 - dele/dela	$[\phi[\text{Indiv.}[D\text{efinido}]]], [\text{Posse}[D\text{êitico}][E\text{specífico}]], \text{com ou sem } [D]$
 - nosso dual (meu e teu)	$[\phi[\pi[\text{Falante}][\text{Destinatário}]][\text{Indiv.}[D\text{efinido}][\#[D\text{ual}]]], [\text{Posse}[D\text{êitico}][E\text{specífico}]], \text{com ou sem } [D]$
 - nosso dual (meu e dele)	$[\phi[\pi[\text{Falante}]][\text{Indiv.}[D\text{efinido}][\#[D\text{ual}]]], [\text{Posse}[D\text{êitico}][E\text{specífico}]], \text{com ou sem } [D]$
 ou  - de nós todos	$[\phi[\pi[\text{Falante}]][\text{Indiv.}[D\text{efinido}][\#[G\text{rupo}]]], [\text{Posse}[D\text{êitico}][E\text{specífico}]], \text{com ou sem } [D]$

Quadro 11: Traços formais dos possessivos em libras

Observamos nos dados ocorrência de quantificadores Locs em anteposição ou posposição. Considerando a geometria de traços de quantificadores em libras, postulamos a estrutura em (58), em que o traço [UNIVERSAL] exprime a totalidade, o [EXISTENCIAL], registra a existência em quantidade imprecisa e o [DISCRETO] exprime quantidades numéricas definidas ou pluralidade (cf. Brito, 2003).



Em (59a), encontramos configurada a posposição de Loc ao quantificador, conforme encontrado nos dados (exemplo (59b) e (59c)). Nesse caso não há necessidade de movimentos para checagem de traços.



b. ጠብቅ-ገገጽ ከእነ፩ ጠብቅገገጽ.

TODOS ELES EU GOSTAR

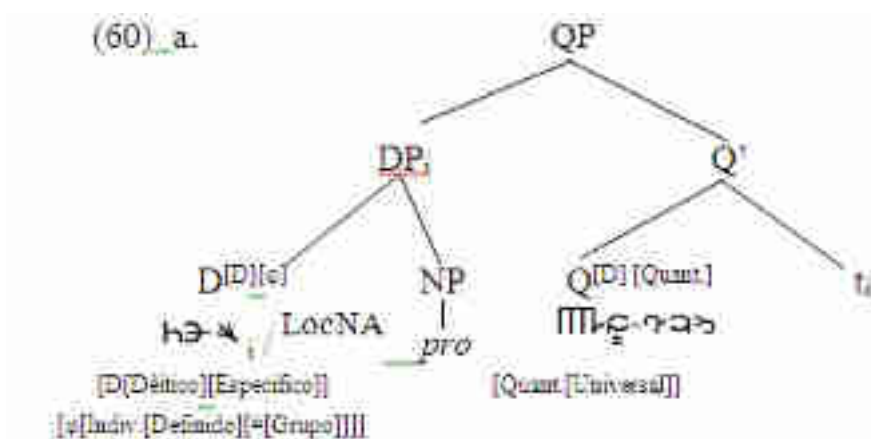
‘De todos eles eu gosto.’

c. ጠብቅ-ገገጽ LocNA፩ ጠብቅገገጽ.

TODOS ELES EU GOSTAR

‘De todos eles eu gosto.’

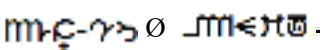
Já no exemplo (60b), no qual vemos a anteposição do Loc, o DP é alçado para SpecQP.



b. ከእነ፩ ጠብቅ-ገገጽ ጠብቅገገጽ.

ELES TODOS EU GOSTAR

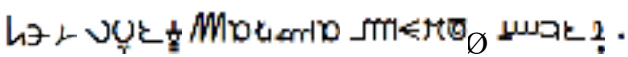
‘Deles todos eu gosto.’

c. LocNA .

ELES TODOS EU GOSTAR

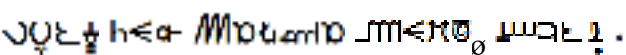
‘Deles todos eu gosto.’

Também observamos DP complexos neste estudo. Como vimos no capítulo 2, em antecedentes de relativas os Locs ocorrem em anteposição ao nome (exemplo (61a)), mas não em posposição (exemplo (61b)). Assumindo a estrutura de Kayne (1994), adaptada por Kato e Nunes (2008), para as relativas, de acordo com o qual, em relativas, temos um [D° CP], a estrutura da relativa (61a) é (61c), em que o constituinte relativizado sai da sua posição argumental e se adjunge ao CP; e o NP desse constituinte sai do escopo de D e se adjunge ao DP, passando ao escopo de novo determinante, o qual seleciona o CP relativo. Como em libras não há constituintes relativos foneticamente realizados, supomos que estes sejam operadores vazios (OP), que checam o traço relativo [R] no D do constituinte relativizado, que se adjunge a CP.

(61) a. .

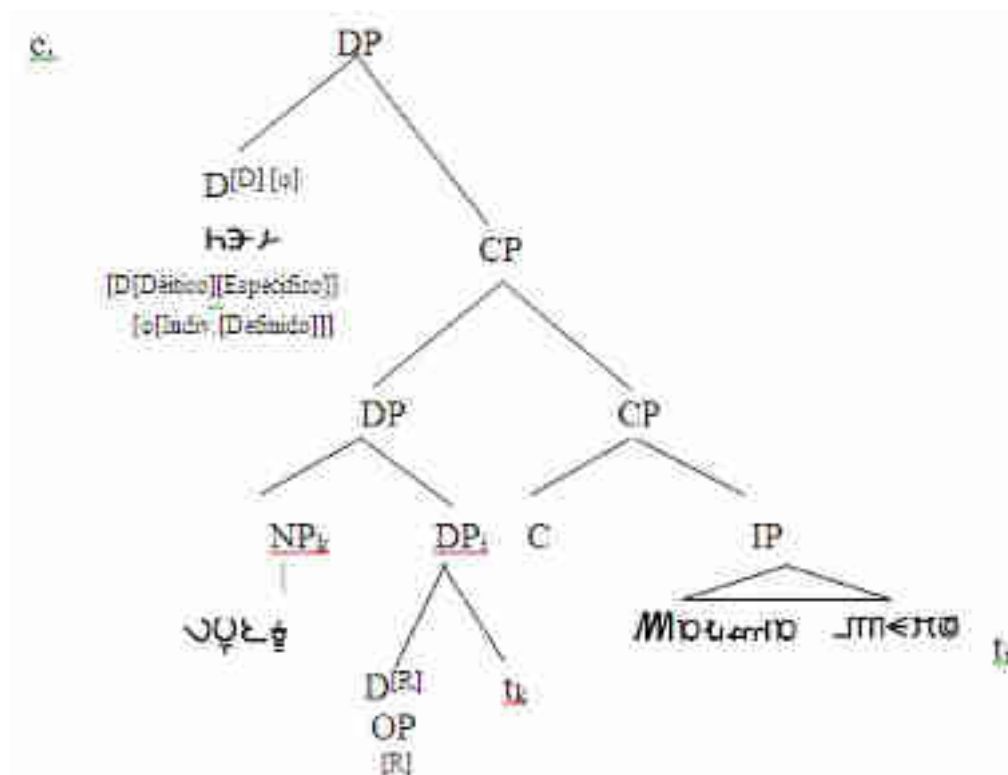
Lo_{Chomem} HOMEM MARIA GOSTA (EU) CONHECER.

‘Este homem que Maria gosta eu conheço.’

b. * .

HOMEM Lo_{Chomem} MARIA GOSTA (EU) CONHECER.

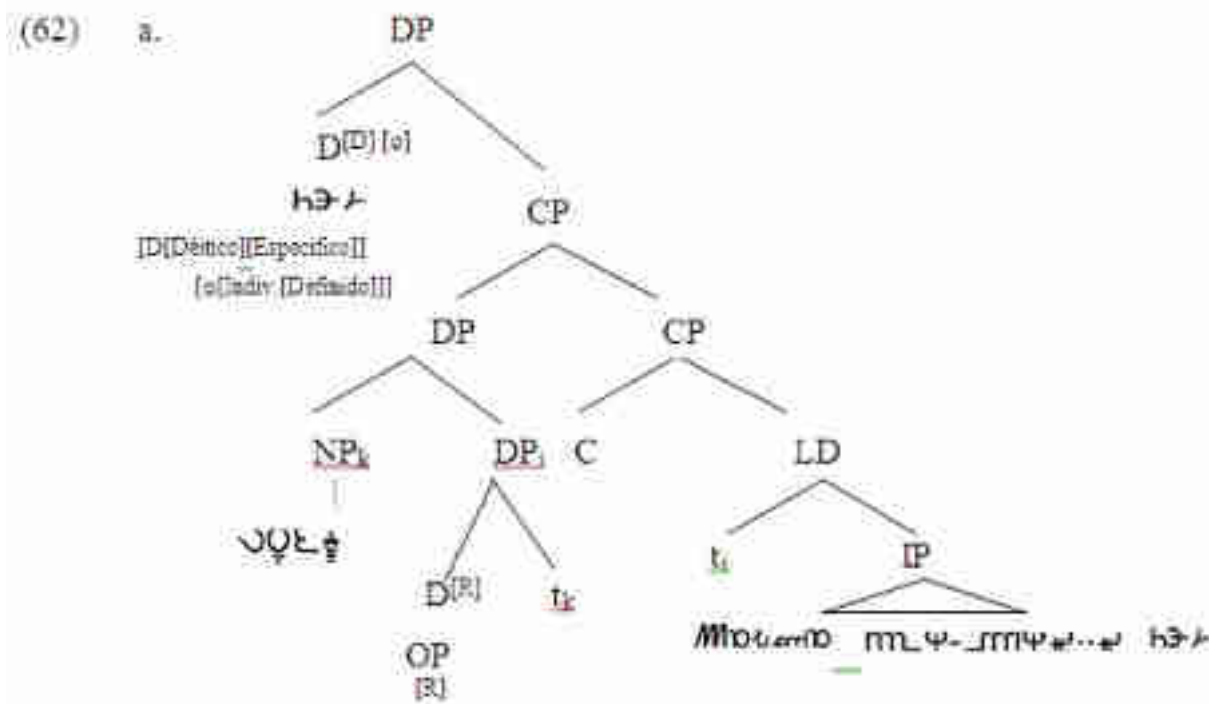
‘O homem que Maria gosta eu conheço.’



Já a agramaticalidade de (61b) talvez possa ser explicada pela impossibilidade do núcleo N ト (HOMEM) ser alçado para checar o traço [D] no núcleo D mais elevado. Embora esse movimento não seja exatamente impedido pela Condição de Movimento de Núcleo (HMC), nem seja exatamente um caso para aplicação da Condição de Subjacência⁷⁰, de algum modo o alçamento desse nominal sobre os nós DP e CP ao mesmo tempo parece impedido. Esse exemplo reforça a nossa hipótese de que o que ocorre na posposição do determinante (Loc) do nome, em libras, é um movimento do núcleo N que se adjunge a D.

O exemplo (62b) abaixo, apresentado no capítulo 2, mostra que o Loc ocorre como pronome resumptivo, em relativas resumptivas. Nesse caso, seguindo a proposta de Kato e Nunes (2008) para a estrutura de relativas não padrão, temos a estrutura (62a).

⁷⁰ “O movimento WH não pode atravessar mais de uma barreira por ciclo, onde barreiras são DPs e CPs.” (MIOTO *et alii*, 2004, 262)



b. *homem quem Maria convidou eu conheço.*

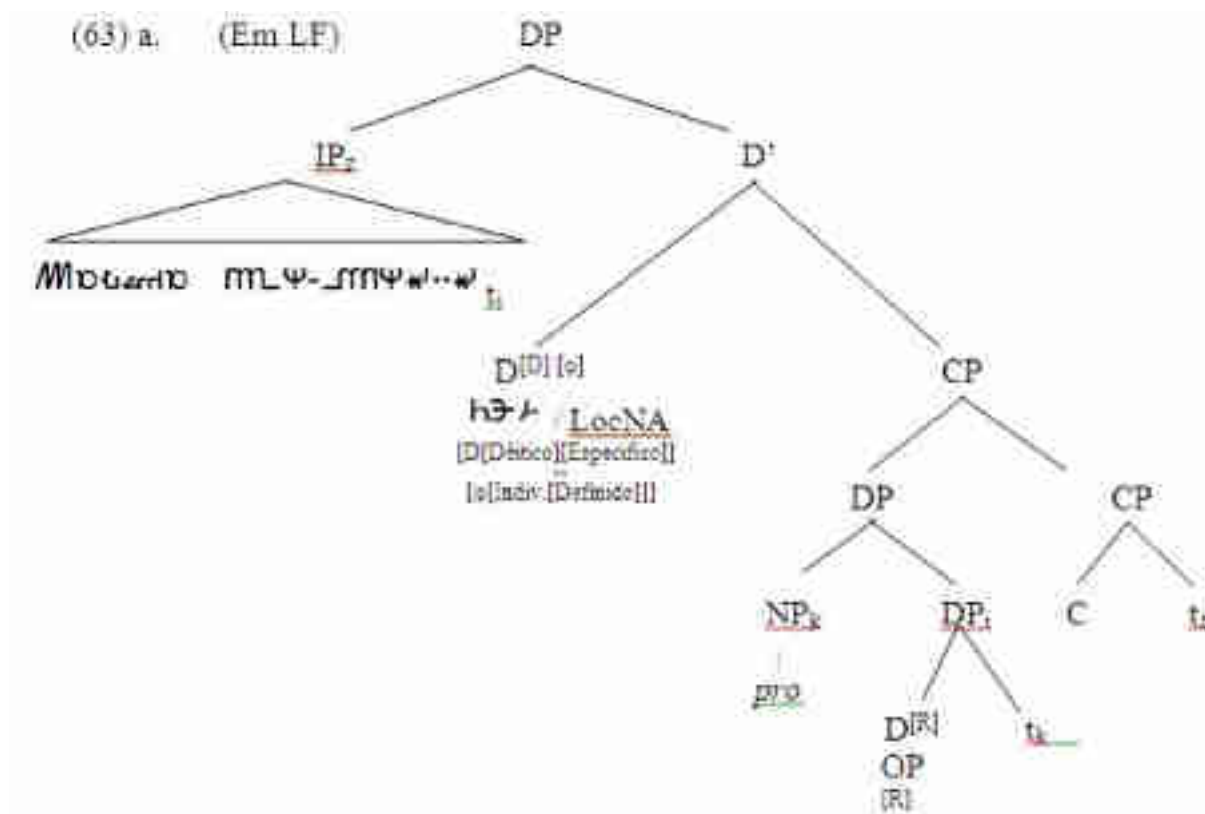
Loc_{homem} HOMEM MARIA CONVIDAR Loc_{homem} EU CONHEÇO

‘O homem que Maria convidou eu conheço.’

Vimos também no capítulo 2, que o Loc proforma e o LocNA (Localizador não articulado do tipo *direção do olhar*) podem ocorrer como antecedentes de relativas apositivas em libras (62a). Como se trata de uma relativa apositiva, seguimos o que propõe Kayne (1994) para este caso, que é a subida do IP para o Spec do DP externo, em Forma Lógica (LF). Comenta Lessa-de-Oliveira (2008, p. 69) que:

nessa perspectiva, enquanto as propriedades da relativa restritiva são definidas em função de o CP relativo se encontrar c-comandado pelo determinante externo, as propriedades da relativa apositiva se constituem num contexto derivacional em que o vestígio do item relativizado fica fora do domínio de c-comando do determinante desse item em LF.

Assim a estrutura da relativa em (63b) é (63a).



b. $\text{həʔ} / \text{LocNA}$, Maria convidou , $(\text{həʔ}) \text{ } \neg \text{é educado}$.

LoChomem MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO

‘Ele/este, que Maria convidou, não é educado.’

Segundo a mesma linha de raciocínio anterior, analisamos que o Loc antecedente, que é uma proforma nessa relativa, licencia elipse nominal pelo fato de checar o traço [D], que é correspondente ao traço [N], segundo Carvalho (2008). A postulação de pronome como licenciamento de elipse nominal resolve um problema dessa proposta de Kayne (1994) para relativas, a saber, o fato de se ter um determinante (o operador relativo) para um pronome (o antecedente que deve se originar como NP argumento na encaixada).

Capítulo 4

Aquisição de elementos Localizadores por surdos

4.1 Os elementos Localizadores em dados de aquisição na infância e em dados de aquisição tardia

Neste estudo, optamos por compor o nosso *corpus* observando dados de aquisição na infância e de aquisição tardia, para que fosse possível uma análise acerca dos Localizadores durante o processo de aquisição da libras.

Lembrando o que já dissemos no capítulo 1, os dados foram coletados levando-se em conta três perfis de informantes com diferentes idades de aquisição da língua, todos sendo portadores de surdez profunda e usuários da libras. O primeiro informante (SI1), com idade de 9 anos, filho de pais ouvintes, adquiriu a libras por volta dos 6 anos de idade, devido ao seu ingresso em uma instituição de Ensino Fundamental I, no qual as aulas eram ministradas por professores ouvintes em libras. O segundo informante, (SI2), filho de pais surdos, é adolescente e começou a adquirir a libras desde os primeiros dias de vida, no convívio familiar. E o terceiro informante (SI3) filho de pais ouvintes, somente adquiriu a libras tardiamente, por volta dos 12 anos de idade, por intermédio de uma professora e intérprete de libras, em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio.

Como dissemos, os dados foram coletados de forma que permitisse uma realização de desempenho o mais natural possível. Neste sentido, optamos por narrativas, uma vez que, ao longo da sua realização, os informantes se sentiriam mais a vontade. Solicitamos que, separadamente, cada informante narrasse uma história que conhecessem melhor. As narrativas foram gravadas em vídeo.

Inicialmente, traçamos um quadro dos Locs articulados e não-articulados, e *bare nouns* nos dados dos três informantes, para que, partindo deste panorama, pudéssemos aprofundar as nossas análises no que tange aos aspectos gramaticais desses elementos, procurando observar se há diferenças significativas nos dados. Neste primeiro momento, agrupamos esses três tipos de elementos sem uma prévia caracterização do contexto sintático em que eles ocorrem. O objetivo desta etapa foi identificar a quantidade de ocorrência nos dados dos três perfis de informantes para que pudéssemos ter um indicativo, mesmo que inicial, de uma possível ordem de aquisição desses elementos na libras.

Essa caracterização se fez importante, uma vez que buscamos uma comparação dos dados em diferentes fases de aquisição da língua. Dessa forma, pudemos identificar se existem diferenças na aquisição dos Localizadores em informantes pertencentes a famílias surdas ou ouvintes, além de observar se a aquisição tardia da língua pode ou não comprometer a aquisição desses elementos.

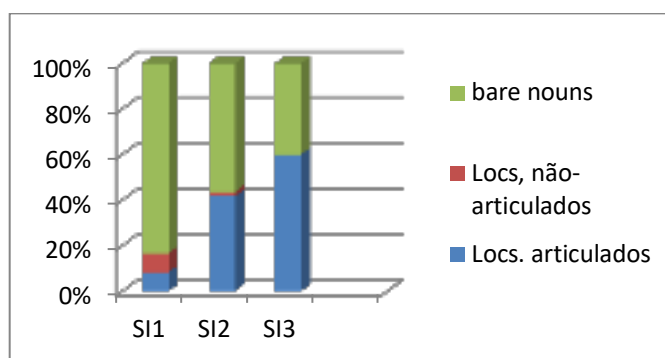


Gráfico 1: Ocorrência de Locs realizados

Fonte: Nossa

Neste gráfico, podemos observar que os *bare nouns* apresentam uma alta produtividade nos dados. Nestes casos, como vimos, nomes próprios (Cinderela) e referenciais (Mãe/bebê) se autorreferenciam, podendo, assim, dispensar o acompanhamento de um Loc. Esses são os casos discutidos no capítulo anterior como exemplos (43) e (46), os quais analisamos como situação em que o nominal sobe para D para checar os traços [D[ESPECÍFICO]] e [ϕ [INDIVIDUAÇÃO [DEFINIDO]]]. Por apresentar especificação do traço ϕ , ou seja, por autoreferenciar-se, o movimento desses nominais para D garante a leitura referencial na ausência do Loc. Isso não foge da proposta de Longobardi (1994), de acordo com a qual o núcleo nominal é alçado para o núcleo D^o para adquirir o traço [$\sim$ definitude]. Também ocorrem como *bare nouns* como o exemplo (44), nesse caso porque o nominal checa as raízes [D] e [ϕ], também se autorreferenciando.

Durante as análises no terceiro capítulo, demonstramos que os Locs não-articulados do tipo *direção do olhar* (LocNA) têm estatuto gramatical e funcionam nos mesmos contextos que o Loc articulado. Assim, há, comumente, a opcionalidade de uso entre o Loc articulado e o não-articulado do tipo *direção do olhar*. Ou seja, trata-se na verdade de uma forma alternativa de articular a apontação. O gráfico [1] acima corrobora esta análise, uma vez que, se esses elementos fossem uma categoria diferente dos Locs articulados não tinham por que não aparecer na fala de um informante adulto (SI3), que já adquiriu a língua. Os Locs

articulados, ao contrário, são utilizados com uma maior frequência nos dados do SI2, com uma porcentagem de 41,6%, e SI3, com porcentagem de 60%.

Nessa perspectiva, alguns pontos precisam ser levados em consideração. Em primeiro lugar, estamos tratando de uma narrativa realizada na modalidade oral da libras. Isso sugere que cada informante realiza a narrativa, de acordo com a sua organização dos fatos na história, sendo possíveis arranjos e rearranjos, próprios da modalidade oral. Percebemos que a narrativa do SI1 é feita, quase que completamente, por meio da associação de discurso direto com de Locs do tipo *giro de corpo*, isto é, como explicamos no capítulo 2, o enunciador faz o sinal da personagem (como um *bare noun*) e gira o corpo para indicar que essa personagem dirigiu sua fala a outra personagem. Isso explica a menor quantidade no uso de Locs articulados por SI1; já a narrativa do SI3 é realizada de forma equilibrada entre a voz do narrador e os diálogos entre os personagens, enquanto que o SI2 opta por uma narrativa basicamente em 3ª pessoa, o que explica o maior uso de Locs nos dados deles.

No capítulo 3, defendemos a hipótese de que os Locs articulados e não-articulados (do tipo “direção do olhar”) são pertencentes à categoria dos determinantes, ocupando o núcleo D. Estes podem também ser de três tipos, de acordo com a sua variação no traço de dêixis, a saber: tipo 1 – posposto ao nome, com baixa especificação; tipo 2 – anteposto ao nome, com especificação mediana; e tipo 3 – proformas, altamente especificado. Dizemos que os Locs do tipo 1 se aproximam do artigo de línguas orais. Essa aproximação, entretanto, não se configura como total compatibilidade entre ambos, uma vez que artigos são desprovidos de dêixis, enquanto que os Locs do tipo 1, embora apresentando um traço menos especificado, apresentam essa propriedade, marcada indiretamente pelo movimento do nominal para D, nas estruturas em que esse Loc aparece. Com base nessa análise, observemos a frequência em que esses três tipos de Locs aparecem nos dados.

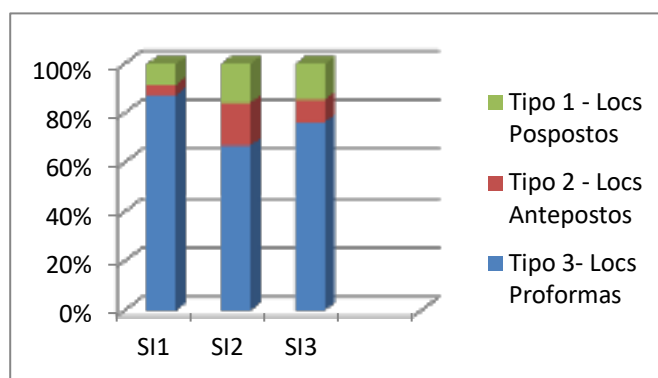


Gráfico 2: Locs divididos por propriedade de traços

Fonte: Nossa

No gráfico acima, podemos observar que o Loc do tipo 3 é o mais frequente para os três informantes, chegando os 87,5% nos dados de SI1, que é a criança de 9 anos; chegando a 66,9%, nos dados de SI2; e ficando em 76,4% nos dados de SI3, lembrando que os dois últimos são adultos. Quanto aos outros dois tipos de Locs, observamos uma frequência maior do Loc tipo 1 em comparação com o tipo 2. Os percentuais são, respectivamente, para SI1 8,3% e 4,7%, para SI2 17,7% e 17,3% e para SI3 14,5% e 9,1%.

É importante lembrar que a estrutura do LocNA (direção do olhar) não é uniforme, uma vez que podemos ter amalgamadas no mesmo gesto “direção do olhar” duas “apontações”, ou seja, dois Locs que se referem a itens nominais distintos. Vejamos o exemplo (64) abaixo:

(64) [Loc_{bruxa} olha para Loc_{filhas}] 
CHAMAR

‘A Bruxa chama as filhas’.

Temos em (64) o LocNA (direção do olhar) composto por duas apontações: o Loc_{bruxa} e o Loc_{filhas}. A primeira apontação, Loc_{bruxa}, recebe o papel temático de Agente do verbo CHAMAR, enquanto que a segunda, Loc_{filhas}, recebe o papel de Tema. Esta particularidade do LocNA foi levada em consideração na contagem dos elementos sintagmáticos que se constituem como Locs proformas, ou do tipo 3.

Comparando os gráficos 1 e 2, verificamos uma ampla diferença entre a ocorrência de Locs nos dados infantis (SI1) e a ocorrência de Locs nos dados dos adultos (SI2 e SI3). Comparando com o que apresentam os adultos, podemos dizer que SI1 ainda está em um dos estágios de aquisição da libras. Conforme informação obtida, sabemos que essa criança, com 9 anos no momento da coleta de dados, começou sua aquisição de libras aos 6 anos de idade na escola, pois pertence a uma família ouvinte, que não faz uso da libras. Assim, embora saibamos que 3 anos seja um período em que as crianças ouvintes, normalmente, apresentam uma aquisição já completa de suas línguas orais, conforme a literatura especializada informa, esta constatação não deve ser considerada esdrúxula, haja vista as condições diferenciadas de aquisição da língua de sinais neste caso. Devemos levar em consideração vários aspectos neste contexto; dentre eles o fato de a criança só ter contato efetivo com a língua em ambiente escolar e o fato de se tratar da aquisição de sua primeira língua após o período normalmente

considerado crítico para aquisição⁷¹. Podemos dizer que esse é um dado sobre aquisição de línguas de sinais muito relevante para o estudo desse tema. O período de aquisição de crianças surdas, de famílias ouvintes, que se dá basicamente na escola, pode ser mais longo que o período de 3 a 4 anos em que normalmente se verifica aquisição da linguagem em outros contextos.

Outra observação importante na comparação dos dois gráficos é a semelhança de ocorrência de Locs nos dados dos outros dois informantes. Considerando uma variável igual e duas outras que se diferenciam entre esses informantes, chegamos a uma observação também relevante sobre os dados deles. A variável igual é a faixa etária, ambos são adultos, as variáveis que divergem são, para SI2 e SI3, respectivamente: a) família surda/ família ouvinte; e b) aquisição antes do período crítico/aquisição após o período crítico. Entre esses dois informantes verificam-se apenas três pequenas diferenças: um uso um pouco mais amplo de *bare nouns* e de Locs tipo 2 e algumas ocorrências de LocsNA nos dados de SI2. Mas, no geral, observamos bastante semelhança entre os dados desses dois informantes. Assim, nesse quesito, verificamos que as variáveis divergentes não interferiram no processo de aquisição da libras por esses sujeitos-informantes. Melhor dizendo, nem o fato de pertencer ou não a família surda nem o fato de ter iniciado ou não a aquisição da libras na primeira infância interferiram na qualidade da libras a que esses dois indivíduos surdos chegaram na fase adulta, no que diz respeito à aquisição dos Locs, Almeida (2013) chegou a esse mesmo resultado ao estudar a aquisição da estrutura argumental da libras.

Dessa forma, com relação ao caminho tomado pela aquisição de Locs, os gráficos 1 e 2 nos mostram que:

- a aquisição segue um caminho em que, na fase de aquisição, há grande frequência de *bare nouns* (83,3% para a criança (SI1) contra uma média de 48% para os adultos (SI2) e (SI3));
- a criança produz muitos LocsNA(não-articulados), numa frequência maior que a que ocorre com adultos (8,3% da criança contra uma média de 1% dos adultos);

⁷¹ Esta é uma questão polêmica, pois não sabemos se a criança de fato não havia adquirido alguma outra língua, no ambiente doméstico; isto é, as pessoas surdas, crianças ou adultos, vivendo entre pessoas ouvintes sempre encontram uma forma de estabelecer um tipo de comunicação com os ouvintes, que dá conta de coisas básicas. Mas ainda não há estudos a respeito da natureza linguística ou não desses chamados "dialetos de sinais domésticos".

- o Locproforma tem uma presença forte no período de aquisição, ocorrendo em frequência maior que a dos adultos (87,5% para a criança contra 71,7% em média para os adultos).

A aquisição de uma língua-I ocorre quando a criança recebe o *input*, marcando os parâmetros dessa língua, caso contrário, não há aquisição. Foi possível constatar que todas as narrativas apresentam estruturas gramaticais e, no que diz respeito à função de referenciação dos Locs, não houve qualquer troca aleatória na estrutura determinante que causasse uma confusão ou ambiguidade na referenciação dos itens nominais. Portanto, todos os informantes são proficientes em libras, independente da sua idade e contexto de aquisição, embora a criança, SI1, ainda não tenha apresentado uma distribuição dos Locs semelhante a dos adultos, SI2 e SI3.

4.2 Aquisição da linguagem segundo a perspectiva gerativa

Em meados da década de 60, Noam Chomsky, em *Aspect* (1965), propõe uma teoria linguística cuja questão central focaliza o processo de aquisição de uma língua natural. Esta teoria, que se configura como a hipótese inatista, busca esclarecer o chamado “Problema Lógico da Aquisição da Linguagem”, o qual questiona como uma criança adquire sua língua materna em tão pouco tempo, sendo exposta a uma quantidade de dados bastante limitados e fragmentados. Dessa forma, para compreender como ocorre a aquisição da linguagem, busca-se atingir uma adequação descritiva, abarcando línguas particulares, bem como a uma adequação explicativa, tentando responder como o conhecimento linguístico surge na mente de um falante. A hipótese inatista propõe a existência de uma Gramática Universal (GU), geneticamente determinada e inata ao ser humano. Ao nascer, a criança já teria consigo as informações contidas na GU, esta composta por um conjunto de princípios gerais que regem todas as línguas naturais, além de um conjunto limitado de parâmetros. Os parâmetros são atualmente compreendidos como um complexo de propriedades, de opções binárias, no qual a criança, a partir do *input*⁷², marcaria o valor correspondente à sua língua.

Dessa forma, ao nascer, a criança, dotada de uma GU, encontra-se no estágio inicial (S₀) do processo de aquisição da linguagem. A aquisição ocorre na passagem deste estágio inicial ao estágio estável (S_s), atingido quando a criança adquire a gramática da língua a qual

⁷² O *input* caracteriza-se pela experiência linguística da criança no processo de aquisição. Segundo Lightfoot (1991), entretanto, nem tudo o que a criança ouve tem um efeito perceptível sobre a capacidade madura emergente.

foi exposta. O objetivo deste modelo é a descrição das línguas (S_s) – ou estados estáveis da Faculdade da Linguagem – e o seu estado universal inicial (S_o). As gramáticas particulares seriam, nessa perspectiva, teorias sobre o S_s e a GU, uma teoria sobre o estágio inicial de aquisição.

Assim, nos últimos trinta anos, a gramática gerativa tem desenvolvido uma teoria seletiva de aquisição da linguagem, diferenciando-se de propostas interacionistas, por exemplo, que partem de uma teoria instrucionista. Assume-se, no âmbito da teoria gerativa, que a informação não aprendida pela criança é geneticamente codificada de alguma forma. Acerca deste ponto, Lightfoot (1991, p.1) adota como modelo explicativo o seguinte:

- (65) a. *trigger* (*genotype* $\rightarrow$ *phenotype*)
 b. *primary linguistic data* (*Universal Grammar* $\rightarrow$ *grammar*)

Segundo esta perspectiva, a criança marca os parâmetros de sua língua através do fenótipo, uma vez que o genótipo é igual para todas as línguas. O objetivo é o de especificar os aspectos relevantes do genótipo de uma criança considerando que um estado de maturidade particular irá surgir (a língua-I) quando a criança está exposta a uma determinada experiência “trigger” (gatilho), a depender da língua que lhe serve de *input*. Em contato com o *input* a criança vai marcar os estímulos relevantes, de acordo com os critérios que já estão presentes internamente. Dessa forma, embora o contato da criança com a língua seja através do fenótipo (*input*) ela vai encontrar os valores da língua-I com base no seu genótipo.

Tendo em conta essas variáveis, percebe-se que há algo na aquisição que não faz parte da marcação paramétrica. Uma criança não produz sentenças agramaticais ou ambíguas na sua língua materna, por exemplo. As crianças não têm nenhuma base análoga para tal escolha se tais dados não estão disponíveis para elas. É nesse sentido que o estímulo é demasiado pobre para determinar totalmente a análise emergente. Então o que desencadeia a marcação paramétrica é um subconjunto de experiência da criança, que, provavelmente, não inclui eventos exóticos, como o esboçado no contexto de (66b) (LIGHTFOOT, 1991, p.15)⁷³:

- (66) a. *Kirsten has a big cup, but Heidi has one too.*

⁷³ Possível tradução:

- (3) a. Kirsten tem um copo grande, mas Heidi tem um também.
 b. Kirsten tem um copo azul, mas será que Heidi não tenho um.

b. *Kirsten has a blue cup, but Heidi doesn't have one.*

O gatilho (trigger) consiste somente de dados robustos que podem ser analisados de uma forma consistente com os princípios genotípicos e com os parâmetros da gramática da criança, que já foram corrigidos. Os dados que funcionam como *trigger* são também sempre positivos, isto é, presentes. Entretanto, embora as crianças não recebam dados negativos diretamente, elas podem ter acesso indireto a eles. Chomsky (1981, p. 9) propõe o seguinte:

...se certas estruturas ou regras deixam de ser exemplificadas em expressões relativamente simples, onde seria de esperar encontrá-las, então uma opção (possivelmente marcada) é selecionada, excluindo as outras da gramática, como é ilustrado pelo chamado parâmetro do sujeito nulo.

Na versão mais recente da teoria, o Programa Minimalista (Chomsky, 1995), estabelece-se que todos os fenômenos de variação das línguas naturais são explicados através da noção de traço (e de sua “força”). O papel da criança em fase de aquisição é, portanto, inferir os traços relevantes na sua gramática-alvo, a partir da sintaxe “visível”. Ou seja, os *triggers*, que disparam a marcação paramétrica, têm que estar relacionados, de alguma maneira, aos traços que produzem ou não movimento na sintaxe visível.

Lopes (1999, p. 116) traz os seguintes exemplos⁷⁴:

(67) Jean lave *souvent* son chien.

(68) a) John *often* washes his dog.

b) *John washes *often* his dog.

Segundo a autora, em francês o verbo é alçado, enquanto que em inglês este movimento não é possível. Lopes (1999) afirma que este é um indício de que há uma

⁷⁴ Possível tradução:

(4) João lava sempre seu cachorro;

(5) a. João sempre lava seu cachorro;

b. João lava sempre seu cachorro.

categoria funcional com um traço V forte no francês, o qual deve ser percebido pela criança na aquisição, mas o mesmo não ocorre em inglês. Lopes (1999, p. 117) diz que:

a GU terá que guiar a criança nesse processo para que ela possa fazer uso do *input* como forma de determinar sua língua, convertendo esses objetos ‘estranhos’ em algo que se possa utilizar na Faculdade da Linguagem. Mais do que nos modelos anteriores, parece se colocar uma distância ainda maior entre *input* – como evidência para marcação paramétrica - e a língua-I a ser adquirida.

Se a variação das línguas é resultado das marcações dos valores paramétricos distintos e se estes compreendem traços (mais especificamente os “fortes”) que determinarão o movimento, aquilo que é “visível” para a criança, é necessário que se defina seu leque de variações. Acerca desta questão, Lopes comenta o trabalho de Wu (1997, Apud. Lopes, 1999, p. 122), segundo a qual:

não fosse o ponto de aplicação de *Spell-out* todas as línguas seriam idênticas. Em outras palavras, o conjunto possível de movimentos é universal, dado que o conjunto de traços que os detona é igualmente universal. O que varia é aquilo que é ‘visível’ e aquilo que ocorre de forma encoberta no sistema. Daí a sua proposta de parametrização de *Spell-out*, pois a liberdade de aplicar essa operação a qualquer momento só existe em GU. Uma vez fixados os parâmetros relevantes para uma dada língua, a aplicação de *Spell-out* será uma decorrência e sua aplicação estará limitada pelos possíveis movimentos na sintaxe daquela língua.

Neste viés, portanto, adquirir uma língua-I, ou seja, uma gramática significa limitar o que já está previsto na GU através do contato com o *input*.

Para Lightfoot (1991), nem toda experiência linguística é um gatilho. Este é algo menos do que a experiência linguística total, uma vez que nem os dados degenerados ocasionais que uma criança ouve, nem as formas idiossincráticas necessariamente provocam algum dispositivo na gramática emergente que tem o efeito de gerar essas formas. Esses elementos podem ocorrer na experiência de uma criança sem provocar, entretanto, a formação de uma regra que gera um tipo incomum de concordância entre o sujeito e o verbo. Da mesma forma, as crianças podem ouvir uma palavra sem adotá-la em sua gramática.

4.3 Aquisição dos Locs na libras como L1, no quadro de aquisição de nomes e pronomes

Pensando na aquisição de nomes e pronomes em línguas naturais, Kato (2000) apresenta o que seria uma experiência detonadora na aquisição de DPs: um tipo de pronome forte. Segundo a autora, inicialmente a criança faz uso de nomes comuns e nomes próprios, em lugar de pronomes, para referenciar a 1ª, 2ª e 3ª pessoas. Embora o nosso *corpus* não tenham abrangido a fase inicial de uma criança surda adquirindo libras na primeira infância, os dados aqui pesquisados trazem uma evidência favorável a essa afirmação. Vimos que os *bare nouns* são a forma mais frequente nos dados infantis, apresentando um ampla distância em relação à frequência destes nos dados dos adultos. Isto é indício de que a criança surda, aprendendo a libras, pode começar pelos nomes antes dos pronomes, como se observa em aquisição de línguas orais.

McNamara (1982) e Hall (1993) sustentam que a criança já traz, desde a fase inicial de aquisição, a capacidade para distinguir nomes próprios de nomes comuns sendo que, dentre os nomes próprios, segundo Kato (2000), o traço de pessoa é o mais importante, por funcionar como forma de tratamento. Neste sentido, Kato (2000, p. 5) propõe que “a aprendizagem de nomes próprios e comuns é um pré-requisito para a aquisição da gramática sintagmática, requerendo apenas uma aprendizagem lexical paradigmática”.

Ainda, segundo Kato (2000), quando os pronomes começam a aparecer, apresentam-se sob a forma “forte”. Assumindo um quadro de pronomes que se constitui, além dos “fortes”, também de pronomes “fracos”, livres, clíticos e elementos nulos⁷⁵, a autora, diz que estes últimos só aparecem mais tarde, juntamente com a concordância. Observando certos dados, Kato (2000, p. 4) defende a posição chomskyana de que “a aquisição da sintaxe é instantânea e só requer o tempo para a criança se expor ao “*input*” desencadeador”. A autora reformula esse quadro apresentando uma divisão dos pronomes em fortes ou fracos, estes podendo ser livres, clíticos ou afixos de concordância.

Não chegamos a identificar entre os pronomes (Locs Tipo 3 - proformas) em libras os três tipos de pronomes indicados por Kato (2000). Mas os dados apresentados acima nos dão uma indicação de que a aquisição dos pronomes pode mesmo estar relacionada a um tipo de “força” de traço, que relacionamos ao caráter de maior especificação dos traços [D] e [φ] do Loc proforma no processo de checagem de traços. Como vimos acima, oLoc altamente especificado (Tipo 3) tem uma presença robusta no período de aquisição. Correlacionando

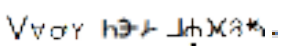
⁷⁵ Falamos, no capítulo 3, sobre a proposta de Cardinaletti e Starke (1999), que propõem uma tripartição da classe de pronomes em elementos *clíticos*, *fracos* e *fortes*.

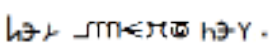
essa alta especificação dos Locs proformas com a força do traço, faz todo sentido essa frequência maior de Locs proformas que encontramos nos dados, isto é, a alta especificação de traços dos Loc proforma seria o gatilho para aquisição desses elementos antes da aquisição dos outros dois tipos de Locs, menos frequentes nos dados infantis, como pudemos verificar.

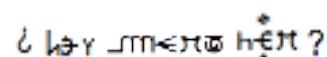
Os pronomes fracos, segundo a proposta da autora, nunca podem ser o foco na sentença, apenas os pronomes fortes podem ser deslocados, duplicando um pronome fraco. Entretanto, pronomes fortes e fracos podem ser homófonos. Kato (2000, p. 6) traz os seguintes exemplos:

- (69) a. *HIM*, *Mary thinks she loves (him)*.
 b. *LUI*, *Marie croit que elle l'aime*.
 c. *ELE*, *Maria pensa que (o) ama*. (PE)
 d. *ELE*, *Maria pensa que ela ama (ele)*. (PB)

Em casos de duplicação, como os explicitados nos exemplos acima, apesar da homofonia, é possível identificar a forma forte (a primeira referência) e a forma fraca (a forma duplicada). Se um sistema como esse funciona em libras, há homofonia entre formas fortes e fracas dos pronomes dessa língua, como ocorre com o português, pois não se observa nessa língua formas específicas para os diferentes Casos.

- (70) a. 
 VI ELE ONTEM
 'Eu o vi ontem.'

- b. 
 ELE GOSTA VOCÊ
 'Ele gosta de você'

- c. 
 VOCÊ GOSTA EU
 'Você gosta de mim?'

Para Kato (2000), o pronome forte tem um traço de caso “default”, ou seja, não precisa ser checado no sistema computacional. Sendo assim, pode variar nas línguas: é o caso do acusativo, no inglês, do oblíquo, no francês e do nominativo no português tanto brasileiro, quanto europeu.

A duplicação, segundo esta proposta, ocorre com o afixo de concordância (Agr), o qual atua como pronome fraco nas línguas de sujeito nulo e tem todas as propriedades de um pronome (é um argumento de V em VP e checa o caso em T). Diferentemente do pronome fraco livre, que não exige a projeção de especificador, violando, aparentemente segundo a autora, o Princípio de Projeção Estendida (EPP).

Os pronomes fortes, segundo Kato (2000) têm um papel fundamental como gatilhos nas línguas no que se referem à marcação do parâmetro do sujeito nulo, mesmo não se submetendo ao sistema de checagem de traços na computação. Assim, a duplicação do sujeito, como em (71), indica para a criança que a língua a qual ela está sendo exposta é de sujeito não-nulo. Kato (2000, p. 8) diz que:

assim, ao invés de se basear em propriedades mais abstratas como morfologia rica ou traço forte, a criança tem logo dados robustos de duplicação do sujeito na fala para excluir a opção do sujeito nulo. O dado positivo do sujeito nulo na 1ª pessoa é suficiente para elucidar o valor do parâmetro.

- (71) a. **Me**, John thinks that **I** like beer.
 b. **Moi**, Jean pense que **j'**aime le geteau.
 c. **Eu**, João pensa que **eu** adoro bolo. (PB)
 d. * **Yo**, Juan piensa que **yo** quiero cerveza.

Kato (2000, p. 8)

Explica a autora que, se a língua é de sujeito não-nulo, os pronomes que aparecem na posição de sujeito, em exemplos como esses, constituem a forma do sujeito gramatical e, portanto, as formas pronominais que aparecem nessa posição são o modo como a língua em aquisição constitui seus sujeitos gramaticais.

Sabemos que a hipótese inatista admite apenas dados positivos no processo de aquisição da linguagem. Então, para adquirir o valor de sujeito nulo basta a ocorrência de sujeitos nulos e realizados, que são dados sempre positivos no *input* de uma língua *pro-drop*. Mesmo não havendo ainda amplos estudos sobre a questão do sujeito nulo em libras, há

indícios que essa seja uma língua *pro-drop*, porque facilmente podemos observar ocorrências não apenas de sujeito, mas também de objetos nulos muito frequentes.

Kato (2000) explica que, quando se adquire os pronomes fortes é que se adquire o conhecimento pragmático (interpessoal) dos pronomes. Segundo a autora, os pronomes fracos são “fonologicamente fracos” e carregam informação dependente. Dessa forma, enquanto os pronomes fortes apresentam uma relação direta entre a semântica/pragmática e a fonologia, os fracos são correferencialmente dependentes na estrutura morfossintática.

Assim, essa análise nos ajuda a entender o quadro de aquisição exposto por meio dos gráficos 1 e 2 acima. O Loc do Tipo 3 se distingue dos outros dois tipos pelo seu alto grau de subespecificação, nas 1ª e 2ª pessoas. Além disso, os Locs proformas, incluindo também a 3ª pessoa, não são formas dependentes dos nomes, uma vez que o NP nessa estrutura é nulo, diferentemente dos Locs dos tipos 1 e 2. É claro que a divisão entre fortes e fracos, nos termos de Kato (2000), deve se dar dentro desse Tipo 3, que corresponde à categoria dos pronomes pessoais, os outros dois tipos são determinantes que coocorrem com o NP.

O que essa proposta nos ajuda é entender que o conhecimento pragmático (interpessoal) dos pronomes está ligado a uma maior especificação e independência dos Locs, e isso é relevante para aquisição porque é por onde a criança começa para poder chegar depois à estrutura gramaticalizada mais abstrata. Kato (2000, p. 9) defende ainda que “o sistema verbal da criança nessa fase nominal/pronominal forte é unipessoal”. Afirma ela que este fato pode ser explicado pelo traço forte de pessoa nos pronomes fortes. Caso a criança entenda o pronome forte como uma forma de tratamento, o sistema somente passará de unipessoal (como o japonês) para pluripessoal (como o português) quando os pronomes fracos forem adquiridos, sejam eles livres, clíticos ou afixos. “São estes exatamente que determinam o valor paramétrico da língua em aprendizagem e que permite levar a criança de um sistema unipessoal como o japonês e o chinês para um pluripessoal como o português e o italiano” (KATO, 2000, p. 10).

A criança adquirindo a libras não teria a necessidade de passar de um sistema unipessoal para um sistema pluripessoal, pois, como ocorre com línguas como o japonês e o chinês, essa língua não apresenta uma morfologia de concordância⁷⁶ pelos traços- ϕ de pessoa [π] e número [#]. Segundo Kato (2000, p.10), “o sistema unipessoal é necessariamente ‘pro-drop’, com a identificação efetuada externamente por um antecedente no discurso ou no

⁷⁶ Sabemos que os “verbos direcionais” são apresentados como verbos de concordância por alguns autores, como vimos no capítulo anterior. Mas essa concordância estaria relacionada aos papéis temáticos Fonte e Alvo, conforme Quadros (2010).

texto.” Ainda segundo a autora, “nada impede que um sistema seja todo constituído de pronomes que são, na sua natureza, nominais, por serem forma de tratamento.” (Kato , 2000, p.10). Esse pode ser caso da libras, que, pelo que tudo indica, é unipessoal e pro-drop.

CONCLUSÃO

Neste trabalho buscamos, portanto, investigar a natureza gramatical de elementos da libras, que tratamos como Localizadores (Locs) (desde a publicação PRADO E LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012) por estes funcionarem como recurso de localização de referentes no espaço físico através de “apontação”. A tarefa principal de nossa pesquisa foi investigar a natureza desses sinais de apontação, considerando seu aspecto articulatório e propriedades gramaticais. Para tanto, adotamos a hipótese da unidade mínima de constituição dos sinais MLMov (*Mão – Locação – Movimento*), proposta por Lessa-de-Oliveira (2012). Nosso estudo investigou também aspectos da aquisição dos Locs por surdos de três diferentes perfis: SI1, sujeito-informante surdo de família ouvinte com aquisição da libras na infância (por volta dos 6 anos); SI2, sujeito-informante surdo de família surda, com aquisição da libras na primeira infância; e SI3, sujeito-informante surdo de família ouvinte, com aquisição da libras tardia (no início da adolescência).

No trabalho de coleta de dados tivemos a preocupação de assegurar: a) a obtenção de amostras de fala espontânea, razão pela qual optamos por selecionar textos do gênero narrativo em libras, gravados em vídeo, para a formação do *corpus* deste estudo, uma vez que dessa forma os informantes ficaram livres para produzir as frases na estrutura que desejassem; b) perfil variado de informantes, daí a preocupação em selecionar informantes de três perfis específicos, relativamente ao acesso ao *input* de libras; e c) verificação de gramaticalidade por meio de testes de aceitabilidade, que foram realizados com dois informantes, os quais classificaram várias sentenças em gramaticais ou agramaticais, segundo sua compreensão de falante da língua. E, no trabalho de transcrição de dados, tivemos a preocupação em: a) preservar os aspectos morfossintáticos de realização dos enunciados em libras, utilizando, para isso, um sistema de escrita de libras, a escrita SEL, elaborada por Lessa-de-Oliveira(2012). Este sistema de escrita pôde garantir acesso à articulação das sentenças nessa língua, evitando distorção dos dados; e b) criar acesso ao conteúdo dos dados para pesquisadores e o público em geral, por meio de glosas e interpretação das sentenças. Dessa forma, este estudo realizou-se mediante um *corpus* rico e bem estruturado que dá credibilidade a seus resultados.

Com base na unidade MLMov identificamos dois tipos de Locs, ocorrendo na realização da libras em modalidade falada: *Locs articulados* e *Locs não-articulados* (LocsNA). Os Locs articulados são os elementos constituídos pela unidade MLMov. Este grupo de Localizadores ocorre tanto isolados, servindo eles mesmos como referentes (são

proformas), quanto acompanhando nomes, quando atuam como determinantes. Já os Locs não-articulados são caracterizados por não apresentarem a unidade MLMov na sua articulação, constituindo-se como apontação por *direção do olhar*, *movimento de corpo* ou mesmo através de pontos intrínsecos aos movimentos de *verbos direcionais*. Desses apenas os *LocsNA- direção do olhar* - também funcionam como elementos de referenciação de um dado item nominal ou como elementos que são capazes sozinhos de criar referentes, ocorrendo como proformas. Através dos testes de aceitabilidade pudemos constatar que não há diferenças gramaticais entre os Locs articulados e não-articulados (LocNA). Eles podem ocorrer isoladamente na sentença ou acompanhando nomes, sempre com a função dêitica referenciativa. Além disso, os *LocsNA* ocorrem em posição argumental ou de adjunto.

Assim, consideramos em nossas análises apenas os *LocsNA*, do tipo *direção do olhar*, uma vez que os *Locs não-articulados* do tipo *giro de corpo* não têm papel gramatical na sentença, exercendo, assim, apenas uma função de coesão textual, introduzindo discurso direto; e os *Locs não-articulados* do tipo *intrínsecos a verbos direcionais* fogem ao escopo da proposta deste trabalho, cabendo para este tipo de Loc um estudo mais amplo da natureza dos verbos direcionais.

Nos dados dos três informantes aqui pesquisados, encontramos correferência entre Locs e nomes, o que sinaliza a presença de propriedades de núcleo determinante nesses elementos. Pelos testes de aceitabilidade que realizamos, o Loc é gramatical anteposto () ou posposto () ao nome próprio e ao nome comum. Observamos nos dados também casos de *bare nouns*, nominais que ocupam uma posição argumental com interpretação genérica ou referencial em certos casos. Já em contexto existencial, da mesma forma que nas línguas orais, a ausência do determinante em libras é agramatical. Todos esses casos mostram propriedades de línguas naturais ocorrendo numa língua de sinais como a libras, o que reforça a tese de que essas são mesmo línguas naturais.

No que tange à saturação de predicadores por Locs proformas, vimos que esta ocorre quando as posições argumentais são ocupadas pela “apontação” de referentes no espaço físico. Quanto aos possessivos, verificamos por meio de teste de aceitabilidade que estes podem coocorrer com Locs nas seguintes ordens: Loc Pos-N; Loc N-Pos; Pos-Loc N; Pos-N; N-Pos; Pos-N-Loc. A coocorrência de proformas tanto do tipo Locs articulados quanto do tipo Locs não-articulados com quantificadores são possíveis. Observamos também que é gramatical a ocorrência do Loc entre o quantificador e Pos-N ou N-Pos. Em relativas observamos que o Loc pode ocorrer anteposto ao nome em posição de antecedente relativo,

mas não pode ocorrer posposto a esse nome antecedente. Também não é possível a ausência de um Loc acompanhando o nome antecedente de relativas em contexto referencial. Em relativas resumptivas, um Loc, articulado ou não-articulado (LocNA), ocupa a posição de termo antecedente e outro Loc ocupa a posição do pronome resumptivo. Os Locs também podem funcionar como elementos anafóricos ($\text{h}\bar{\text{a}}\text{r}\bar{\text{a}}\text{r}$ - um e/ao outro) em libras, considerando anáfora dentro da estrutura sentencial formal.

Segundo a nossa hipótese, os Locs são elementos eminentemente dêiticos, que pertencem à categoria D-DP; e a dêixis está intrínseca ao Loc na sua forma de articulação e na sua estrutura gramatical, porque os Locs fazem sempre apontação direta dos referentes, em qualquer parte do discurso. Podemos dizer que a dêixis se instaura no ato do discurso, tomando pontos de referência por “apontação” e esses pontos dizem respeito às pessoas do discurso. Esta é a base de constituição do Loc. Assim é que esses elementos atuam como determinantes construindo a referência nominal, podendo atuar também como proformas.

Quanto à nossa proposta de análise para a estrutura do DP em libras, tomamos como base as propostas de Schoorlemmer (1998) e de Longobardi (1994) no que diz respeito à checagem dos traços funcionais do DP pelo determinante e pelo próprio nome; e a proposta de Carvalho (2008) no que diz respeito à geometria desses traços funcionais. Segundo as nossas análises, a libras possui um traço de dêixis nos núcleos funcionais do nominal (D, Pos, Q), que deve ser obrigatoriamente checado para produzir leitura referencial. A checagem desse traço é feita ou pelo Loc ou pelo nome (N), se o item que o checa apresenta a propriedade da dêixis ou se autorreferencia, como os nomes próprios e alguns nomes comuns, em certos contextos. Vimos também que esse traço de dêixis é característico das categorias funcionais do nome em libras devido ao aspecto tridimensional dessa língua, que tem uma natureza espaço-visual. Com base nessa ideia propomos que a anteposição de um Loc ao nome – $\text{h}\bar{\text{a}}\text{r}\bar{\text{a}}\text{r}$ $\text{m}\bar{\text{u}}\text{l}\bar{\text{h}}\bar{\text{e}}\text{r}$ (Loc - MULHER) – e a posposição deste ao nome – $\text{m}\bar{\text{u}}\text{l}\bar{\text{h}}\bar{\text{e}}\text{r}$ $\text{h}\bar{\text{a}}\text{r}\bar{\text{a}}\text{r}$ (MULHER - Loc) – são determinadas pela necessidade de checagem dos traços [D] e [ϕ] presentes no núcleo D (sonda) pelo alvo $\text{h}\bar{\text{a}}\text{r}\bar{\text{a}}\text{r}$, portador dos traços [D[Dêitico]][Específico] e [ϕ [Indiv.[Definido]]]; pelo alvo $\text{h}\bar{\text{e}}\text{r}$, portador do traço [ϕ [Indiv.[Definido]]]; ou pelo nome que checa tanto o traço [D] quanto o traço [ϕ]. Nessa análise assumimos, com base em Carvalho (2008) e Béjar (2003), que a correspondência entre os traços de Sonda e Alvo é avaliada na raiz, isto é, os traços formais do núcleo D podem ser checados por alvos que

possuam as raízes [D] e [φ], independentemente de seus traços subespecificados. Estendemos o mesmo tipo de análise aos outros núcleos funcionais (Pos e Q).

Quanto à estrutura do Loc proforma, nossa proposta se fundamenta em análises como a de Torrego (1988), que vê nos demonstrativos e quantificadores riqueza de traços suficiente para legitimar a elipse nominal, em contraste com o artigo definido, que necessita de outros elementos com traços de pessoa para poder legitimar a elipse nominal, a qual é uma categoria vazia *pro*, conforme Lobeck (1995).

Por fim, comparando os dados dos três perfis de informantes quanto a aspectos de aquisição da libras, verificamos significativa diferença entre a ocorrência de Locs nos dados infantis (de SI1) e a ocorrência de Locs nos dados dos adultos (SI2 e SI3). Comparando os dados da criança (SI1) com o que apresentam os adultos, podemos dizer que essa criança ainda está em um dos estágios de aquisição da libras. Os dados de aquisição analisados indicam que: a) a aquisição segue um caminho em que, inicialmente, há grande frequência de *bare nouns* (83,3% para a criança (SI1) contra uma média de 48% para os adultos (SI2) e (SI3)); b) a criança produz muitos Locs não-articulados, numa frequência maior do que a que ocorre com adultos (8,3% da criança contra uma média de 1% dos adultos); e c) o Loc proforma tem uma presença forte no período de aquisição, ocorrendo em frequência maior do que a dos adultos (87,5% para a criança contra 71,7% em média para os adultos).

Esses dados de aquisição corroboram a análise de Kato (2000), segundo a qual a criança começa a aquisição por nomes próprios e comuns, adquirido depois os pronomes fortes, que são ligados ao conhecimento pragmático (interpessoal) e por fim o adquire os pronomes fracos, estruturas mais gramaticalizadas. Esse é o caminho que observamos nos dados de aquisição da categoria D (Loc) em libras: os nominais nus são os mais frequentes, nos dados infantis, seguidos pelos Locs proformas, depois pelos Locs determinantes pospostos e antepostos. Ou seja, os elementos mais frequentes nos dados infantis, em contraste com a dos adultos são os pragmáticos (interpessoais) – os nominais nus e as proformas – e a aquisição de elementos mais gramaticalizados e abstratos – Locs determinantes – se dá num momento posterior.

REFERÊNCIAS

ABNEY, S. P. **The English noun phrase in sentential aspects**. Ph.D. dissertation. Massachusetts: MIT, 1987.

ALMEIDA, Maria Antonieta P. Tigre. **Aquisição de Sentenças na Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Linguística, UESB. Bahia: Vitória da Conquista, 2013.

AUGUSTO, Marina R. A. **Marcação de número e genericidade: interpretação genérica na aquisição do PB**. Revista Letras Hoje. V. 42, nº1, p. 35-51. Porto Alegre, 2007.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. BASSETTO, Bruno Fregni; MURACHEO, Henrique Graciano (Trad.). 2ª ed.. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2001.

BARROS, Mariângela Estelita. *ELiS. Escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática*. 197f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2008.

BATTISON, R. **Phonological deletion in American sign language**. Sign Language Studies, v.5, 1974.

_____. **Lexical borrowing in American sign language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BÉJAR, S. **Phi-syntax: a teory of agreement**. PhD. Dissertation. Universiy of Toronto, 2003.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Tradução em português: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas. Pontes: 1976.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. 4. ed. Tradução em português: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas. Pontes: 1976.

BELLUGI, Ursula; KLIMA, Eward. **The acquisition of three morphological systems in American Sign Language**. *Papersand Reports on child Language Development*, v. 21,1982.

BORGES NETO, J. **Os Papeis do Possessivo no Sintagma Nominal**. Estudos Lingüísticos – Seminario do Gel, Mogi das Cruzes. (2), 62-69, 1978.

_____. **Os Possessivos como indicadores de referencia e atribuição**. D.E.L.T.A., (2), no1, 145-149, 1986.

BRITO, A. **Os possessivos em Portugues numa perspectiva de SintaxeComparada**. Revista da Faculdade de Letras – ‘Línguas e Literaturas’ XX:495-522, 2003.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAPOVILLA, Fernando; RAFAEL, Walkiria. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. vol. 1 e 2. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, Fapesp, Fundação Vitae, FENEIS, Brasil Telecom, 2001.

CARDINALETTIN, A.; STARKE, M. The Typology of Structural Deficiency: a Case Study of Three Classes of Pronouns. In: **Clitics in the Language of Europe**. Ed. Henk van Riemsdijk, 33-82. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1999.

CARVALHO, Dannel da Silva. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Linguística, Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Maceió, 2008.

CORREIA, C. N. **Estudos de Determinação: A Operação de quantificação qualificação em sintagmas nominais**. Fundacao Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

_____. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **The knowledge of language: its nature, origin and use**. Praeger: New York, 1986.

_____. **The Minimalist Program**. The MIT Press, Cambridge. Massachusetts, USA, 1995.

_____. **Novos horizontes no estudo da linguagem**. In D.E.L.T.A., vol. 13, nº Especial. Pp. 49-102, 1997.

_____. **Minimalist Inquiries: The Framework**. MITWPL 15. Cambridge. Mass: MITWPL, 1998.

_____. **O programa minimalista**. (Trad. Eduardo Paiva Raposo). Lisboa: Caminho, 1999.

DÉCHÂINE, R-M.; WITSCHKO, M. Decomposing pronouns. **Linguistic Inquiry**, v. 33, nº 3, pp. 409-442, 2002.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro, 2010.

FELIPE, Tanya A.. **Introdução à Gramática da LIBRAS**. Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais. Brasília, MEC/SEESP: Série Atualidades Pedagógicas 4, 1997: p. 81-123

_____. **Os processos de formação de palavras na Libras**. *Educação Temática Digital*, v. 7, 2006.

FLORÍPI, Simone Azevedo. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. Tese (Doutorado em Linguística), UNICAMP. São Paulo: Campinas, 2008.

- FUKUI, N E M. SPEAS. **Specifiers and Projection**. MIT working Papers 8:128-172, 1986.
- FRAMPTON. J.; GUTMANN, S. **Agreement is Feature Sharing**. Ms.:Northeastern University, 2000.
- FRIEDMAN, L. **On the semantics of space, time and person in American Sign Language**. *Language*, v. 51, 1976. p. 940-961.
- GIUSTI. **The birth of a functional category: from Latin ILLE to the Romance article and personal pronoun**. In G. Cinque and G. Salvi (eds.) *Current Studies in Italian Syntax: Essay Offered to Lorenzo Renzi*, Amsterdam: North Holland, pp. 157-171, 2001.
- HALL, D. G. **Constraints on the interpretation of proper names**. In: CLARK, Eve E (ed) *Child Language Research Forum*. Stanford Linguistics Association, 1993.
- HARLEY, H. and RITTER, E. **Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis**. *Language* 78, pp. 442-526, 2002.
- ILARI, Rodolfo. **Anáfora e Correferência: por que as duas noções não se identificam?** *Cad. Est. Ling.. UNICAMP*. v. 41, p. 91-109. Campinas, 2001.
- JIAMBO, Zhang. **Nomes nus e classificadores do chinês mandarim: uma análise a partir da tipologia linguística sobre os sintagmas nominais**. Dissertação para obtenças do título de Mestre. Programa de Pós-Graduação Semiótica e Linguística Geral, USP. São Paulo, 2008.
- KATO, Mary A.. **Nomes e pronomes na aquisição**. In. Congresso do ENAL. Porto Alegre. Anais: 2000.
- _____. **A evolução da noção de parâmetro**. *D.E.L.T.A.*, 18:2, 2002, 309-337.
- KATO, M.; NUNES, J. **A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese**, trabalho apresentado no Workshop do Projeto Temático: A Sintaxe do Portugues Brasileiro. 2007.
- KAYNE, R. S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: The MIT Press; 1994, 186p.
- KESTER, E.; SLEEMAN, P. (2002) **N-ellipsis in Spanish**. In: **Linguistics in the Netherlands**, John Benjamins, pp. 107-116. 2002.
- LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo. Ed. Ática, 1979.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. **As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição**. Tese (Doutor em Linguística), UNICAMP. São Paulo: Campinas, 2008.
- _____. **Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 10, p. 150-184, 2012.

LIDDEL, Scott. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: University press, 2003.

_____. **Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language**. *Língua*, v. 98: 1996.

_____. **Blended spaces and deixis in sign language discourse**. In: MCNEILL, Donald (Ed.). **Language and gesture**. Cambridge. University press: 2000.

LIGHTFOOT, David. **How to set parameters: arguments from language change**. First MIT Press paperback edition, 1991.

LOBECK, A. "Ellipsis: Functional heads, licensing, and identification", *Language*, vol. 72, nº 3, pp. 634-637. 1995.

LONGOBARDI, G. **Reference and Proper Names : A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form**. *Linguistic Inquiry* 25,4 : 609-665, 1994.

LOPES, C. R. **A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

LYONS. C. **Definiteness**. Cambridge/ New York: Cambridge University Press, 1999.

MACNAMARA, J. **Names for thinks**. Cambridg, Mass: the MIT Press, 1982.

MARTINHO, F. J. dos S. **A Elipse Nominal em Português e em Francês**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Portugal, 1998.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, v. 1, 2001.

MATOS, G. "Construções elípticas" in Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, Cap. 21, 2003.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo manual de sintaxe**. 3ª ed. Florianópolis. Ed. Insular, 2007.

MOREIRA, Renata. **Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes e verbos indicadores**. 2007. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo. 2007.

PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; SALLANDRE, Marie-Anne; WILKINSON, Erin. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice; Vasconcellos, BARBOSA, M. L. (Org.). **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Ed. Arara Azul. Florianópolis, 2006.

PRADO, L.C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. **Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10, p. 38-57, 2012.

QUADROS, R. M. de. **Phrases structure of brasilian sign language.** Porto Alegre: PUCRS, Tese deDoutorado, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos.** Porto Alegre. Ed. Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMA-SALLES, Heloisa; NAVES, R. Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos. Goiânia: Cãnone, 2010.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem.** 2ª ed.. Editorial Caminho, SA. Lisboa, 1992.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic.** N.Y., Macmillan, 1994.

SCHOORLEMMER, M. Possessors, Articles and Definiteness In: **Possessors, Predicates and Movement in The Determiner Phrase** , Artemis Alexiadou & Chris Wilder (eds), 56-86, John Benjamins Publishing Company, 1998.

SLEEMAN, P. "Licensing empty nouns in French", Language, vol. 74, nº 2, pp. 430-431. 1006.

STOKOE, William. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles.** Silver Spring, Md: Linstok Press, 1976.

_____. **Sign language structure.** Silver Spring: Linstok Press, [1960]1978.

_____. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language.** Maryland: Linstok Press, 1960.

SZABOLSCI, A. **Functional Categories in the Noun Phrase.** In. Kenesei (ed.) Approaches to Hungarian 2, 167-190-JTE. Szeged, 1987.

STOWELL, T. **The Role of the Lexicon in Syntax Theory.** In Stowel and Wehrli (eds), Syntax and Semantics, vol. 26. Syntax and the Lexicon, 9-18, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Língua Geral.**BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Orgs.). São Paulo. Ed. Cultrix, 2006.

TORREGO, E. **Evidence for Determiner Phrases.** Ms., University ofMassachusetts, Boston MA, 1988.

TRASK, Larry. **Dicionário de linguagem e linguística.** Tradução de Rodolfo Ilari, São Paulo: Contexto, 2004.

VELOSO, Brenda. Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira. In: LIMA-SALLES, Heloisa; NAVES, Rosana. **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cênone, 2010.

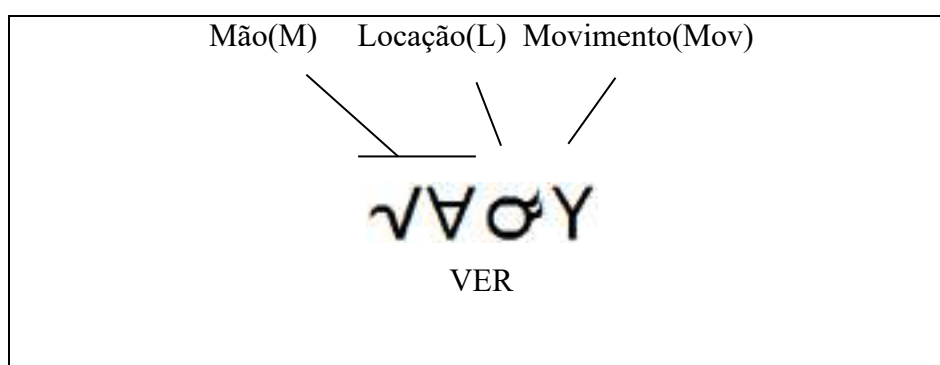
Apêndice 1:

Regras e caracteres do Sistema de Escrita SEL

A escrita SEL é caracterizada como um sistema de natureza trácica, porque é um sistema não-logográfico cujos caracteres (e diacríticos) representam os traços fonológicos distintivos participantes da articulação do sinal. Por essa característica este sistema se assemelha (não é idêntico) aos sistemas alfabéticos de escrita.

Descrição do sistema

Os caracteres (letras) deste sistema se subdividem em três macrossegmentos de acordo com as especificidades articulatórias dos sinais. São eles: *Mão(M)*, *Locação(L)* e *Movimento(Mov)*.



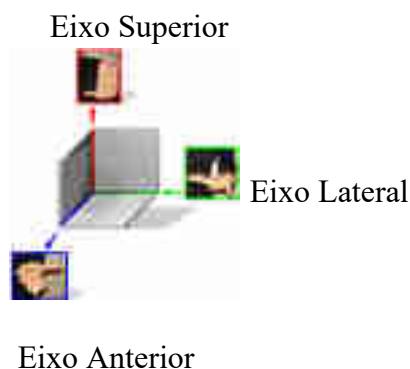
1. O MACROSSEGMENTO MÃO

O macrossegmento MÃO se forma por três elementos: *configuração de mão*, *eixo* e *orientação da palma*.

- 1.1 Configuração de mão** - A configuração da mão corresponde ao desenho que a mão apresenta e é representada na escrita SEL pelo formato do caractere. O sistema SEL apresenta um inventário de 52 tipos de configurações nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita, conforme figura abaixo.

Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
A				Ípsilon			
Bê				Zê			
Bê-Espraiado				Cinco			
Cê				Seis			
Cê-Espraiado				Concha			
Cê-Encolhido				Mão Espalmada			
Dê				Ele-Espalmado			
Dê-Encolhido				Mão Espraiada			
E				Argola			
Efe				Argola Indicadora			
Gequê				Argola Média			
Hagakapê				Legal			
Ijota				Garra			
Ijota Estendido				Garra Encolhida			
Ele				Gancho			
Erre				Pinça			
Uene				Pinça Dupla			
Uele				Pinça Espraiada			
O				Pegador			
Erre				Figa			
Esse				Pêra			
Tê				Anular Dobrado			
Vê				Namoro			
Vê-ele				Chifre			
Dábilo				Avião			
Xis				Desabrochar			

1.2 Eixos e orientação de palmas - Os eixos correspondem à posição da mão no início da realização do sinal – se com os dedos voltados para cima, para frente ou para a lateral.



No sistema SEL, marcamos o eixo e a orientação da palma (que são quatro possibilidades para cada eixo) com um caractere colocado logo em seguida ao caractere de configuração de mão (ver figura abaixo). As configurações de mão se apresentam em leitura espelhada e a mão esquerda fica invertida em relação à direita, que é considerada a mão principal na escrita, para destros e canhotos.

Eixo Superior:			
para frente	para trás	para dentro	para fora
MLΛ_ΜΛ	MLΛ_ΜΛ	MLC_ΜC	MLΔ_ΜΔ
Eixo Anterior:			
para cima	para baixo	para dentro	para fora
MLΨ_ΜΨ	MLϣ_Μϣ	MLΕ_ΜΕ	MLΘ_ΜΘ
Eixo Lateral:			
para cima	para baixo	para trás	para frente
MLϠ_ΜϠ	MLϡ_Μϡ	ML↵_Μ↵	ML>_Μ>

O eixo ainda pode aparecer invertido, sendo marcado por um diacrítico colocado acima do caractere de marcação do eixo, como mostrado abaixo.



Eixo Superior

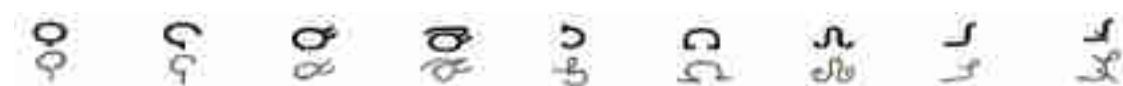


Eixo Superior Invertido

2. O MACROSEGMENTO LOCAÇÃO

O macrossegmento LOCAÇÃO representa um ponto do corpo envolvido na articulação do sinal. O sistema SEL o representa com 27 caracteres, na forma minúscula, nas versões mecânica e manuscrita.

Cabeça	rosto	olho	Sobran	barriga	testa	cabelo	Braço	cotovelo
			-				inteir	
			celha				o	



boca	buço	dente	nariz	orelha	língua	virilha	pulso	Antebraço
								o



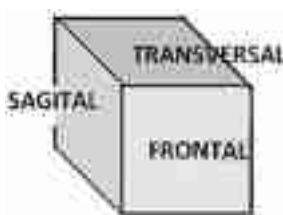
bochech	queix	pescoço	nuca	tórax	ombro	costas	perna	braço
a	o	o						



3. O MACROSSEGMENTO MOVIMENTO

O macrossegmento MOVIMENTO se divide em dois tipos: *de mão* e *de dedo*.

3.1 Movimento de mão - O movimento de mão se compõe com três elementos: *tipo*, *orientação* e *plano*. Na escrita SEL, plano e orientação são marcados por um traço (diacrítico) acrescido ao de tipo de movimento, formando 172 caracteres.⁷⁷

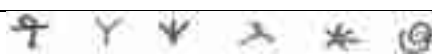


	Transcrição				Sagital				Frontal			
	P/ Fren te	P/ Frent e	P/ Trá s	P/ Tr ás	P/ Fren te	P/ Frent e	P/ Trá s	P/ Tr ás	P/ Ci ma	P/ Baix o	P/ Direi ta	P/ Es q.
semicirc ular	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
curvo	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
angular	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
angular duplo	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
sinuoso	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
ziguezag ue	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
diagonal	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y	Y
retilíneo	Y	Y							Y	Y	Y	Y

⁷⁷Sinuoso e Ziguezague não apresentam as orientações para frente e para trás no plano sagital.

								ᵀᵀ	ᵀᵀ
retilíneo breve	Ȳ	Ȳ						ᵀ	ᵀ
retilíneo brevíssimo	Ȳ	Ȳ						ᵀ	ᵀ
retilíneo vai e volta								ᵀ	ᵀ
circular	ᵀ	ᵀ	ᵀ	ᵀ	ᵀ	ᵀ	ᵀ	ᵀ	ᵀ

Formas manuscritas (básicas):



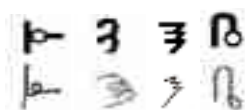
Movimentos que não precisam de planos:

Batida

Giro de Pulso

Tremura

Inversão de Palma



3.2 Movimento de dedo - O movimento de dedo é representado no sistema SEL por caracteres que correspondem a cada um dos cinco dedos da mão, os quais podem aparecer isolados ou combinados, a depender de quais dedos estão envolvidos no movimento.



$$\alpha + \delta + \lambda + \iota + \rho = \alpha\delta\lambda\iota\rho$$

α δ λ ι ρ αδλιρ

Juntando dedos isolados e formas combinadas temos 19 caracteres de dedos.

Polegar	Indicador	Médio	Anular	Mínimo
Duque		Terno	Quadra	Quina
Laço	Laçada	Rabicho	Agulha	Cacho
Laço Médio		Rabicho Médio	Agulha Média	
Mínimo Ausente		Indicador Ausente		

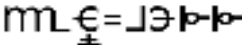
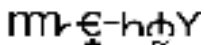
Sobre os caracteres de dedos recaem diacríticos que indicam o tipo de movimento realizado pelos dedos. (Exemplos: , , , , , , etc.) São 11 os diacríticos de movimento de dedos.

Abrir gradativamente	Abrir	Abrir e fechar	Abrir duas vezes	Fechar duas vezes	Ziguezague
Fechar gradativamente	Fechar	Esfregar		Movimento tesoura	Dobrar dedo

4. DEMAIS DIACRÍTICOS

O sistema SEL ainda apresenta diacríticos colocados abaixo dos caracteres de eixo, para marcar os pontos em que a mão é tocada, e diacríticos colocados acima dos caracteres de

configuração de mão (apenas da mão principal), para marcar a expressão facial necessária à composição de alguns sinais.

Pontos de toque:	Expressões faciais:
 PAPEL	 MAGRO
 PERGUNTAR	 ZANGADO
 ENTENDER	 ALEGRE

São 11 os diacríticos para marcação de pontos de toque. Esses diacríticos também podem aparecer sob os caracteres de dedos e de partes do corpo.

Palma da mão	Dorso da mão	Pontas dos dedos	Lado do dedo polegar	Lado do dedo mínimo	Entre os dedos
					
Em volta dos dedos	Parte inferior da mão (pulso)	À esquerda (de partes do corpo)	À direita (de partes do corpo)		Parte superior (em partes do corpo e da mão)
					

E são 20 os diacríticos de expressões faciais.

Alegre/ feliz	Triste/ desanimado	Com medo / horrorizado/ assustado	Surpreso/ boquiaberta	Enojado/ insatisfeito/ com desprezo
				

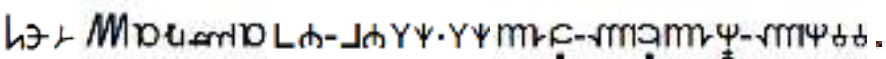
Irônico	Zangado	Azedo	Olhos fechados	Abrindo olhos
↵	↵↵	✕	↵	↵
Bochechas infladas	Uma bochecha inflada	Bochechas comprimidas	Dentadas	Mexendo lábios
ⓘ	)	)(	w	~
Soprando	Sugando	Ziguezague de queixo	Negação	Palavras interrogativas
○	⊙	≡	↵	?

5. A PONTUAÇÃO

Quanto aos sinais de pontuação, a escrita SEL utiliza pontuação semelhante à do espanhol, com os sinais de interrogação e exclamação ocorrendo também no início da sentença, mas invertidos. A única coisa que se altera é o ponto final que é um pequeno xis (⌘). Há ainda uma marca de intensificação adverbial representada por duas barras verticais (||) colocadas logo após o item lexical.

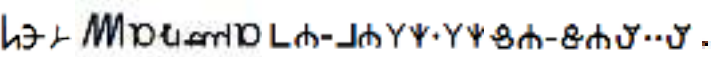
Apêndice 2:
Teste de Aceitabilidade

1. Apresentação - Apresentar duas gravuras iguais de uma garota chamada Maria (diz: Nessa casa tem 2 Marias, sinal M).

A - 

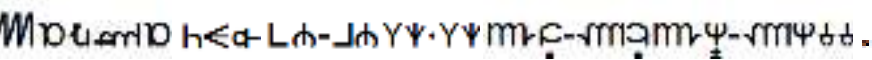
Loc_{Maria} MARIA TRABALHAR ESCOLA.

Esta Maria trabalha em uma escola.

B - 

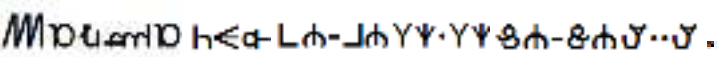
Loc_{Maria} MARIA TRABALHA SUPERMERCADO.

‘Esta Maria trabalha em um supermercado.’

C - 

MARIA Loc_{Maria} TRABALHAR ESCOLA

‘A Maria trabalha em uma escola.’

D - 

MARIA Loc_{Maria} TRABALHAR ESCOLA

‘A Maria trabalha em uma escola.’

1	A	-	()	SIM	()	NÃO
1	B	-	()	SIM	()	NÃO
1	C	-	()	SIM	()	NÃO
1	D	-	()	SIM	()	NÃO

Qual é melhor?

1A ou 1C?

1A () ou 1C () ou igual ()

Qual é melhor?

1B ou 1D?

1B () ou 1D () ou igual ()

2. Apresentação - Apresentar duas gravuras iguais de um menino (diz: Nessa casa tem 2 meninos).

A - ከፊት ህፃናት ጠቅላይ ጥያቄዎች.

Loc_{menino} MENINO ESTUDAR.

Este menino estuda.

B - ከፊት ህፃናት ጠቅላይ ልብ-ጋራ ሃሳቦች.

Loc_{menino} MENINO TRABALHAR.

Este menino trabalha.

C - ህፃናት ጠቅላይ ከፊት ጥያቄዎች.

MENINO Loc_{menino} ESTUDAR.

O menino estuda.

D - ህፃናት ጠቅላይ ከፊት ልብ-ጋራ ሃሳቦች.

MENINO Loc_{menino} TRABALHAR.

O menino trabalha.

2 A	-	()	SIM	()	NÃO
2 B	-	()	SIM	()	NÃO
2 C	-	()	SIM	()	NÃO
2 D	-	()	SIM	()	NÃO

Qual é melhor?

2A ou 2C?

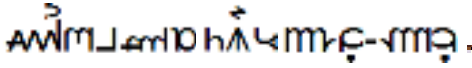
2A ()	ou	2C ()	ou	igual ()
--------	----	--------	----	-----------

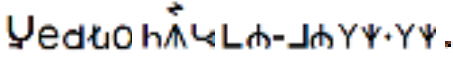
Qual é melhor?

2B ou 2D?

2B ()	ou	2D ()	ou	igual ()
--------	----	--------	----	-----------

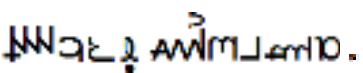
3. APRESENTAÇÃO: Apresentar 2 figuras com nomes próprios (Julia e Pedro).

3 A - .
JÚLIA IR CASA
'Júlia foi para casa.'

3 B - .
PEDRO IR TRABALHAR
'Pedro foi para o trabalho.'

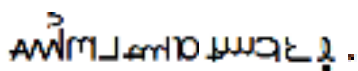
3 A	-	()	SIM	()	NÃO
3 B	-	()	SIM	()	NÃO

4. APRESENTAÇÃO: Apresentar a figura de Júlia.

4 A - 

CONHECER JÚLIA

‘Eu conheço Júlia.’

4 B - 

JÚLIA CONHECER

‘Júlia, eu conheço.’

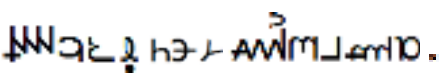
4 A	-	()	SIM	()	NÃO
4 B	-	()	SIM	()	NÃO

Qual é melhor?

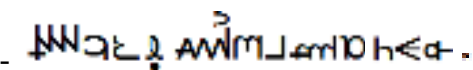
4 A ou 4 B?

4 A	()	ou	4 B	()	ou	igual	()
-----	-----	----	-----	-----	----	-------	-----

5. APRESENTAÇÃO: Apresentar a figura de Júlia.

5 A - CONHECER Loc_{Júlia}JÚLIA

‘Eu conheço esta Júlia.’

5 B - CONHECER JÚLIA Loc_{Júlia}

‘Eu conheço a Júlia.’

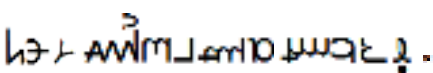
5 A	-	()	SIM	()	NÃO
5 B	-	()	SIM	()	NÃO

Qual é melhor?

5A ou 5B?

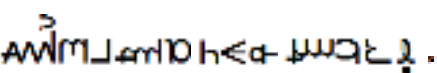
5A () ou 5B () ou igual ()

6. APRESENTAÇÃO: Apresentar a figura de Júlia.

6 A - 

Loc_{Júlia} JÚLIA CONHECER

‘Esta Júlia eu conheço.’

6 B - 

JÚLIA Loc_{Júlia} CONHECER

‘A Júlia eu conheço.’

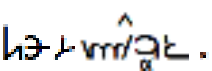
6 A - () SIM () NÃO
6 B - () SIM () NÃO

Qual é melhor?

6 A ou 6 B?

6A () ou 6B () ou igual ()

7. APRESENTAÇÃO: Apresentar uma figura com alguém triste.

7 A - 

Loc TRISTE.

‘Ele está triste.’

7 B - ገጠኑ ስላለው ነው።

TRISTE Loc

‘Ele está triste.’

7 A	-	()	SIM	()	NÃO
7 B	-	()	SIM	()	NÃO

Qual é melhor?

7A ou 7 B?

7A () ou 7B () ou igual ()

8. APRESENTAÇÃO: Apresentar figura de uma mulher.

8 A - ስላለው ስላለው ስላለው ስላለው ነው።

MULHER Loc_{mulher} GOSTAR CHOCOLATE.

A mulher gosta de chocolate.

8 B- ስላለው ስላለው ስላለው ስላለው ነው።

Loc_{mulher} MULHER GOSTAR CHOCOLATE.

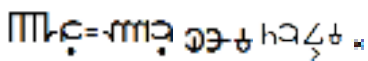
Esta mulher gosta de chocolate.

8 C - ስላለው ስላለው ስላለው ስላለው ነው።

Loc_{mulher} MULHER GOSTAR CHOCOLATE

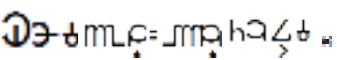
Esta mulher gosta de chocolate.

8 A	-	()	SIM	()	NÃO
8 B	-	()	SIM	()	NÃO
8 C	-	()	SIM	()	NÃO

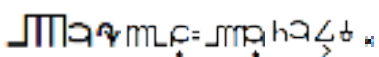
8 D - 

CASA Loc_{casa} AMARELA.

A casa amarela.

8 E - 

Loc_{casa} CASA AMARELA.

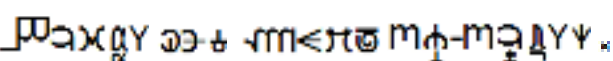
8 F - 

Loc_{casa} CASA AMARELA.

Esta casa amarela.

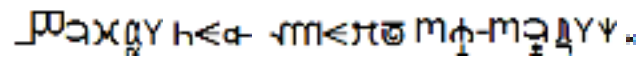
8 D	-	()	SIM	()	NÃO
8 E	-	()	SIM	()	NÃO
8 F	-	()	SIM	()	NÃO

9 APRESENTAÇÃO: As mesmas figuras anteriores.

9 A - 

MULHER Loc_{mulher} GOSTAR CHOCOLATE.

A mulher gosta de chocolate.

9 B - 

MULHER Loc_{mulher} GOSTAR CHOCOLATE

A mulher gosta de chocolate.

Qual é melhor?

9A ou 9B?

9A () ou 9B () ou igual ()

9 C- ዕጉፍ ሥጋጽፍሃ ማፋጠን ጠቅ-ጠጋፊሃሂ።

Loc_{mulher} MULHER GOSTAR CHOCOLATE.

‘Esta mulher gosta de chocolate.’

9 D- ከጉፍ ሥጋጽፍሃ ማፋጠን ጠቅ-ጠጋፊሃሂ።

Loc_{mulher} MULHER GOSTAR CHOCOLATE.

Esta mulher gosta de chocolate.

Qual é melhor?

9 B ou 9 D?

9B () ou 9D () ou igual ()

10 . Apresentação - Apresentar uma gravura com um pinto amarelo.

10 A - ከጉፍ ሥጋጽፍሃ ከጋረፍ ማፋጠን ጠቅ-ጠጋፊሃሂ።

Loc_{pinto} PINTO AMARELO COMER TUDO.

‘Este pinto amarelo comeu tudo.’

10 B - ሥጋጽፍሃ ከጋረፍ ከፋጠን ማፋጠን ጠቅ-ጠጋፊሃሂ።

PINTO AMARELO Loc_{pinto} COMER TUDO.

‘O pinto amarelo comeu tudo.’

10 C - ሥጋጽፍሃ ከፋጠን ከጋረፍ ማፋጠን ጠቅ-ጠጋፊሃሂ።

PINTO Loc_{pinto} AMARELO COMER TUDO.

‘O pinto amarelo comeu tudo.’

10 A	-	()	SIM	()	NÃO
10 B	-	()	SIM	()	NÃO
10 C	-	()	SIM	()	NÃO

Qual é melhor?

10A , 10b ou 10 C?

10 A () ou 10 B () ou 10 C () ou igual ()

11 .APRESENTAÇÃO: Apresentar frases.

11 A - ፊጋጽጽ ልጅ ምስጽጽ ሕፃን-ሕፃን/ፊጋጽጽ ።

MULHER CRIANÇA GOSTAR BRINCAR.

Menina gosta de brincar.

11 B - ልጅ ፊጋጽጽ ምስጽጽ ሕፃን-ሕፃን/ፊጋጽጽ ።

CRIANÇA MULHER GOSTAR BRINCAR.

Menina gosta de brincar.

11 A - () SIM () NÃO
11 B - () SIM () NÃO

11 C - ፊጋጽጽ ልጅ ምስጽጽ ሕፃን-ሕፃን/ፊጋጽጽ ።

MULHER CRIANÇA GOSTAR BRINCAR.

Menina gosta de brincar.

11 C

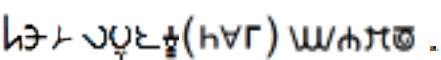


()



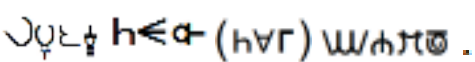
()

14 APRESENTAÇÃO: Explicar que vai falar de características genéricas. (qualquer um)

14 A –  .

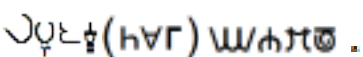
Lo_{homem} HOMEM É VALENTE.

‘Este homem é valente.’

14 B –  .

HOMEM Lo_{homem} É VALENTE.

‘O homem é valente.’

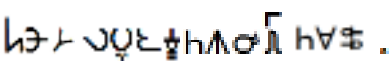
14 C –  .

HOMEM É VALENTE.

‘Homem é valente.’

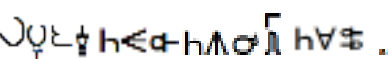
14 A	-	()	SIM	()	NÃO
14 B	-	()	SIM	()	NÃO
14 C	-	()	SIM	()	NÃO

15 APRESENTAÇÃO: Explicar que vai falar de características genéricas.

15 A –  .

Lo_{homem} HOMEM CHORAR NÃO

‘Este homem não chora.’

15 B –  .

HOMEM Lo_{homem} CHORAR NÃO

‘O homem não chora.’

15 C –  .

HOMEM CHORAR NÃO

‘Homem não chora.’

- | | | | | | |
|------|---|-----|-----|-----|-----|
| 15 A | - | () | SIM | () | NÃO |
| 15 B | - | () | SIM | () | NÃO |
| 15 C | - | () | SIM | () | NÃO |

16. APRESENTAÇÃO: Explicar que vai falar de características genéricas. (qualquer um)

16A – ከፊት ሆኖ ማለት (ከህገ) ግዴታ ማለት ነው።

Loc_{gato} GATO É ANIMAL.

Gato é animal.

16 B – ሆኖ ማለት ከፊት (ከህገ) ግዴታ ማለት ነው።

GATO Loc_{gato} É ANIMAL.

Gato é animal.

16 C – ሆኖ ማለት (ከህገ) ግዴታ ማለት ነው።

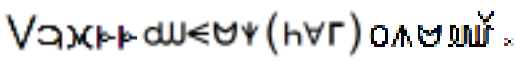
GATO É ANIMAL

Gato é animal.

- | | | | | | |
|------|---|-----|-----|-----|-----|
| 16 A | - | () | SIM | () | NÃO |
| 16 B | - | () | SIM | () | NÃO |

17. APRESENTAÇÃO: Explicar que vai falar de características genéricas.

17 A – ከፊት ሆኖ ማለት (ከህገ) ግዴታ ማለት ነው።

18 D – 

VINHO UVA É BOM.

Vinho de uva é bom.

18 A	-	()	SIM	()	NÃO
18 B	-	()	SIM	()	NÃO
18 C	-	()	SIM	()	NÃO
18 D	-	()	SIM	()	NÃO

O que significa?

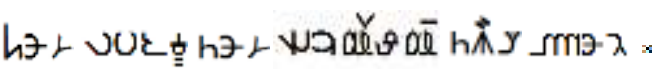
18 A – Loc vinho Loc uva é bom. - () O vinho DESSA uva? ou () O vinho DE uva?

18 B – Vinho Loc uva é bom. - () O vinho DESSA uva? ou () O vinho DE uva?

18 C – Vinho uva Loc é bom. - () O vinho DESSA uva? ou () O vinho DE uva?

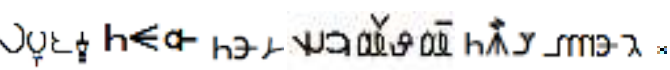
18 D - Vinho uva é bom. - () O vinho DESSA uva? ou () O vinho DE uva?

19. APRESENTAÇÃO: Apresentar frases.

19 A – 

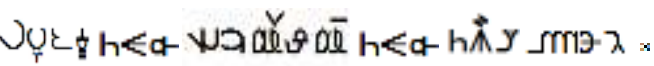
Loc_{homem} HOMEM Loc_{lua} LUA IR JÁ.

Este homem já foi nesta lua.

19 B – 

HOMEM Loc_{homem} Loc_{lua} LUA IR JÁ.

O homem já foi nesta lua.

19 C – 

HOMEM Loc_{homem} LUA Loc_{lua} IR JÁ.

O homem já foi à lua.

19 D –

HOMEM LUA IR JÁ.

Homem já foi lua.

- | | | | | | |
|------|---|-----|-----|-----|-----|
| 19 A | - | () | SIM | () | NÃO |
| 19 B | - | () | SIM | () | NÃO |
| 19 C | - | () | SIM | () | NÃO |
| 19 D | - | () | SIM | () | NÃO |

Perguntar qual o sentido.

19 A – Loc homem Loc lua ir já. - () Este homem () Qualquer homem () A raça humana

19 B – Homem Loc Loc lua ir já. - () Este homem () Qualquer homem () A raça humana

19 C – Homem Loc lua Loc ir já. - () Este homem () Qualquer homem () A raça humana

19 D - Homem lua ir já. - () Este homem () Qualquer homem () A raça humana

20 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases relativas restritivas.

20 A –

Loc_{homem} HOMEM MARIA GOSTA (EU) CONHECER.

Este homem que Maria gosta eu conheço.

20 B –

HOMEM Loc_{homem} MARIA GOSTA (EU) CONHECER.

O homem que Maria gosta eu conheço.

20 C – ህፃናት ለሚጠቀሙት ሰዎች ይገባል።

HOMEM MARIA GOSTA (EU) CONHECER.

Homem Maria gosta (eu) conhecer.

- | | | | | | |
|------|---|-----|-----|-----|-----|
| 20 A | - | () | SIM | () | NÃO |
| 20 B | - | () | SIM | () | NÃO |
| 20 C | - | () | SIM | () | NÃO |

21 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases relativas apositivas.

21 A – እሱም ለሚጠቀሙት ሰዎች (አላን) ይገባል።

Loc_{HOMEM} MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO

Ele, que Maria convidou, é mal educado.

21 B – (Loc_{EU} olha para Loc_{HOMEM}) ለሚጠቀሙት ሰዎች (አላን)

MARIA CONVIDAR (É)

ይገባል።

EDUCADO NÃO

Ele, que Maria convidou, é mal educado.

21 C – ለሚጠቀሙት ሰዎች (አላን) ይገባል።

MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO

que Maria convidou, é mal educado.

- | | | | | | |
|------|---|-----|-----|-----|-----|
| 21 A | - | () | SIM | () | NÃO |
| 21 B | - | () | SIM | () | NÃO |
| 21 C | - | () | SIM | () | NÃO |

22 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases relativas resumptiva.

22 A – ከጅቱ ጋህድ፤ ለሥዕሩ ጠረቃ-ጠረቃ... ይገባል።

Loc_{homem} HOMEM MARIA CONVIDAR Loc_{ele} EU CONHECER

Este homem que Maria convidou ele, eu conheço.

22 B – ከጅቱ ጋህድ፤ ለሥዕሩ ጠረቃ-ጠረቃ... ይገባል። LocNA

Loc_{homem} HOMEM MARIA CONVIDAR Loc_{ele} EU CONHECER

Este homem que Maria convidou ele, eu conheço.

22 C – LocNA ጋህድ፤ ለሥዕሩ ጠረቃ-ጠረቃ... ይገባል። LocNA

Loc_{ele} HOMEM MARIA CONVIDAR Loc_{ele} EU CONHECER

Este homem que Maria convidou ele eu conheço.

22 A	-	()	SIM	()	NÃO
22 B	-	()	SIM	()	NÃO
22 C	-	()	SIM	()	NÃO

23 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases:

23 A – ከጅቱ ሃባ ጠባቢ (ከሃገ) ሠላሳል።

Loc_{AMIGO} SEU AMIGO É BONITO

Este seu amigo é bonito.

23 B- ከጅቱ ጠባቢ ሃባ (ከሃገ) ሠላሳል።

Loc_{AMIGO} AMIGO SEU É BONITO

Este amigo seu é bonito.

23 C- ሃባ ጠባቢ ከጅቱ (ከሃገ) ሠላሳል።

SEU AMIGO LocAMIGO É BONITO

Seu amigo, ele é bonito.

23 D – ՍՈՅ ԻՔՁ ՄՍՍԻԻԻ (ԻՎԴ) ՎՎՆՏԱՆԻ .

SEU LocAMIGO AMIGO É BONITO

O seu amigo é bonito.

23 E – ՍՈՅ ՄՍՍԻԻԻ (ԻՎԴ) ՎՎՆՏԱՆԻ .

SEU AMIGO É BONITO

Seu amigo é bonito.

23 A -	()	SIM	()	NÃO
23 B -	()	SIM	()	NÃO
23 C -	()	SIM	()	NÃO
23 D -	()	SIM	()	NÃO
23 E -	()	SIM	()	NÃO

24 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases:

24 A – LocNA. ՍՈՅ ՄՍՍԻԻԻ (ԻՎԴ) ՎՎՆՏԱՆԻ .

LocNA. SEU AMIGO É BONITO.

Este seu amigo é bonito.

24 B- LocNA. ՄՍՍԻԻԻ ՍՈՅ (ԻՎԴ) ՎՎՆՏԱՆԻ .

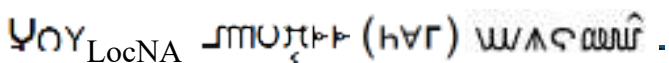
LocNA. AMIGO SEU É BONITO.

Este amigo seu é bonito.

24 C- ՍՈՅ ՄՍՍԻԻԻ LocNA. (ԻՎԴ) ՎՎՆՏԱՆԻ .

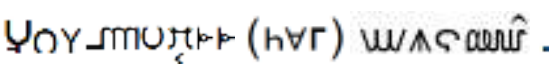
SEU AMIGO LocNA É BONITO.

O seu amigo é bonito.

24 D –  .

SEU LocNA AMIGO É BONITO.

O seu amigo é bonito.

24 E –  .

SEU AMIGO É BONITO.

Seu amigo é bonito.

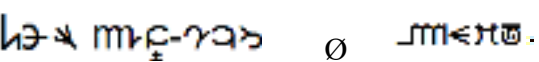
- | | | | | |
|--------|-----|-----|-----|-----|
| 24 A - | () | SIM | () | NÃO |
| 24 B - | () | SIM | () | NÃO |
| 24 C - | () | SIM | () | NÃO |
| 24 D - | () | SIM | () | NÃO |
| 24 E - | () | SIM | () | NÃO |

25 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases:

25 A –  .

TODOS LocP3p EU GOSTAR

‘De todos eles eu gosto.’

25 B-  .

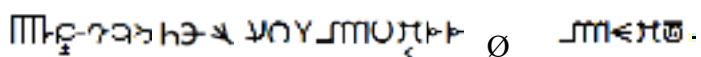
LocP3 TODOS EU GOSTAR.

‘Deles todos eu gosto.’

25C –  .

TODOS LocP3p EU GOSTAR

‘De todos eles eu gosto.’

25D –  .

TODOS LocAMIGOS SEUS AMIGOS EU GOSTAR

‘De todos estes seus amigos eu gosto.’

25E – ሙሉውም ልጅ ለሁሉም ልጆች ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡

TODOS LocAMIGOSSEUS AMIGOS EU GOSTAR

‘De todos estes seus amigos eu gosto.’

24F – ሙሉውም ልጅ ለሁሉም ልጆች ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡

TODOS LocAMIGOS AMIGOS SEUS EU GOSTAR

‘De todos estes amigos seus eu gosto.’

25 G – ሙሉውም ልጅ ለሁሉም ልጆች ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡

TODOS LocAMIGOSAMIGOS SEUS EU GOSTAR

‘De todos estes amigos seus eu gosto.’

- | | | | | |
|--------|-----|-----|-----|-----|
| 25 A - | () | SIM | () | NÃO |
| 25 B - | () | SIM | () | NÃO |
| 25 C - | () | SIM | () | NÃO |
| 25 D - | () | SIM | () | NÃO |
| 25 E - | () | SIM | () | NÃO |
| 25 F - | () | SIM | () | NÃO |
| 25 G - | () | SIM | () | NÃO |

26 APRESENTAÇÃO: Apresentar frases:

26 A – [ሙሉውም ልጅ ለሁሉም ልጆች ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡]፡፡ [ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡]፡፡

MARIA LocMARIA JOÃO LocJOÃO AMAR LocMARIA/JOÃO(UM AO OUTRO)

A Maria e o João amam um ao outro.

26 B – [ሙሉውም ልጅ ለሁሉም ልጆች ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡]፡፡ [ልጅ ሆኖ ይገኛል፡፡]፡፡

MARIA JOÃO AMAR LocMARIA/JOÃO(UM AO OUTRO)

Aria e João amam um ao outro.

26 C – [Maria LocNA João LocNA]_i amar [um ao outro]_i .

MARIA Loc MARIA JOÃO LocJOÃO AMAR LocMARIA/JOÃO(UM AO OUTRO)

A Maria e o João amam um ao outro.

26 D – [Esta Maria este João]_i amar [um ao outro]_i .

LocMARIA MARIA LocJOÃO JOÃO AMAR LocMARIA/JOÃO(UM AO OUTRO)

Esta Maria e este João amam um ao outro.

26 A	-	()	SIM	()	NÃO
26 B	-	()	SIM	()	NÃO
26 C	-	()	SIM	()	NÃO
26 D	-	()	SIM	()	NÃO